



.....

VIAGEM PITORESCA

PELOS RIOS PARANÁ,
PARAGUAI,
SÃO LOURENÇO,
CUIABÁ E O ARINOS

C. Bartolomé Bossi

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Volume 101

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

- 1 – *O Rio de Janeiro do Meu Tempo*, Luís Edmundo.
- 2 – *Canudos e Outros Temas*, Euclides da Cunha.
Apresentação Cyl Gallindo.
- 3 – *Memórias do Meu Tempo*, Pereira da Silva.
- 4 – *O Ensino Público no Brasil*, A. de Almeida
Oliveira. Prefácio Professor David Gueiros.
- 5 – *A Campanha de Canudos*, Aristides A. Milton.
- 6 – *Diário da Assembléia Geral Constituinte e Le-
gislativa do Império do Brasil – 1823 – Vols.
I, II e III.*
- 7 – *O Abolicionismo*, Joaquim Nabuco.
- 8 – *Missão Rondon*. Apontamentos de autoria de
Cândido Mariano de Silva Rondon.
- 9 – *Ensaio e Estudos*, Capistrano de Abreu.
- 10 – *Luiz Carlos Prestes, o Constituinte, o Senador
(1946 – 1948)*. Organizador: Sérgio Braga.
- 11 – *A Ilusão Americana*, Eduardo Prado.
- 12 – *Os Deputados Brasileiros nas Cortes Gerais de
1821*, Gomes de Carvalho.
- 13 – *Dois Anos no Brasil*, F. Biard.
- 14 – *Balmaceda*, Joaquim Nabuco.
- 15 – *Conselhos aos Governantes* (reimpressão).
Autores diversos.
- 16 – *Narrativa de Serviços no Libertar-se o Brasil
da Dominação Portuguesa*, Lorde Cochrane.
- 17 – *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*, Alfred
Russel Wallace.
- 18 – *A Independência e o Império do Brasil*, A. J. de
Melo Moraes.
- 19 – *História do Império*, Tobias Monteiro.
- 20 – *História da Independência do Brasil*, Francisco
Adolfo Varnhagen (Visconde de Porto Seguro).
- 21 – *A Intervenção Estrangeira Durante a Revolta
de 1893*, Joaquim Nabuco.
- 22 – *Relatório da Comissão Exploradora do Planalto
Central do Brasil – Relatório Cruis*, Luís Cruis.
- 23 – *História da Cidade de São Paulo*, Afonso de
E. Taunay.
- 24 – *Na Capitania de São Vicente*, Washington Luís.
- 25 – *História da Capitania de São Vicente*, Pedro
Taques de Almeida Pais Leme.
- 26 – *O Ocaso do Império*, Oliveira Viana.
- 27 – *Populações Meridionais do Brasil*, Oliveira Viana.
- 28 – *Jornal de Timon*, João Francisco de Lisboa.
- 29 – *Notas para a História do Ceará*, Guilherme
Studart.
- 30 – *Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará*,
Antônio Ladislau Monteiro Baena.
- 31 – *Fundação de Belém do Pará*, Ribeiro do Amaral.
- 32 – *Os Muckers – Episódio Histórico Extraído da
Vida Contemporânea nas Colônias Alemãs no
Rio Grande do Sul*, Padre Ambrósio Schupp.

- 33 – *Diário da Minha Viagem para Filadélfia*, Hipólito da Costa Pereira.
- 34 – *História Econômica do Brasil*, Roberto C. Simonsen.
- 35 – *Amapá, a Terra onde o Brasil Começa*, José Sarney e Pedro Costa.
- 36 – *Dom Pedro e Dom Miguel – A Querela da Sucessão*, Oliveira Lima.
- 37 – *O Velho Senado*, Machado de Assis.
- 38 – *Código Filipino*. Vols. I, II, III, IV.
- 39 – *A Abolição*, Osório Duque Estrada.
- 40 – *O Presidente Campos Sales na Europa*, Tobias Monteiro.
- 41 – *Memórias da Rua do Ouvidor*, Joaquim Manuel de Macedo.
- 42 – *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*, Joaquim Manuel de Macedo.
- 43 – *O Brasil Holandês sob o Conde João Maurício de Nassau*, Gaspar Barléu.
- 44 – *As Aventuras de Nhô-Quim e Zé Caipora*, Ângelo Agostini.
- 45 – *A Casa de Cunhaú*, Luís da Câmara Cascudo.
- 46 – *As obras dos engenheiros militares Galluzzi e Sambuceti e do arquiteto Landi no Brasil Colônia do séc. XVIII*, Ricardo Fontana.
- 47 – *História dos Símbolos Nacionais*, Milton Luz.
- 48 – *História do Positivismo no Brasil*, Ivan Monteiro de Barros Lins.
- 49 – *A Amazônia na Era Pombalina*, Marcos Carneiro de Mendonça. Tomos I, II e III.
- 50 – *Inventário de Documentos Históricos Brasileiros*, Ivoncísio Meira de Medeiros.
- 51 – *A Verdade como Regra das Ações*, Farias Brito.
- 52 – *O Mundo Interior*, Farias Brito.
- 53 – *A Base Física do Espírito*, Farias Brito.
- 54 – *Inéditos e Dispersos – Notas e Variações sobre Assuntos Diversos*, Farias Brito.
- 55 – *Finalidade do Mundo*, Farias Brito. Vols. I, II e III.
- 56 – *O Estado Independente do Acre e J. Plácido de Castro – Excertos Históricos*, Genesco de Castro.
- 57 – *500 Anos de História do Brasil*, Olavo Leonel Ferreira.
- 58 – *A Vida de Luiz Viana Filho*, João Justiniano da Fonseca.
- 59 – *Campanha Abolicionista no Recife – Eleições de 1884*, Joaquim Nabuco.
- 60 – *O Meio Circulante no Brasil*, Julius Meili.
- 61 – *Viagem ao Rio Prata e ao Rio Grande do Sul*, Arsene Isabelle.
- 62 – *ABC das Alagoas – Dicionário Bibliográfico, Histórico e Geográfico de Alagoas*, Francisco Reinaldo Amorim de Barros – Tomos I e II.
- 63 – *Batalha de Caiboaté – Episódio Culminante da Guerra das Missões*, General Ptolomeu de Assis Brasil.



Bartolomé Bossi (Gênova, 1819[?]-Niza, 1890).

.....

VIAGEM PITORESCA

PELOS RIOS PARANÁ, PARAGUAI,
SÃO LOURENÇO, CUIABÁ E O ARINOS,
TRIBUTÁRIO DO GRANDE AMAZONAS



Mesa Diretora

Biênio 2007/2008

Senador Garibaldi Alves Filho
Presidente

Senador Tião Viana
1º Vice-Presidente

Senador Álvaro Dias
2º Vice-Presidente

Senador Efraim Morais
1º Secretário

Senador Gerson Camata
2º Secretário

Senador César Borges
3º Secretário

Senador Magno Malta
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Papaléo Paes
Senador João Vicente Claudino

Senador Antônio Carlos Valadares
Senador Flexa Ribeiro

Conselho Editorial

Senador José Sarney
Presidente

Joaquim Campelo Marques
Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Edições do Senado Federal – Vol. 101

VIAGEM PITORESCA
PELOS RIOS PARANÁ, PARAGUAI,
SÃO LOURENÇO, CUIABÁ E O ARINOS,
TRIBUTÁRIO DO GRANDE AMAZONAS

COM A DESCRIÇÃO DA PROVÍNCIA DE MATO GROSSO EM
SEU ASPÉCTO FÍSICO, GEOGRÁFICO, MINERALÓGICO
E SEUS PRODUTOS NATURAIS

C. Bartolomé Bossi

Tradução de
*Maria do Rosário de Fátima
Gomes Godinho*



Brasília – 2008

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
Vol. 101

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2008

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF

CEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm](http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm)

Todos os direitos reservados

.....

Bossi, Bartolomé.

Viagem pitoresca pelos rios Paraná, Paraguai, São Lourenço, Cuiabá e o Arinos, tributário do grande Amazonas : com a descrição da província de Mato Grosso em seu aspecto físico, geográfico, mineralógico e seus produtos naturais / Bartolomé Bossi ; tradução de Maria do Rosário de Fátima Gomes Godinho. -- Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

132 p. -- (Edições do Senado Federal ; v. 101)

1. Viagem, Brasil. 2. Usos e costumes, Brasil. 3. Recursos naturais, Mato Grosso. 4. Brasil, descrição. 5. Mato Grosso, descrição. I. Título. II. Série.

CDD 918.1

.....

.....

Sumário

CAPÍTULO I

pág. 23

CAPÍTULO II

pág. 33

CAPÍTULO III

pág. 45

CAPÍTULO IV

pág. 69

CAPÍTULO V

pág. 95

CAPÍTULO VI

pág. 107

CAPÍTULO VII

pág. 109

CAPÍTULO VIII

pág. 117



Bartolomé Bossi

.....

Um genovês em Mato Grosso em 1862

JORGE BRITO*

O GENOVÊS *Bartolomé Bossi*, nascido por volta de 1819, mas morando desde muito jovem em Buenos Aires, é autor da interessante narrativa histórica *Viagem Pitoresca pelos rios Paraná, Paraguai, S. Lourenço, Cuiabá e o Arinos, afluente do grande Amazonas com a descrição da província de Mato Grosso através de seu aspecto físico, geográfico, mineralógico e suas produções naturais, dedicada ao barão de Mauá, que o Conselho Editorial do Senado Federal, em boa hora, edita em tradução portuguesa, que teve a revisão de Jorge Brito e Rubem Amaral Jr.*

Livro raro, originalmente publicado em língua espanhola, em 1863, por Dupray de la Mahérie, em Paris, com 153 páginas, ilustrado com um mapa do itinerário da viagem desenhado pelo autor e gravado por Erhard, além de 34 gravuras de Lacoste (Pai & filhos), a partir de fotografias tiradas pelo próprio Bossi. O exem-

* Jorge Brito é bibliófilo e pesquisador em Brasília.

plar que serviu de base para esta edição, foi gentilmente cedido pelo pesquisador Luis Lisanti.

Bossi partiu de Montevideu em 1862, passando por Buenos Aires e outras cidades, comandando uma pequena expedição ao interior de Mato Grosso, percorrendo o Alto Paraguai, os sertões das serras dos Parecis, descendo o Arinos. Estudou as regiões visitadas do ponto de vista geográfico e das produções naturais. A intenção era, também, fazer um levantamento para a elaboração do primeiro mapa da região, em grande parte inexplorada.

A viagem não foi nada tranqüila. O alugueis e os alimentos eram caros. Bossi enfrentou índios, animais e descontentamentos dos próprios integrantes da expedição. Teve de enterrar companheiros na floresta, vitimados por doenças.

O relato de Bossi, é sem dúvida um relevante documento histórico, etnográfico e geográfico, uma excelente contribuição à bibliografia relativa aos viajantes estrangeiros no Brasil.

Além de viajante, Bossi dedicou-se ao jornalismo, foi escritor, armador, comerciante, marinheiro, fotógrafo, e tinha ainda aptidão para a pintura.

Completando o curso de náutica, serviu durante o período de 1837 a 1843, na marinha do Uruguai.

Em Buenos Aires, em sociedade com um compatriota, o também genovês, Camuirano, tornou-se armador e comerciante. Construiu embarcações de diversos tipos. Negociou produtos portenhos (legumes e frutas secas), que transportava nos próprios navios a vários pontos da Argentina, do Brasil e do Uruguai.

Em 1859, comandante do vapor Pampeiro, fazia o percurso entre Buenos Aires e Montevideu.

Regressando à Argentina, após a sua viagem a Mato Grosso, dedicou-se novamente à navegação. Sua empresa contava com

vários navios importantes, entre eles o vapor América, que fazia viagens regulares, transportando passageiros entre Buenos Aires e Montevidéu. Na noite de 24 de dezembro de 1871, o vapor, que navegava rumo a esta última cidade, incendiou-se, causando uma tragédia que tirou a vida de 141 pessoas. Nesse episódio, a atitude de Bossi, que era o comandante do vapor, foi bastante criticada pelo jornal *A Capital*, de Rosário de Santa Fé.

Bossi foi casado com Carolina Cáceres, com quem teve filhos. Ela era filha do general argentino Castro Cáceres.

Em 1873, embarcou no vapor Charrua, de sua propriedade, de Montevidéu rumo ao Chile, através do estreito de Magalhães até Punta Arenas, onde tomou conhecimento da posição geográfica, aspectos físicos, riquezas naturais, futuro e origem da incipiente colônia ali estabelecida. Continuou sua viagem até Chiloe e a outros lugares, chegando a Constituição e outras escalas, a Valparaíso, depois de cinco meses de viagem. Descreveu sua viagem no livro intitulado *Viagem descritiva de Montevidéu a Valparaíso*, que publicou no Chile em 1874. O referido livro contém valiosos dados, resultado da sua exploração, inclusive de descobertas geográficas, ratificadas pelo governo inglês em 1878, terminado com um estudo das causas dos naufrágios naquela área. Realizou posteriormente outras viagens pela costa austral do Pacífico. Publicou no Chile, em 1874, um estudo geológico sobre a ilha de Juan Fernández, que visitou repetidas vezes.

Bossi empreendeu uma longa viagem à Terra do Fogo, levantando um mapa da região. A referida viagem está descrita em seu livro *O vapor oriental Charrua-Pacífico e regiões magalhânicas*, publicado em Buenos Aires, em 1880. Em 1882, editou em Montevidéu um informe intitulado *Exploração da Terra do Fogo com o vapor Charrua*.

Foi cônsul da república do Uruguai na cidade de Valparaíso, de onde escrevia crônicas sobre temas diversos para o jornal El Siglo, de Montevideú. Intitulava-se ex-coronel da Confederação Argentina. Publicou no jornal El Deber, de Valparaíso, um interessante relato sobre sua visita a ilha de Robinson Crusóé (Juan Fernández).

Bossi morreu em Niza, Itália, em 1890.

.....

Bibliografía

Viage pintoresco por los rios Paraná, Paraguay, Sa Lorenzo, Cuyabá y el Arino tributario del grande Amazonas con la descripción de la provincia de Mato Grosso bajo su aspecto físico, geográfico, mineralógico y sus producciones naturales. *Paris: Dupray de la Mahérie, 1863, 144p. Ilust.*

El vapor oriental *Charrúa* en el Pacífico y regiones magallánicas: con algunos datos sobre el Perú y Chile en la presente guerra. *Buenos Aires: Tipografía dell'Operario Italiano, 1880, 74 p.*

Exploración de la Tierra del Fuego con el vapor oriental *Charrúa*. *Montevideo: Tip. à vapor de La España, 1882, 60 p.*

Viaje descriptivo de Montevideo a Valparaíso por el Estrecho de Magallanes i canales Smith, Sarmiento, Inocentes, Concepción, Wide i Messiers. *Santiago: Impr. Andrés Bello, 1874.*

Relación de la catástrofe del vapor *América*: contenido esplicaciones exposición de los hechos, documentos relativos, apreciaciones de la prensa. *Montevideo: Tip. Italiana de B. Bossi, 1872, 112 p.*

Las manchas solares, y, el estado actual de nuestro planeta con relación a las fuerzas que le rigen. *Montevideo: Impr. de La España, 1885*

Al público, a la prensa, a la razón imparcial y justa. *Montevideo: Tip. Italiana, 1872.*

Al público, a la prensa, a la razón imparcial y justa. Mi deber y mi honor me impulsan a volver a la prensa. *Buenos Aires: s.n.*

Noblesse oblige *Genova, Tip. maritima, 1886*

VIAGEM PITORESCA

PELOS RIOS PARANÁ, PARAGUAI,
SÃO LOURENÇO, CUIABÁ E O ARINOS,
TRIBUTÁRIO DO GRANDE AMAZONAS

.....
Excelentíssimo Senhor Barão de Mauá

A ESTIMA que tenho motivo para professar por V.S^a, e a simpatia que me inspira seu gênio empreendedor e vasto, em favor das idéias de progresso e em honra e proveito de sua pátria, impulsionam-me a dedicar a V. Ex^a. este livro que contém o relato da viagem que acabo de fazer à província de Mato Grosso, a exploração de uma grande parte do território deserto e as demais considerações que me sugere um ligeiro estudo.

Talvez os dados contidos em meu livro possam contribuir algum dia, para o êxito de algum empreendimento fecundo; e de qualquer forma, dedicando este trabalho a V. Ex^a., experimento uma viva satisfação.

Seu afetuosíssimo amigo e S. S.

BARTOLOMÉ BOSSI

Paris, 4 de março de 1863.

.....

Introdução

O *S ACONTECIMENTOS* políticos muito recentes da República Argentina, que ainda não oferecia estabilidade, decidiram-me a empreender uma viagem à província de Mato Grosso, nos confins do Império do Brasil, com o objetivo de explorar aquelas comarcas quase desconhecidas.

A minha inclinação para viajar desde meus primeiros anos devo a haver abraçado a carreira de marítimo; e, cansado do mar, lancei-me às matas virgens buscando impressões novas que já não encontrava na imensidão dos oceanos.

O leitor não deve esperar de mim aquele estilo elevado que fez a fama de tantos viajantes, mas, em seu lugar, encontrará a verdade nua, sem esses contos fantásticos que fazem duvidar de tudo, sem as historietas que tanto entretêm e enchem muitas páginas.

Proponho-me descrever minha viagem para o que possa ser útil; farei referência a tudo quanto observei, tal qual os objetos se apresentaram diante de meus olhos. Minhas observações, em certos aspectos, carecerão das abstrações da ciência, mas em troca não faltará a exatidão.

O sextante de um lado e a máquina fotográfica do outro, me ajudarão a revelar ao mundo o que vi e observei na distância que percorri, nesses impenetráveis bosques chegando até a latitude de 12° 45' Sul e longitude 58° 10' Oeste Meridiano de Paris.

A mineralogia, a botânica e a geologia terão também seu lugar na medida que me for permitido, mas abrirei o caminho a outros mais competentes que poderão prestar grandes serviços às ciências. Eu só pretendo oferecer à nação brasileira esta pequena homenagem em retribuição às atenções e à fina cordialidade com que me atendeu meu amigo o Exmo. Sr. Conselheiro de S. M. I. Dom Herculano Ferreira Pena, atual presidente da província de Mato Grosso.

O especulador e o agricultor também estarão na descrição de minha viagem ao alto Paraguai, informes exatos das ricas e variadas produções dessa bela região da América, em uma época em que o espírito de empreendimento, e a avidez da exploração de todos os ramos de comércio, formam o caráter distinto de nosso século.

Esta pequena obra, se algum mérito possa ter, será a exatidão rigorosa de seus pormenores, sem preocupar-me de preencher os vazios literários que possam achar aqueles que se dignem a lê-la.

B. BOSSI.



O Presidente de la provincia de Mato Grosso, Don Herculano Ferreira Pena

.....

Capítulo I

Saída de Montevideu. – Escala em Buenos Aires e partida do dito porto. – Os baixios. – Martín García. – Passagem por seu canal. – Navegação do rio Paraná até San Pedro. – Continuação descritiva até Rosário com observações oportunas e reminiscências históricas. – São Lourenço. – O rio Carcarañá. – As cidades de Santa Fé e Paraná. – Continuação até Corrientes com as observações sobre seu litoral e sua navegação.

NO DIA 17 DE MARÇO DE 1862 embarquei no vapor brasileiro *Marquês de Olinda*, sob o comando do tenente Hipólito Bitancour, e zarparamos de Montevideu com um bonito dia, mar tranqüilo e um galeno de leste que mal movia a superfície da água. O vapor, sem outro movimento que a oscilação de sua máquina, deslizava suavemente, afastando de nossos olhos essa graciosa faceira que parece guardada por seu arrogante cerro como por uma vigilante sentinela.

Às 7 da manhã do dia seguinte, chegamos ao porto de Buenos Aires e nos encontramos diante dessa majestade do Prata, tão celebrada por suas glórias e seus pesares.

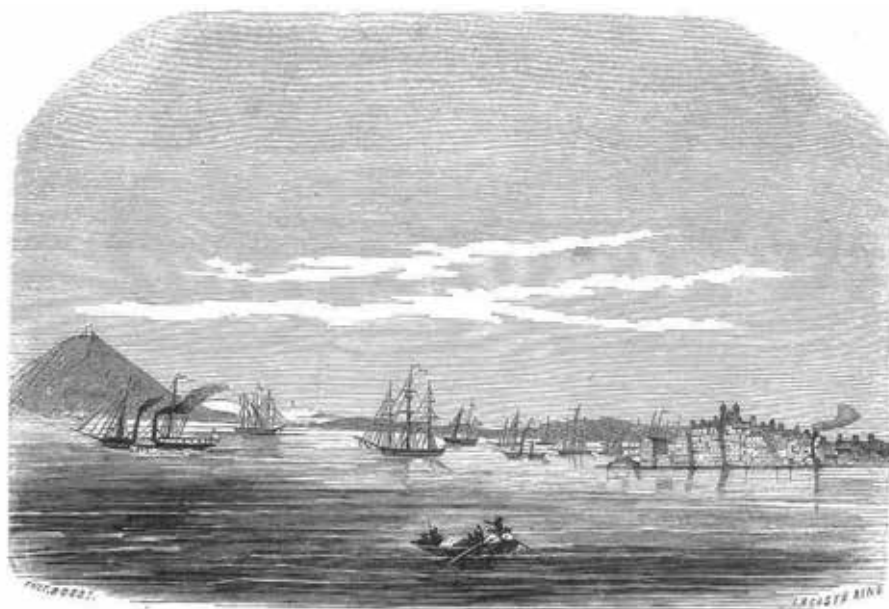
Tínhamos três horas disponíveis. Desci a terra para despedir-me de alguns amigos e às 11, hora acertada para a saída, achava-me de regresso a bordo.

Ao levantar âncora experimentei um descontentamento: parecia-me que ia deixar para sempre minha segunda pátria, a de minha esposa

e filhos ao empenhar-me em uma tentativa casual e distante, parecia-me que a ebulição das paixões agitadas ainda pelo ardor das lutas civis fariam surgir novas guerras, novos conflitos e novo sangue de irmãos. Dirigi-lhes um adeus do fundo do coração, um voto fervoroso para que a paz a cobrisse eternamente com seu manto e se perdesse para sempre o germe de uma luta fratricida que até então deu por resultado senão a elevação e a fortuna de um cacique. Meus votos se cumpriram; o princípio foi salvo, e a paz será um fato, se a justiça presidir sempre a marcha do primeiro magistrado dado à nação Argentina.

Atravessamos os baixios da cidade e, às duas horas, divisávamos os cerros de San Juan e a recortada e pitoresca costa oriental, sem perder ainda de vista as torres da cidade; ao mesmo tempo que se nos apresentava a histórica ilha de Martín García para N.O., como um desses enormes *camalotes** que se arrastam nas correntes dos rios.

Às 5 e meia nos defrontamos com a ilha, que como um guardião dos rios Paraná e Uruguai levanta-se na sua embocadura. Esta ilha, por

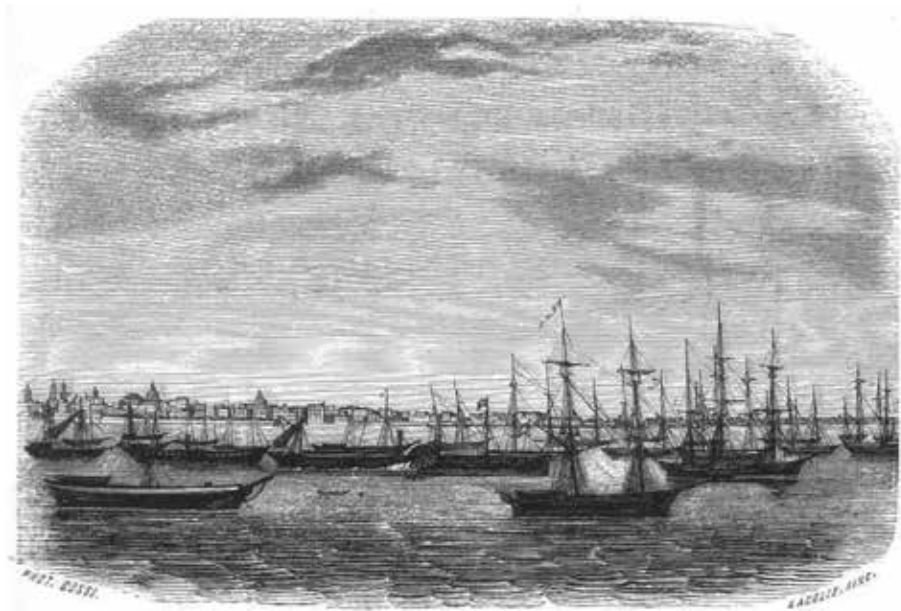


* Camalote – conjunto de plantas que se agrupam em verdadeiras ilhas flutuantes. (N.E.)

sua magnífica posição, parece feita para o estabelecimento de um colégio militar e escola náutica. Em seguida vê-se as Dos Hermanas, e a ilha Sola, frente ao povoado do Carmelo, na costa oriental.

Às 5 e meia da tarde, chegamos à embocadura do Guazú, deixando à nossa direita o formoso Uruguai para entrar no gigantesco Paraná. Este rio, dividido em cem canais, não apresenta nada de excepcional até San Pedro, porque corre entre ilhas adornadas de alguns arvoredos e cobertas de capinzais, que são a morada de jaguares e cobras. A nutria é o único produto de alguma importância que nelas existe e, na estação apropriada, produzem-se em extraordinária abundância os mais deliciosos pêssegos do rio da Prata.

Às 7 horas da manhã do dia seguinte passávamos por San Pedro, pequeno povoado da província de Buenos Aires, que deixa ver de bordo as torres de seu templo e alguns edifícios. Daí em diante, a navegação torna-se mais agradável, porque segue, quase sempre, a costa firme formada de elevadas e graciosas encostas onde passam os gados lanares, vacuns e cavallares pertencentes às numerosas estâncias estabelecidas ao largo dessa costa, e pela série de excelentes cidades ou de acidentes naturais que embelezam os encantos da perspectiva e da paisagem.

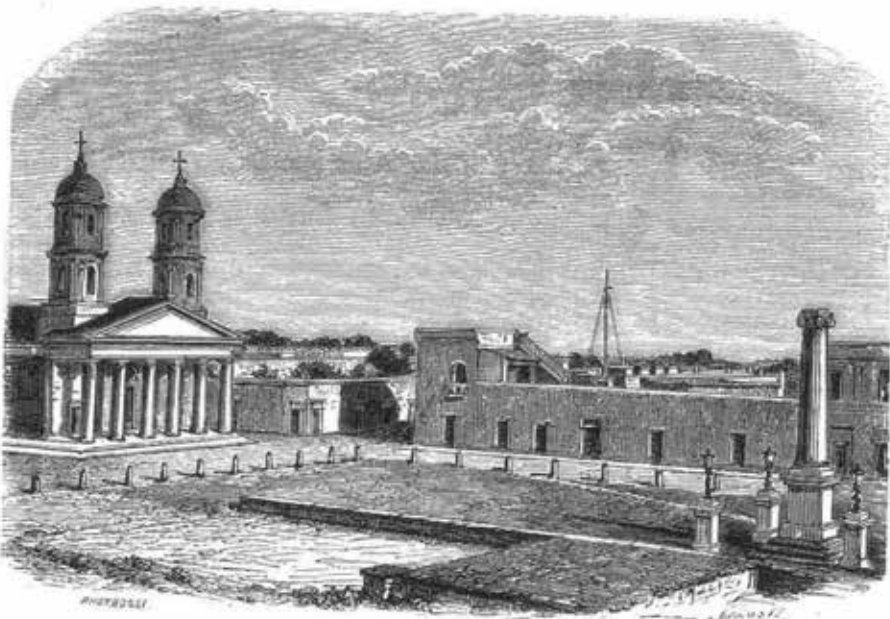


A poucas léguas encontra-se a curva chamada Obligado, célebre como a do Tonelero, pela resistência que manteve o general Rosas contra os dois colossos marítimos, disputando-lhes a passagem dos rios.

Às duas em ponto nos encontrávamos em San Nicolas, povoado de dez a doze mil almas, com um porto péssimo por sua grande correnteza, mas suscetível de um reparo conveniente e não difícil.

Desemboca a duas léguas ao norte o Arroyo del Medio, limite natural das províncias de Buenos Aires e Santa Fé, encontrando-se a uma légua da vila Constitución, primeira povoação pertencente a esta última província.

Quatro horas de boa marcha são bastantes para chegar ao porto da cidade de Rosário. Esta urbe, ainda que antiga, deve sua transformação verdadeiramente rápida e sua moderna importância comercial aos nove anos que ficou separada de Buenos Aires, a quem Rosário substituiu como empório do comércio das províncias; porém unida novamente à antiga capital ao todo da nação, Rosário fica reduzida a uma espécie de ponte por onde transita o comércio do interior com o rio da Prata. Em Rosário foi onde pela primeira vez tremulou ao vento a bandeira nacional, hasteada pelo general Belgrano em uma bateria improvisada sobre a costa e cujos



vestígios ainda se conservam. O vapor demora-se neste porto duas horas para receber a correspondência e passageiros.

A cinco léguas ao norte, e seguindo os escarpados e altos barrancos dessa costa, encontra-se a aldeia de San Lorenzo, notável somente pela presença do belo convento desse nome ou mais propriamente do colégio de San Carlos. O aspecto desse edifício religioso de grande magnitude, de notável regularidade em sua arquitetura, ostentando suas torres altaneiras e graciosas, desperta desde logo uma idéia instintiva e transporta o pensamento a cenas e a épocas retrospectivas. Essa obra comparativamente gigantesca, transportada ali pelos esforços da piedade, parece uma página do livro da civilização levada empós das brisas embalsamadas a uma região solitária, que os destinos dessa nação começam a fecundar com o concurso do povoamento e com a ação do trabalho.

Ao contemplar o convento de San Lorenzo parece que se admira também um monumento épico levantado à glória dessa jovem nação; e que o Deus da independência dos povos, com uma previsão sublime, se houvesse antecipado a assinalar e a perpetuar o lugar de uma vitória pátria.

Efetivamente, a planície onde está levantada essa igreja foi o teatro de uma sangrenta batalha entre as tropas reais e o bizarro e memorável regimento de granadeiros a cavalo, formado e comandado pelo general San Martín. Foi o primeiro feito de armas deste campeão histórico, foi a estréia desse corpo de cavalaria destinado a unir seu nome a todos os grandes combates da independência do novo mundo e a prover de chefes e de oficiais hábeis e ousados os exércitos patriotas.

O Diretório de Buenos Aires, sabedor de que uma expedição realista de tropas de infantaria dispunha-se a deslocar-se sigilosamente de Montevideú, pelo rio Paraná, até desembarcar em San Lorenzo, enviou o general San Martín com seus granadeiros a cavalo ao lugar indicado. O general tomou posse do convento, onde se manteve oculto, saindo dali como o raio, para precipitar suas cargas sobre as infantarias reais, que foram ali vencidas. O general San Martín recebeu um ferimento nessa jornada memorável; ferimento de que se ressentiu durante toda sua vida.

A população de San Lorenzo é decente e laboriosa; essencialmente agrícola, parece estimular com seu arado e seu solo fértil a colonização européia. Considero esse ponto adequado a empreendimentos dessa

natureza. O convento é habitado por uns poucos frades que ali vegetam e vivem das esmolas da vizinhança. Em uma de suas alas, há uma escola para as crianças do povoado.

O rio se alarga muito diante das barrancas de San Lorenzo, e costumam ser perigosas para a navegação à vela as tormentas que, repentinamente sobrevêm em determinadas estações, se os marinheiros não tomarem as precauções usuais. Esses descuidos têm sido a causa de lamentáveis desgraças consumadas nessas águas.

A navegação continua sob o mesmo aspecto até a foz do Carcarañá, seis léguas ao norte de San Lorenzo, e onde terminam os barrancos elevadíssimos que vínhamos seguindo. O rio Carcarañá, que parte das serras da província de Córdoba e que é alternativamente fraco ou caudaloso, segundo as estações, tem dado tema para diferentes controvérsias acerca de sua provável navegabilidade. É perto desse rio e sobre as elevadas barrancas do Paraná, que a tradição assinala o lugar onde foi morto pelos índios D. Juan de Garay, um dos mais experientes chefes das expedições conquistadoras e fundador da cidade de Buenos Aires.

A partir da altura do Carcarañá, o rio Paraná muda seu curso; e já não se encontra costa firme até o ponto denominado o Diamante, sobre a margem esquerda e no território da província de Entre Rios. O Diamante é um dos mais belos panoramas dessa costa. Em cima desse barranco existe uma pequena aldeia que leva o nome do lugar, célebre por haver-se realizado ali a passagem do grande exército que derrubou o despótico governo do general Rosas. Alguns anos antes, passou pelo mesmo lugar o general Lavalle com o restante de seu exército, para sofrer os riscos e sucessivos reveses que o perseguiram até sua morte.

No Diamante as correntes do rio aumentam, porque as costas se estreitam. A poucas léguas se apresentam as verdes lombadas do Palmar e em seguida começa a grande lomba sobre a qual está situada a cidade de Paraná, que foi provisoriamente capital da Confederação e cujo fundador foi o seu próprio destruidor. O caráter inconseqüente desse célebre mandatário que só encontraria símiles na China, sua má fé permanente, acarretou a ruína de sua própria obra. Podendo fazer sua pátria grande e feliz, não obedeceu aos nobres instintos e legítimas aspirações. Podendo ele mesmo ser um segundo Washington, preferiu ser um Coe depois de haver sido

um arremedo de Coriolano. Do primeiro poderia ter sido um émulo, dos outros dois foi um adepto.

O porto de Paraná é muito seguro e defendido de uma parte pela elevação das barrancas, e da outra por um grande baixio que se estende visivelmente. A cidade, muito despovoada hoje, está situada a alguma distância da costa. O defeito de seu afastamento da margem resultou da origem do povoado que, tendo sido primitivamente um estabelecimento de campo, necessitavam seus proprietários para defendê-lo contra as constantes agressões dos índios do Chaco, que facilmente cruzavam o rio em suas canoas para assaltá-los durante a noite. As comarcas circunvizinhas são muito pobres, e o único comércio da cidade de Paraná está reduzido ao produto das caieiras de sua costa com que abastece de cal as cidades de Buenos Aires, Montevideú e todos os povoados litorâneos. A ex-capital da Confederação havia logrado adquirir as honras de uma bonita cidade, pela afluência de população, pela abundância e beleza de seus edifícios. Hoje está destinada, ao que parece, a apresentar o aspecto de novas ruínas, de futuro pasto para a fome da arqueologia, se o governo nacional não procurar tomar medidas para sua conservação, ou descobrir meios de estabilidade para imprimir-lhe. O interesse individual e egoísta devia prevenir o general Urquiza do resultado infalível de suas combinações, posto que demonstra bom cuidado ao obrigar o governo que lhe sucedeu a comprar-lhe seu palacete, com o desígnio de acometer a empresa como nos explicou Pavon.

Em frente ao Paraná e à distância de 5 léguas, encontra-se a cidade de Santa Fé, capital da província de mesmo nome. A navegação interna se pratica por riachos pitorescos que correm entre ilhas muito amenas. Esse porto, muito seguro e fácil, sustenta um comércio bastante ativo, ainda que em pequena escala, comércio que consiste no carvão de lenha, algumas madeiras lavradas e abundância de frutas.

A cidade de Santa Fé tem um aspecto oriental. A extensão de suas terras rodeadas de quintas, além de cujas cercas se levantam bosques de laranjeiras que esparzem os encantos de seu aroma e deleitam a vista, tornam-na muito simpática. Está situada numa espécie de península, e às vezes as enchentes as isolam de seu campo. Diante dela corre o rio Salgado que no momento é objeto de uma operação industrial que se propõe explo-

rar sua navegação. A fundação de Santa Fé é de data anterior à de Buenos Aires. Os primitivos conquistadores deixaram apenas na capital do Plata, alguns postos militares e já se lançaram, impelidos pela sedução da riqueza e do mistério ao coração dos rios, buscando também, através do Paraguai, meio de abrir sua comunicação com os expedicionários que assentavam a dominação colonial nas costas do Oceano Pacífico.

Santa Fé apresenta ainda os vestígios de sua antiga importância, nas remotas épocas em que era o centro do comércio das Províncias Argentinas com a do Paraguai. O testemunho de sua opulenta tradição vê-se em suas ruínas. Hoje restrita a modesto comércio, carece de importância e de movimento.

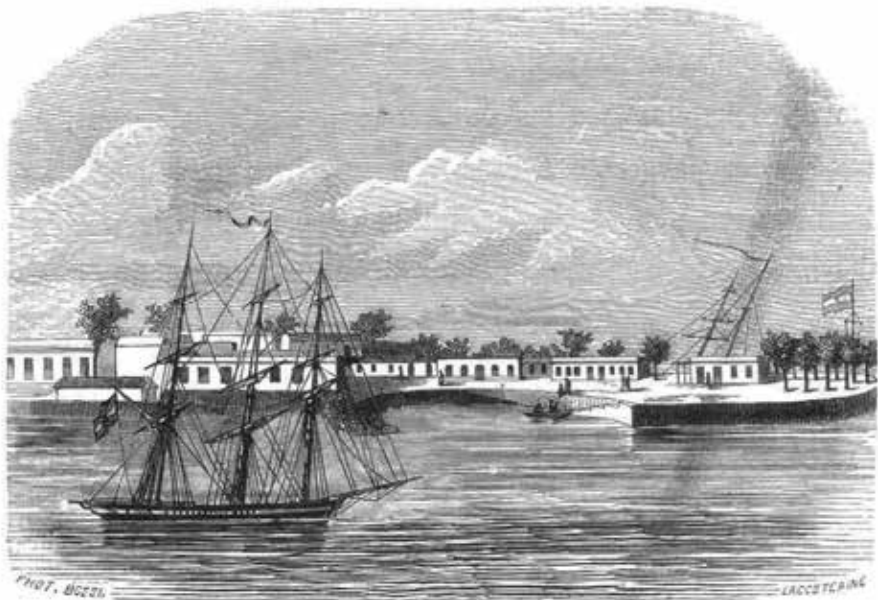
Desde a altura do Paraná e Santa Fé, até Corrientes, a navegação não oferece grandes alternativas. Por uma parte, as costas elevadas de Entre Rios e do território correntino, mais ou menos acidentadas, mais ou menos pitorescas e adornadas por pequenas povoações. Pela outra, a monótona e infinita costa dos desertos do Grande Chaco, oferecendo seu aspecto selvagem em sua desordenada fecundidade e sua monstruosa e emaranhada vegetação, em suas matas robustas e quase impenetráveis. De quando em quando, costumam assomar em suas costas caravanas de índios que comerciam com as populações correntinas, levando em troca de alguns objetos manufaturados os produtos naturais do Chaco, algumas tintas, madeiras lavradas para a construção de lanças e, em algumas épocas, pasto natural para o alimento dos animais de serviço nos povoados. Estes índios que freqüentam as costas, sem a menor tintura de civilização e sem outros hábitos que os da mais nua natureza, não podem ser perigosos devido à sua própria impotência. É uma raça nômade e deprimida; reconhece a superioridade do homem civilizado e, não se atrevendo a desafiar sua pujança, emprega a traição e a suspicácia para surpreender às vezes a excessiva confiança.

A costa povoada, como disse, apresenta a intervalos o grato espetáculo de diversas vilas e cidades, que estão aí não só como um adorno da civilização, mas também do porvir dessas regiões: La Paz, pequeno povoado nos confins de Entre Rios; Goya, bonita cidade e centro comercial da província de Corrientes, que se queixa dos inconvenientes de seu porto; Bela Vista, graciosa aldeia que faz honra a seu nome; o Empedrado; e por último Corrientes, cidade já considerável por sua população, pelo seu co-

mércio, pela importância de sua nascente indústria, tem razão para esperar um porvir muito lisonjeiro. Corrientes, pelos acidentes de sua costa, pela riqueza de suas madeiras e pela propensão característica de seus filhos, está destinada a ser um dia o estaleiro preferível da República Argentina. Suas construções são perfeitas e de uma solidez provada.

Em Corrientes, o vapor se demora algumas horas: há o tempo necessário para visitar a cidade e tomar um mate, por que não faltará quem vo-lo ofereça. Neste ponto, como nos demais desta província, a hospitalidade é um hábito genial de seus amáveis habitantes.

A heróica província de Corrientes, tão sacudida pelas tempestades civis na época contemporânea, reposta um dia de seus desalentos conseqüentes, há de ocupar um lugar muito importante nos destinos da República, tanto por suas riquezas naturais, quanto pelos produtos de exportação e necessário consumo que contém. A erva mate, o fumo, o algodão se obtêm em grande abundância e tão boa como a melhor do Paraguai. Os correntinos são fortes para a guerra e para o trabalho. São os melhores marinheiros e os melhores soldados de infantaria com que conta a República Argentina.



Ao despedir-se o viajante de Corrientes, deve fazê-lo dos costumes e da civilização européia. Um novo mundo vai se apresentar diante de seus olhos.

Uma existência antípoda, original, desconhecida, que não tem nada senão de si mesma, em seu regime, em seus costumes e em suas crenças; isso é o Paraguai.

Até poucas léguas acima de Corrientes a navegação continua pelas águas do rio Paraná, onde este majestoso rio se desvia a leste, buscando a origem de sua vida, fazendo sua confluência com o rio Paraguai por cujas águas seguiremos viagem. Antes de entrar nelas, e como meu pensamento se estende a facilitar aos viajantes, às empresas de colonização ou ao espírito comercial que há de penetrar em breve nas riquíssimas regiões de Mato Grosso, os conhecimentos práticos que adquiri, insistirei um momento mais nas facilidades de uma navegação que convida os elementos de civilização a espalhar-se em busca de retribuição, em proveito da humanidade.

A navegação até este ponto se faz por um rio esplêndido, caudaloso e sereno, que não oferece obstáculos desde sua desembocadura no rio da Prata, para navios de todo porte, e por sua regulamentação para o comércio de todas as nações. Seu canal é sempre profundo e os acidentes que possam ocorrer, dependem as mais das vezes de um descuido ou de um desvio.

Nos períodos de vazante, o rio Paraná oferece algumas passagens de pouca água para os navios de grande porte, mas o estado normal do rio não oferece obstáculos. Durante a vazante, o lugar que reclama maior cautela até Rosário, encontra-se à sua embocadura no canal de Martín García, onde sem embargo sempre há mais água que na entrada do porto interior de Buenos Aires. Balizada como se faz hoje a passagem por Martín García, desapareceu todo perigo e a melhor prova disso é que os paquetes fazem comumente essa viagem à noite.

As correntes do rio Paraná são suaves em seu estado de decréscimo. Em suas grandes cheias a corrente varia entre três e seis milhas, segundo as situações e acidentes; mas o termo médio em quase toda sua extensão pode computar-se entre duas e meia e três milhas.

A navegação em todo o curso é tranqüila e agradável; ao abrigo de populações hospitaleiras, e à vista de preciosas margens que convidam o braço do homem a acometer na nobre missão do trabalho.

.....

Capítulo II

Navegação de Corrientes à confluência do Paraguai e Paraná. – Curso destes rios. – Fortes militares de observação. – O rio Bermejo, seu estudo, o capitão Lavarello. – Continuação da viagem e descrição de Nhembucú, Villa Franca e Assunção. – O Picolmayo – Descrição do rio Paraguai e considerações gerais até o forte Olimpo, última possessão paraguaia. – Pão de Açúcar. – Combate tradicional entre sua guarnição de 25 homens das forças brasileiras contra 200 paraguaios. – Heróica retirada aos bosques. – Proteção dos guaicurus. – Condução em triunfo dos refugiados. – Recompensa do governo do Brasil aos índios como um ato moral e de justiça. – A tribo guaicuru. – Seu caráter, seu tipo, seus costumes. – Raio de território que ocupa. – O forte Olimpo. – Ataque tradicional dos índios guaicurus aos paraguaios e tomada do forte – Precauções atuais – Ódio profundo dessa tribo belicosa contra o Paraguai.

A SETE LÉGUAS ao norte da cidade de Corrientes faz-se a confluência dos rios Paraná e Paraguai. O primeiro, como disse, varia seu curso ao leste; o segundo baixa pelo rumo primitivo e apresenta sua foz, por onde entraremos para continuar viagem por suas águas.

A entrada do rio Paraguai encontra-se na latitude 27° 17' Sul, longitude 61° 9' Oeste meridiano de Paris. Este rio, apesar de sua insignificância comparativa, é de muito mais longo curso que o Paraná. Sua navegação se faz sempre entre a costa paraguaia e o Gran Chaco. À entrada está instalada a primeira guarda de observação sobre a costa do Chaco. Estas guardas, mais ou menos numerosas e a certas distâncias, circundavam toda

a costa do território paraguaio. A segunda guarda está situada na costa do Paraguai, cinco milhas acima da primeira.

Na latitude $27^{\circ} 30'$ Sul, longitude $61^{\circ} 2'$ Oeste, está situada a fortaleza de Humaitá; o Sebastopol, o Cronsdat, o Gibraltar dos paraguaios. – Muito se tem falado desta fortaleza por motivo das questões políticas que o governo do Paraguai tem sustentado com diversos poderes armados; eu reservo minhas observações neste ponto, como em outros relativos àquela República, para um trabalho especial que preparo.

Aos $26^{\circ} 53'$ Sul, e longitude $60^{\circ} 56'$ Oeste desemboca o rio Bermejo, que toma este nome por causa da cor de suas águas; cor tão marcada que não se perde por algumas milhas, apesar de misturar-se com



as do Paraguai. Na embocadura há um banco movediço formado pelas suas próprias correntes, e por esta razão a entrada oferece pouca água.

O rio Bermejo, que por meio de seus afluentes se comunica com o território de Oran no norte da República Argentina, está destinado a ser o canal por onde a província de Salta e de Tucumán se comuniquem facilmente com o litoral, circunstâncias de não remota praticidade e que hão de produzir uma revolução favorável na situação comercial e industrial desses países, pela contribuição que necessariamente deve trazer-lhes o comércio da República da Bolívia, para que se abra um novo horizonte no porvir dessa navegação.

Sobre o curso e natureza do Bermejo se têm interessantes notícias, devidas ao meu perseverante amigo o capitão Lavarello; e ele mesmo



está em vias de realizar já o fruto de suas fatigantes explorações. O Bermejo parece que está sinalizando uma barreira natural para defender por um sistema de fortins ou de limitadas colônias uma considerável porção do Gran Chaco, que liberte do açoitamento das tribos a fronteira de muitas províncias, e torne útil para a civilização esse vasto território. O serviço que presta o capitão Lavarello é desses que estão destinados a perpetuar a memória de um homem na progressão dos séculos.

Frente à foz do Bermejo há uma guarda paraguaia. Continuando a navegação pelas tortuosidades do rio Paraguai, chega-se logo à Villa del Pilar, situada a pouca elevação sobre sua margem e banhada ao norte pelo rio Nhembucú na latitude 26° 52' Sul, longitude 60° 37' Oeste.

Pilar é o primeiro povoado que se encontra; bastante habitado, e bastante comercial com relação ao país.

O rio Paraguai até ali, como na maior parte de seu curso, é belíssimo e apresenta para a imaginação risonha e para a pintura os espetáculos mais encantadores. Suas ilhas e suas costas cobertas de matas, de trepadeiras e de flores silvestres tocam com suas ramagens espessas os navios que transitam. As aves de mil cores, atraídas por um clima propício, abundam consideravelmente, e em especial os deliciosos perus-do-mato, que são um excelente manjar. Seu perfume almiscarado embalsama às vezes em demasia o ar, combinação que emana dos aromas das matas e das propriedades do *jacaré*, que abunda prodigiosamente nessa costa.

Na latitude 26° 19' Sul, longitude 60° 37' Oeste se encontra Villa Franca, segundo povoado do Paraguai e na latitude 25° 22' Sul, longitude 59° 59' Oeste, apresenta-se a primeira boca do rio Picolmayo, que partindo das regiões do sul da Bolívia e correndo pelo território do Gran Chaco, vem precipitar-se por duas bocas nas águas do Paraguai. A segunda boca encontra-se na latitude 25° 18' Sul, longitude 60°, e no espaço intermediário de ambas desembocaduras, sobre a costa oriental alça-se o gracioso cerro Lambaré.

A presença do Picolmayo e do Bermejo estão garantindo o porvir dessas regiões silenciosas, cujas selvas, como uma profanação do século, apenas as inquieta a planta infecunda do selvagem e cujo mistério apenas o perturba o rugido das feras. Se a República da Bolívia, em seus dias de futura convalescença, obedecer aos mandados de seu destino, há de rever-

decer nos seus férteis territórios do Sul, onde está sua vitalidade em semente, e então o Picolmayo será a rota venturosa de um comércio robusto. O único obstáculo que até agora se apresenta, não está na natureza, está nas paixões políticas, na agitação constante daquele Estado. No dia em que elas se subordinarem à razão e ao cálculo, a Bolívia há de compreender que sua situação mediterrânea não é uma condenação de sua vida futura, porque o destino lhe dá um lugar brilhante nos mares que rodeiam a América; no Pacífico, pelo seu mau porto de Cobija e, no Atlântico pelos rios Bermejo e Picolmayo.

Continuando a navegação, sempre para o norte pelo rio Paraguai, chega-se à cidade de Assunção, capital da República, situada na latitude 25° 17' Sul, longitude 59° 55' Oeste. Duas milhas antes passa-se diante da bateria Tucumbú ou do telégrafo, que oferece pouca importância; conservando-se no rio e em frente à dita bateria, algumas obras de defesa que são um estorvo para a navegação e que não têm nenhuma finalidade visível.

O vapor demora quarenta e oito horas em Assunção, tempo suficiente para visitar a cidade. Ela é de um aspecto regular no seu delineamento, como todos os núcleos populacionais espanhóis, mas a série de edifícios apresenta uma chocante desigualdade, misturando-se ranchos antigos e pobres ao lado de edifícios altos e de gosto moderno. As ruas, portanto são feias, embora seu piso arenoso seja cômodo. Possui vários quartéis, uma igreja matriz, um arsenal da marinha com um estaleiro aonde já se têm construído alguns vapores sob o modelo ou imitação do *Tacuari*, de construção francesa já antiga. Sua população não deve ser inferior a 20.000 almas, compreendendo as tropas de guarnição, Os homens são todos soldados e portanto subordinados a um regime convencional; as mulheres são felizes como em parte alguma: livres como as aves, sedutoras, comunicativas, e realça seus dotes a originalidade de seu gracioso traje; os homens são reservados e apenas contestam por monossílabos à interrogação dos visitantes. Esse caráter parece ser o resultado de seus costumes militares e de seu regime tradicional. A língua dominante é o guarani.

À distância de 6 milhas ao norte, encontra-se a extensa ilha de San Francisco que divide o rio Paraguai em dois canais: o da costa do Chaco é o mais profundo e se acha na latitude 25° 2' Sul, longitude 59° 50', a



nova colônia Bordeaux sobre a costa do Chaco. Esta colônia foi estabelecida há poucos anos, com povoadores franceses, que foram logo expulsos pelo governo e sucedidos por povoadores do país. A posição em que está é bela, o porto seguro e o terreno muito fértil.

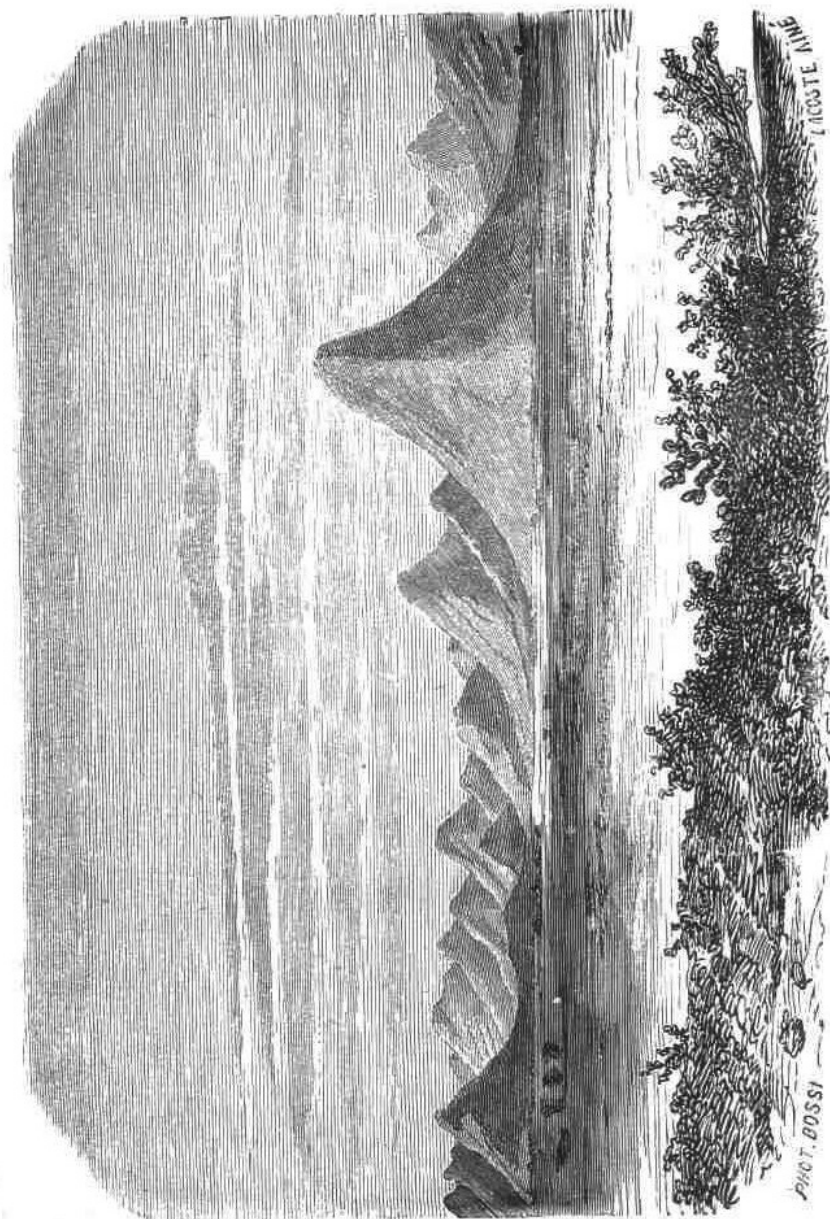
Na latitude $25^{\circ} 15'$ está situada a vila Concepción sobre a costa do Paraguai, povoado de pouca importância comercial e quase militarizado. Neste ponto foram confinados os habitantes europeus pelo ditador Francia, produzindo-se uma raça belíssima e esbelta que se faz notar no meio do Paraguai; em seguida se encontra sobre a mesma costa San Salvador, pequena aldeia, e na latitude $21^{\circ} 55'$ Sul, longitude $60^{\circ} 13'$ Oeste, apresenta-se a foz do braço denominado Ñacurutú, formado pela presença de uma grande ilha. A navegação prossegue por este braço a fim de não continuar a extensa curva que forma o curso do rio. Na latitude $21^{\circ} 26'$ Sul, longitude $60^{\circ} 18'$ Oeste, encontra-se a célebre Cerrada de los Morros que, com efeito, parece que fecha o rio. Este canal, não muito largo, tem no centro uma ilha formada toda de pedra calcária, de cuja matéria são formadas também ambas as costas nessa altura, produzindo-se uma espécie de cadeia ou sucessão de pequenos morros. Nestas imediações acha-se o rio Apa, onde começa o domínio brasileiro sobre a costa oriental. Aos 21°

25' latitude e 60° 14' de longitude levanta-se o não menos formoso cerro Pão de Açúcar, memorável por um feito de armas muito honroso para os soldados do Brasil, e que merece ser narrado pelo interesse que oferece.

No Pão de Açúcar uma guarnição brasileira de 25 homens foi atacada por duzentos paraguaios. O combate foi renhido apesar da desproporção do número. A pequena guarnição resistiu até haver queimado seu último cartucho; e antes que render-se, preferiu retirar-se e ganhar as matas e desertos. Nessas matas selvagens, esses poucos valentes foram surpreendidos pelos índios guaicurus, tribo muito guerreira e audaz que habita essas redondezas. Os bárbaros decidiram matar todos os prisioneiros; mas um dos índios se opôs ao sangrento desígnio de seus companheiros, tratando de persuadi-los de que não só estavam obrigados a conservar suas vidas, senão a dar-lhes sua proteção. O orador reduziu a ferocidade de seus irmãos até incliná-los à piedade e se decidiu unanimemente que os prisioneiros seriam conduzidos através dessas matas e desertos até a cidade de Cuiabá. Depois de trabalhos penosíssimos, e quando já se os julgava mortos, apareceram as vítimas pranteadas, rodeadas pelos índios, escolta singular que havia mitigado com seus prolixos cuidados os sofrimentos daqueles infelizes. O governo brasileiro sempre pronto a recompensar as ações generosas, prodigou suas cortesias aos índios e os cumulou de presentes, concedendo a honrosa patente de capitão ao iniciador daquela louvável ação a que deviam a vida seus súditos.

Desde então coube ao índio condecorado o título de *capitão de papel*, que com burlesca ironia dão-lhe em sua tribo, no seio da qual não é compatível essa honra senão para rebento de sangue nobre. Em consequência, a patente de *capitão brasileiro* não é para os índios senão um pedaço de papel sem importância nem significado, nem para seu possuidor um título de honra.

Estas tribos de guaicurus ocupam as margens do Chaco em uma grande extensão e outra parte delas, a margem oriental, assim é que pode considerar-se que uma vasta zona, por ambas costas, é de seu domínio. As primeiras *malocas* ou rancharias começam perto do Pão de Açúcar que assinala e seguem para o norte. Todos os anos fazem suas incursões contra as tribos vizinhas, especialmente contra os coroados ou guanás: desta tribo são os escravos que possuem. Só cativam mulheres jovens e crianças. Os



Vista do Pão de Açúcar

últimos abraçam facilmente os hábitos e a língua de seus senhores e, como estes os tratam com afeto, jamais pensam em abandoná-los.

Entre os guaicurus existe uma forte distinção de classes que se divide em nobres, plebeus e escravos; a maior distinção traduz-se pelo número de escravos; nisto se resume sua vaidade e seu orgulho. Os guaicurus são de estatura mais que regular e bem formados. Sua musculatura é forte e marcada; seu olhar imponente; indolentes por natureza. Comem muitas vezes ao dia; o jacaré é um manjar muito preferido por eles. Não se conhece entre os guaicurus a varíola; são raros os defeituosos, há alguns cegos por velhice, mas calvo nenhum. Conservam os dentes até o último dia de sua vida, mas são irregulares em sua posição; isto consiste em que, sendo muito mimados por suas mães quando crianças, lhes arrancam os dentes logo que amolecem para produzir-se a mudança natural.

Pintam a cara e o corpo com urucum e jenipapo, introduzindo a tinta na epiderme; os desenhos não carecem de fantástica simetria. As mulheres põem maior esmero neste adorno indelével. Estas, enquanto não comecem a criar seus filhos, mantêm-se em uma gordura moderada, quando se aproximam da velhice ficam geralmente disformes. A mulher, só quando chega aos trinta anos conserva seus filhos: antes procura sempre abortar, e serve-se dos meios mais cruéis e bárbaros, fazendo-se maltratar e pisotear o ventre. Só depois dos trinta anos começa a preocupar-se com a conservação de sua prole; devendo notar-se que essa raça de mulheres são irreprocháveis desde então como mães de família, pelos cuidados e pela ternura que consagram a seus filhos.

Embora, como regra geral, as mulheres sejam muito gordas, seus pés e mãos são muito pequenos. Geralmente são envolvidas em uma faixa de algodão; seus adornos são feitos de madreperla e canudos de prata que levam no colo e orelhas. Levam constantemente uma mascada de fumo na boca, entre o lábio inferior e a gengiva, e que ao final lhes deixa os dentes negros e repugnantes, mas essa cor é um sinal de beleza para os índios, assim como a ausência de sobrancelhas, as quais são arrancadas com esmero. Os homens levam o lábio inferior furado, onde atravessam uma varinha de madeira da grossura de uma pena; os mais ricos usam-na de prata. Cobrem a metade do corpo com uma tira de dois palmos de largura, os que não preferem estar de todo nus. Servem-se da flecha para a

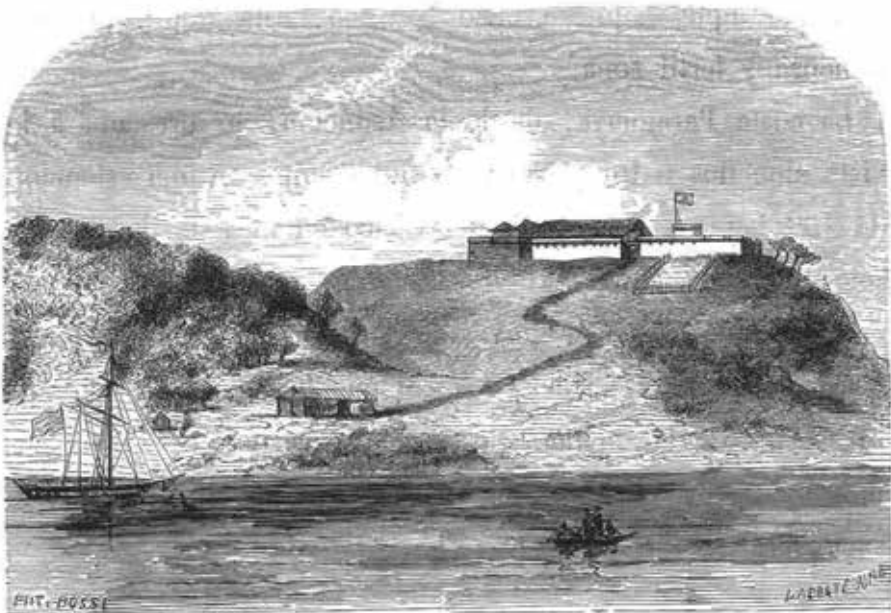
caça e a pesca; também a usam na guerra, mas para esse serviço preferem a lança, que é sua arma favorita. Em suas campanhas levam consigo todas as suas armas, a lança, a flecha, o tacapeco, o laço; e, sendo bons ginetes, criam excelentes cavalos, assim como outros gados. Suas canoas são muito pequenas e mal construídas, mas são muito hábeis para navegar com elas. No caráter destes índios predomina a soberba, olham com o mais alto desprezo as demais tribos; professam um ódio visceral aos paraguaios e são muito partidários dos brasileiros. Contentam-se com a posse de uma única mulher, da qual lhes é dado separar-se por mútuo acordo. Crêem em um Ente Criador, mas não lhe rendem nenhum culto manifesto. Não têm nenhuma idéia de recompensas ou castigos futuros; só afirmam que a alma dos capitães transporta-se a uma mansão de delícias contínuas, privilégio do qual também gozam os pretensos adivinhos que há entre eles, com a denominação de *unigênitos*, que também exercem a profissão de médicos. Estes seres privilegiados, espécie de sacerdotes, que se dizem intérpretes



desse Ente Criador, servem-se de sua misteriosa preponderância para estimular a barbárie e ferocidade da tribo.

Geralmente esta tribo vive às margens dos rios para obter pesca e, quando esta falta, muda de domicílio. Suas *malocas* ou acampamento são formados divididos em ruas retas, seus ranchos improvisados são muito baixos e os tetos cobertos de frágeis esteiras. Gostam muito dos licores espirituosos, e preparam uma chicha de mel e água, fermentação bastante vigorosa e embriagadora.

Sobre a costa do Chaco na latitude 21° 1' Sul, longitude 60° 15' Oeste, encontra-se o forte Olimpo, ocupado por uma guarnição paraguaia, última guarda dessa República no território de sua jurisdição. Este forte foi construído pelos espanhóis. Os guaicurus o atacaram em diversas ocasiões e o tomaram aos paraguaios que, atualmente e como uma justa precaução, conservam fundeada uma balandra de guerra para refugiar-se em caso de um novo confronto. Este forte, sob a autoridade espanhola, era chamado de forte Borbon. O vapor fundeia por breves momentos para preencher uma formalidade usual.



O homem culto que chega a este ponto, não pode senão dilatar seu pensamento aos distantes povos da Europa, repletos de povoações necessitadas e superabundantes, onde os elementos da vida e do trabalho escasseiam, enquanto que aqui, sob um céu benigno, está inutilizada uma imensa e fértil zona.

A costa paraguaia, desde Assunção, não apresenta à vista senão dois ou três vilarejos insignificantes numa extensão de 150 léguas; e a costa do Chaco em mais de duzentas, só deixa ver alguns índios errantes em busca de pesca. Todas estas costas são muito altas e livres de inundações; os terrenos muito férteis, os campos formosos, e alguns dispostos de tal maneira que só necessitam receber a semente para produzir o que o homem queira pedir a este solo produtivo.

.....

Capítulo III

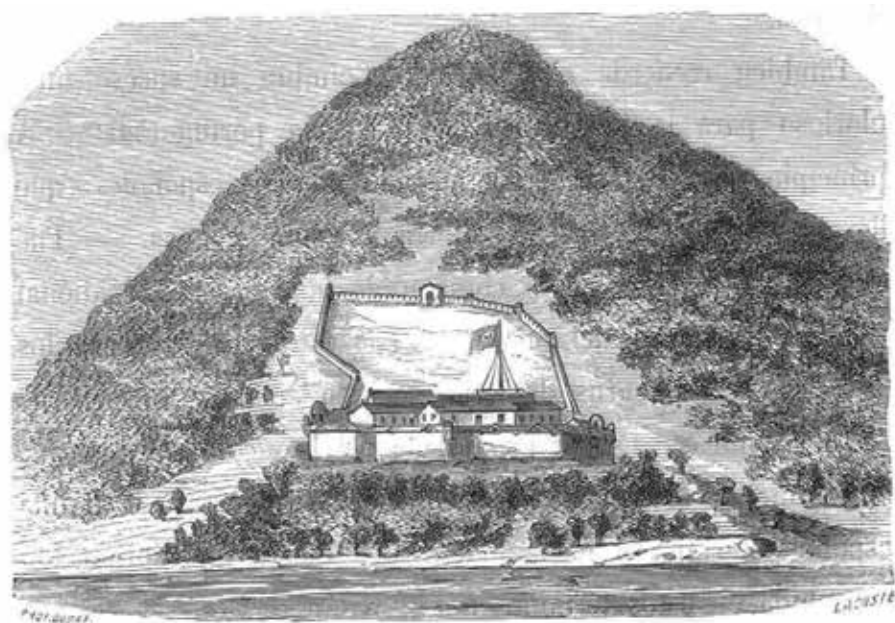
Navegação do rio Paraguai até Coimbra. – Fisionomia geral das costas. – A importância desta posição militar do Brasil. – Gloriosa história do forte de Coimbra. – Episódio guerreiro com documentos que justificam a heróica resistência e o triunfo da guarnição portuguesa contra uma frota espanhola enviada por D. Lázaro de Rivera. – O povoado fronteiriço de Miranda. – Albuquerque. – Corumbá. – Sua população, sua importância econômica, seu porto – Exame do território e suas propriedades. – Companhia atual de navegação do Alto Paraguai. – Sua utilidade, sua regulamentação e o método de seu serviço. – Navegação de Corumbá à foz do São Lourenço. – Confluência deste rio com o Paraguai e o curso de ambos. – Navegação do San Lorenzo até sua confluência com o Cuiabá. – Curso de ambos os rios. – Observações sobre as costas e o território; propriedades deste. – A tribo dos guatós. – Seu caráter pacífico, seu tipo, seu pequeno comércio. – O rio Cuiabá, a subdivisão de seus braços em diversas alturas. – O Bananal, o Piraim e o Acurutuba. – Navegação por esses braços e a continuação do Cuiabá em um só corpo. – Considerações sobre o território e costas, abrangendo uma apreciação dos ramos de história natural. – A cidade de Cuiabá; sua descrição e sua tradição histórica. – O povoado do Porto. – Estaleiro do governo. – Mestrança, etc. – Continuação do porto à capital. – Descrição do prédio da cadeia e do estabelecimento para a elaboração de pólvora. – Menção dos oficiais do governo imperial encarregados destas obras. – A cidade capital. – Sua descrição. – Sua real importância na propriedade, em seu comércio, em sua população. – Edifícios públicos. – Estabelecimento de caridade. – O Sr. Presidente Pena. – Proteção que dá a meus trabalhos de exploração. – Organização da expedição às terras desertas. – O ilustríssimo Sr. Bispo. – Sistema administrativo. – Distribuição da autoridade civil. – Encarregados da autoridade militar. – Menção das diversas notabilidades da província. – O inteligente Levergé. – Seus trabalhos.

D

ESDE o forte Olimpo, a navegação continua sempre pelo rio Paraguai, porém a poucas léguas começa o domínio brasileiro. As costas por muitas léguas baixam consideravelmente e ambas as margens apresen-

tam o aspecto dos terrenos alagadiços. À medida que a navegação avança em direção ao forte de Coimbra, as costas se elevam de novo, e na latitude 19° 55' Sul e longitude 60° 1' Oeste, encontra-se o mencionado forte imperfeitamente construído a meio termo num cerro que domina o rio. A fortaleza brasileira de Coimbra parece disposta unicamente para bater o rio e defender-se por sua frente e lados, mas sua parte posterior está indefesa, e só com o desabar sobre ela as pedras do cume ficaria inutilizada. O rio nesta altura se estreita muito e apresenta um aspecto muito bonito. Parece como se tivesse partido com suas correntezas uma pequena serra de morros para abrir-se passagem. Em ambas as margens há alguns ranchos.

O forte de Coimbra conta sua fundação desde 1775 e, além de abrigar um presídio, foi calculada essa posição militar para pôr a coberto a navegação dos paulistas e para conter as numerosas incursões dos índios guaicurus que subiam até Vila Maria, onde assassinaram algumas pessoas e cativaram outras. A última ocasião em que os portugueses foram vítimas da traição infame dos guaicurus foi em 1778, em frente de Coimbra. Na ocasião em que os cristãos, com uma lamentável confiança, se ocupavam em trocar alguns objetos com os bárbaros, estes, que premeditavam seu



delito, caíram em grande número sobre os soldados desarmados e assassinaram covardemente cinquenta deles.

Lembra também o forte Coimbra um sucesso muito glorioso para a bravura e fidalguia portuguesa. Em princípios deste século foi atacado pelos espanhóis, que levavam quatro goletas de guerra e vinte canoas. Foi a primeira vez que no coração da América meridional se ouviu o estrondo do canhão. As tribos belicosas dos paiaguás e guaicurus devem ter-se surpreendido de terror e de espanto ante esse estampido formidável do bronze.

Em um dos intervalos do combate, o comandante da flotilha espanhola dirigiu ao comandante do forte uma intimação concebida nestes termos:

“A bordo da goleta *Nuestra Señora Del Carmen*, 17 de setembro de 1801

Ontem à tarde tive a honra de responder ao fogo que V.S^a. fez desse forte e, havendo reconhecido que as forças com que vou imediatamente atacá-lo são muito superiores às de V. S^a. não posso menos que vaticinar-lhe o último infortúnio; mas como os vassallos de S. M. católica sabem respeitar as leis da humanidade ainda em meio à guerra, peço portanto a V.S^a. que se renda às armas do rei, meu amo, pois do contrário no canhão e na espada decidirei a sorte de Coimbra, sofrendo sua desgraçada guarnição todas as conseqüências da guerra, de cujos estragos se verá V.S^a. livre, se convier com minha proposta respondendo-me categoricamente esta no prazo de uma hora.

D. Lázaro de Rivera.

O mesmo mensageiro dessa intimação ousada e terminante foi portador desta valente resposta do comandante de Coimbra:

Coimbra, 17 de setembro de 1801.

Tenho a honra de responder a V.E. categoricamente que a desigualdade de forças foi sempre um estímulo que muito animou os portugueses a não desamparar seu posto e defendê-lo até as últimas conseqüências, ao repelir o inimigo, ao sepultar-se sob as ruínas dos fortes que lhes confiaram. Nesta reso-

lução estão todos os indivíduos deste presidio, que têm a distinta honra de ver à frente a excelsa pessoa de V. E., a quem Deus guarde.

Ricardo Franco d'Almeida.

Os filhos de Cid puderam ver que não eram os únicos dignos de Numância e que ainda que em menor teatro, se antecipava um Palafox nos desertos. Puderam ver como o heroísmo português compreendia a honra de sua bandeira e de seu posto. Depois de nove dias de cerco, a frota espanhola retirou-se com algumas baixas.

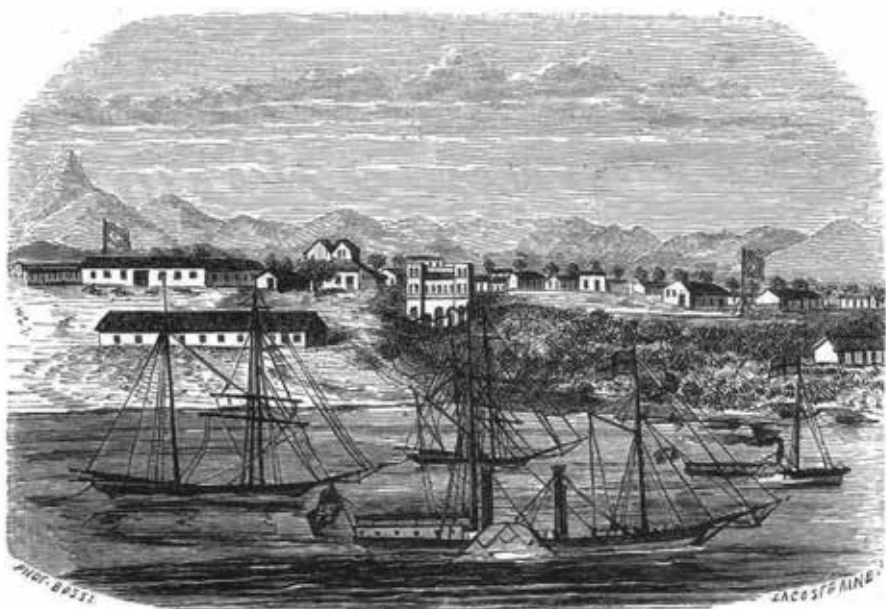
A distância de algumas léguas do Coimbra existe uma célebre gruta que, por sua singularidade e beleza, tornou-se célebre. Não a visitei, mas recolhi sobre ela algumas informações.

Com bastante trabalho se desce até uma profundidade de 100 pés mais ou menos. Dentro contém uma variedade muito luxuosa de caprichosas cristalizações de formas e perspectivas muito raras, assim como se encontram nas imediações do cerro uma grande variedade de pedras com incrustações de raízes e plantas seculares. Nestas matas acha-se em abundância o jacarandá e outras madeiras curiosas. Há neste ponto um destacamento sob o comando de um capitão.

O vapor detém-se um momento para receber e entregar a correspondência, razão pela qual tive que resignar-me a não fazer uma excursão que tanto desejava.

O território insondável do Gran Chaco mostra seu interior. Rompeu-se essa cortina de matas emaranhadas que o escondia da vista do homem, e vêem-se imensas e verdes pradarias que pela sua uniformidade e verdor de sua superfície, parecem feitas pela mão do homem. Por léguas e léguas se estende esse panorama. Milhões de palmeiras elevadíssimas de uma forma especial, mas isentas de produção, estão ali como um adorno. Juntam-se às vezes em grupos, se dispersam, apresentam-se às vezes em ordem e simetria tal que, sobre o fundo verde e animado, parecem formar colossais pastos preparadas pela arte.

Na latitude 19° 41' Sul, longitude 59° 51' Oeste, encontra-se o Morro do Conselho. Nos tempos de seca este é o ponto onde se acha menos água. Um pouco mais ao sul o rio se estreita muito por causa de



uma ilha e um banco de areia que encontra-se no centro, e por ali os índios fazem sua passagem de uma à outra costa.

Na latitude 19° 25' Sul, sobre a costa ocidental está situada a vila de Albuquerque, ao pé de um cerro, aproximadamente uma légua de distância da margem. O porto está situado também ao pé de um cerro denominado Retiro. Contígua à vila, há uma aldeia de índios guanás que prestam ao vizinho povoado toda classe de serviço, seja na agricultura, seja em outras necessidades, e pequenas indústrias. Em frente, desemboca o rio Mondego que conduz a Miranda, povoado regular, com um destacamento militar por encontrar-se muito próximo das fronteiras do Paraguai. Este pequeno povoado possui terrenos muito férteis e tem razão para esperar um lisonjeiro porvir. Sua origem parte de um presídio que foi estabelecido em 1777, duas milhas distantes do rio Aranhaí, sobre sua margem direita e contígua a uma serra.

Na latitude 19° 1' Sul, longitude 59° 96' Oeste, na margem ocidental está situada Corumbá. As campinas intermédias sobre ambas costas são pitorescas e os terrenos, espécie de pampas verdes e infinitos, poderiam alimentar milhões de vacas. Efetivamente, na costa ocidental começa-se a ver algum gado que pasta nesses campos privilegiados.

Corumbá, povoado novo, que começa a se formar, pode dizer-se, está situado sobre o barranco; seu porto é regular; possui um quartel, excelente edifício onde há uma força de cento e tantos artilheiros. Essa posição militar domina o porto e o rio. Um pouco mais abaixo está a alfândega, um enorme rancho que contém todas as seções necessárias e, a cada dia, aumentam os edifícios de construção modesta, como albergue provisório de habitantes que se preparam para entrar em uma vida mais ativa e próspera. A população é de mil almas, mais ou menos, e vai em rápida progressão. Se o governo e as empresas facilitarem a navegação a vapor, pondo-a ao alcance das classes industriais, se a propaganda do século fizer conhecer prolixamente essas venturosas regiões nos grandes empórios populacionais e de comércio, se se estimular a colonização, se tiver chegado por fim a hora de dar vida social a essas regiões onde abunda a vida de natureza robusta e louçã, esses povos interioranos têm razão para esperar logo uma revolução saudável em seu destino, e essa revolução começa a iniciar-se, como um crepúsculo da civilização do século no meio das trevas de sua incipiente existência.

O governo do Brasil, ilustrado como é, deve compreender como é importante para os vastos domínios do império introduzir a ação da vida moderna, pelos diversos flancos desse território colossal, para que a luz do progresso convirja de todas as partes ao centro de uma nação, em grande parte inexplorada e que sob todos os aspectos contém infinitos tesouros.

Seu jovem e sábio monarca parecer haver compreendido a nobre missão que lhe coube para o bem da nação brasileira. A nobre proteção que concede ao espírito de investigação e de empresa assim o manifesta; e esta iniciativa ou esta manifestação de seus desígnios, não pode menos que ampliar-se e traduzir-se em bens práticos e fecundos para o porvir.

Corumbá, onde nos encontramos neste momento, é um povoado para o qual sorri um destino muito próspero. É a aduana principal e, pode-se dizer, o depósito das manufaturas que se distribuem ao consumo de diversos povoados: a Miranda, Vila Maria, Cuiabá, Albuquerque; e estes povoados e os demais da província de Mato Grosso, enviam seu retorno para exportá-los a partir desse mercado comum. Tem ainda em perspectiva o futuro comércio da Bolívia. Se aquele Estado não abrir um porto pró-

prio pelos rios assinalados, é fora de dúvida que a região sul da Bolívia se provará de Corumbá.

Há também uma razão capital. Ainda que o rio Paraguai em suas grandes cheias seja navegável para navios de todo calado, em seu estado normal só permite chegar até Corumbá navios que tenham 9 pés ingleses de calado e 5 pés na sua grande vazante, o que faz desse porto indispensável e único para os navios empregados no comércio.

Os terrenos contíguos a este povoado não são favoráveis à agricultura, por serem sobremaneira calcários. Têm apenas dois pés de terra vegetal e as árvores lançam suas raízes horizontalmente sem poder penetrar nem desenvolver-se com a corpulência geral. A cal se encontra pura e quase superficialmente; essa cal se emprega para edificar e para cair. Fora dos limites mais próximos do povoado, os terrenos são muito férteis.

Corumbá, em sua condição atual, tem algo dos primeiros tempos da Califórnia; tudo ali é sumamente caro e o viajante encontra dificuldades para hospedar-se. Um quarto ruim de dois cômodos custa de 30 a 40 pesos fortes ao mês; a comida é igualmente cara e não varia entre a carne e o peixe. Faz pouco tempo que se pôde conseguir a criação e conservação das aves. Os vampiros das matas próximas as perseguiram e até as pessoas tinham de precaver-se contra esses enormes morcegos que foram desaparecendo à medida que se desmata o bosque. Pelas referências que tenho, devem ser mais ou menos idênticos aos vampiros que em Guaiaquil, e especialmente em Quito, introduzem-se ao abrigo da escuridão para alimentar-se com o sangue que extraem aos que o sono pesado dessa região opressora deixa quase insensíveis.

A população compõe-se de comerciantes primeiramente; de empregados, de alguns artesãos, de índios peões que se consagram ao serviço da alfândega e dos marinheiros dos barcos a vela. Há cinco bilhares, e esse divertimento é muito apreciado.

A viagem de Montevidéu a Corumbá em barcos a vapor faz-se em doze dias; os de vela fazem-na em três ou quatro meses.

A companhia de navegação do alto Paraguai presta um grande serviço à província de Mato Grosso. Sem a existência dessa linha de vapores, até agora viveria ignorada. A companhia tem o belo vapor *Marquês de Olinda* entre Montevidéu e Corumbá; e outros três, com algumas chatas

de carga, entre Corumbá e Cuiabá. Os dois maiores chamam-se *Conselheiro Paranhos* e *Visconde de Ipanema*; o terceiro, de menor calado, chama-se *Cuiabá* e é reservado para as vazantes extraordinárias do rio. A companhia cumpre inteiramente seus compromissos estipulados, mas o tratamento dado aos passageiros deveria ser mais generoso e proporcional aos gastos. O passageiro só pode dispor de 30 pés cúbicos para sua bagagem; o excedente paga-se à parte.

Como se vê, a navegação desde Montevidéu não apresenta obstáculo algum, é mansa e às vezes deliciosa. O viajante descobre a cada passo espetáculos variados que lhe apresenta uma natureza majestosa e primitiva, onde o olho da civilização vai descobrindo tesouros escondidos que serão seu patrimônio um dia.

A alguma distância de Corumbá encontra-se um povoado boliviano, no dizer de muitos, a 70 léguas. Toda esta costa é elevada e dali se divisam não muito distantes as serras da Bolívia que seguem o noroeste.

O viajante que se dispõe a continuar a navegação mais ao interior, tem que se despedir das comodidades do *Marquês de Olinda* e tomar lugar em um vapor de menor tamanho, o qual reboca geralmente duas chatas com carga até a cidade de Cuiabá.

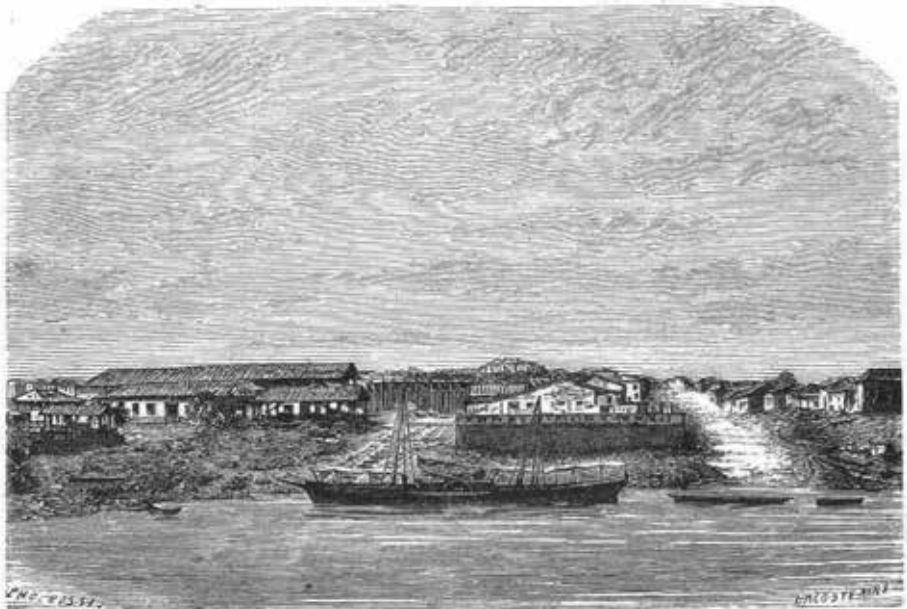
Minha disposição era seguir essa rota e, portanto, aproveitei um desses vaporzinhos.

A navegação continua sempre pelo rio Paraguai, em um trajeto de 34 léguas, onde se encontra a foz do rio São Lourenço. Até esse ponto, a distância percorrida oferece pouca novidade e pode considerar-se um prosseguimento do aspecto físico da paisagem que vínhamos descrevendo, com a única diferença de que a costa ocidental vai sucessivamente elevando-se até apresentar várias cadeias de montanhas, não muito pronunciadas, que se denominam *Insua*, *Chainez* e *Dourados*; por entre estas serras existem três lagoas que se denominam *Oberaba*, *Gaíba* e *Mandioré*. Essas serranias são entrecortadas e apresentam em seu interior vales formosíssimos.

O governo brasileiro tem em Dourados um pequeno destacamento e alguns instrumentos de trabalho e se propõe estabelecer um estaleiro ou *mestrança* para a reparação de barcos. Com exceção dessa pequena força militar, as costas são desertas.

Na latitude 17° 55' Sul, longitude 59° 45' Oeste desemboca o caudaloso São Lourenço. O rio Paraguai continua sempre na direção norte; o São Lourenço vem do nordeste para fazer sua confluência com o Paraguai. É necessário deixar este rio, que nos emprestou suas águas em tão longo percurso, e entrar pelo São Lourenço para ir a Cuiabá. Entre o espaço que deixa o curso de ambos os rios até suas nascentes encontra-se um vasto território rodeado por eles em forma de península. As pessoas que se dignem ler minhas notas de viagem devem prestar especial atenção a essa península que, sob todos os aspectos da riqueza, é a região mais importante da província de Mato Grosso e sobre a qual voltarei um pouco mais adiante.

O rio São Lourenço é um rio forte, manso e ameno. Corre ao nordeste, como disse, na distância de 40 léguas, variando depois a leste, deixando continuar em seu curso primitivo o rio Cuiabá, com o qual conflui na distância indicada. O Cuiabá e o São Lourenço, por sua beleza, por seu poder e por todos os demais acidentes, são idênticos. O São Lourenço pode ser navegável em qualquer tempo, e mesmo nas suas maiores vazantes, por barcos de 4 pés de calado.



A tribo dos guatós freqüenta nestas alturas ambas as margens do São Lourenço e habita nas imediações: É uma tribo inofensiva, que vive da pesca e da caça. Seu pequeno comércio limita-se a algumas peles de onça e de outros animais, que vendem aos viajantes. Também domesticam a capivara, a anta e o veado e inúmeras espécies de aves curiosas, como o jacu de diferentes variedades, o mutum, o *guacamayo* que chamam *arara*, e papagaios de diversos tamanhos e cores. Esta tribo costuma ser atacada pelos ferozes coroados que fazem seus assaltos desde o interior. Estes são os índios que comumente atacavam as caravanas e viajantes que costumavam transitar nesses caminhos penosíssimos entre o Rio de Janeiro e Mato Grosso e que ainda costumam aparecer vindos da província de Goiás.

Deixemos que o São Lourenço siga seu desvio ao leste e continuemos no rumo ao nornordeste, nas águas do rio Cuiabá. Seu leito é algo menos profundo em virtude de dispersar-se em vários braços. Devemos tomar pelo que se denomina do *Bananal*, que é o mais propício à navegação, apesar de suas intermináveis voltas. Este rio é propriamente um caracol e tão estreito que o vapor tem que recorrer aos croques para dobrar, e é embaraçoso, em alguns pontos, o encontro com outra embarcação.

Saindo do Bananal, o Cuiabá apresenta-se de novo em um só corpo, mais largo, e assim continua até que volta a dividir-se em vários braços, dos quais os mais fundos são o *Piraim* e o *Acurutuba*, preferindo-se este por sua limpeza. Este braço é um fac-símile do Bananal e, saindo dele, o Cuiabá não apresenta outra vez senão um só corpo. A vegetação de suas costas é muito robusta, há uma superabundância de vida animal. Estes rios são o paraíso das aves; a caça abunda assombrosamente; as delicadas *peruas-do-mato*, uma espécie de patos semelhantes aos marrecos e outras espécies só ali conheci. Entre as aves mais coloridas, mais canoras e mais atraentes distingue-se o *japu*, do tamanho de um melro, sua cor de um negro irisado, o bico e parte de suas asas amarelos. Quando canta, pendura-se nos ramos de cabeça para baixo e eriça toda a sua bela plumagem; tem a propriedade de imitar todas as aves; à parte seu harmonioso canto, faz também um curioso arremedo das demais. O *japu* tem um instinto apuradíssimo, e tal é sua arte para conservar sua prole que poderia chamar-se mesmo suspicácia. Escolhe as árvores mais altas, e nestes ramos mais salientes, em cuja extremidade pendura seu ninho, espécie de bolsa de dois a três palmos



PHOT. BOSSI.

LACOSTE AINÉ.

formada de um primoroso tecido de palha, que o vento balança e sacode, mas que não consegue derrubar nunca. Também se encontra uma ave muito formosa que os nativos chamam *João Pinto* e cujo canto e cujas cores são agradáveis.

Os macacos de diferentes tamanhos e de diversas formas saltam entre os galhos, mostrando de certa distância sua risível agilidade ao viajante, para o qual se abre sob esta região caprichosa uma página muito colorida da história natural. Os mosquitos abundam e incomodam muito nas épocas de cheias, mas que durante as vazantes do rio não são sentidos.

Saindo do Acurutuba, o Cuiabá apresenta em suas margens uma superfície infinita de campos belos e pastoris. A vista se dilata nessas espaçosas planícies porque não se apresentam obstáculos. Essas planícies costumam alagar-se; mas nos tempos de seca e quando falta a água no interior, cobrem-se de gado dos estabelecimentos de campo.

É então que ocorrem também como a um encontro de canibais, as feras das matas, em assédio aos sedentos gados. As onças atravessam o rio desde a costa ocidental. Eu mesmo presenciei um quadro muito curioso: duas onças de bom tamanho avantajado cruzavam as águas do Cuiabá de maneira que não podiam evitar o vapor. Via-se que redobravam seu esforço, nadar com violência para fugir do perigo. Não tínhamos à mão armas carregadas, mas esperávamos vê-las submergir; de fato uma delas recebeu os golpes de uma roda, mas ambas conseguiram escapar e perder-se entre os matagais da costa.

Daí em diante e sobre ambas as margens já se vão encontrando habitações com seus pequenos cultivos. Preponderam nesses plantios a cana-de-açúcar, a mandioca, a banana e a laranjeira. Como o vapor vai tomando lenha a certas distâncias desde a saída de Corumbá, o viajante tem ocasião de descer a terra duas ou três vezes ao dia e de visitar esses pequenos povoados, que nada oferecem de especial. O terreno em ambas as costas é muito fértil. Até o porto de Cuiabá não há nada de singular para mencionar, com exceção do lindo cerro de Santo Antônio, que se encontra na latitude 15° 55' Sul, e longitude 58° 20' Oeste, junto do qual há uma pequena aldeia.

As canoas que conduzem objetos de comércio de Corumbá a Cuiabá fazem uma viagem penosa de 30 a 40 dias; durante o período das

cheias a viagem é muito mais curta, porque navegam sobre as terras alagadas e em rumo quase direto. O vapor faz a mesma viagem em oito dias e regressa em cinco, favorecido pelas correntes.

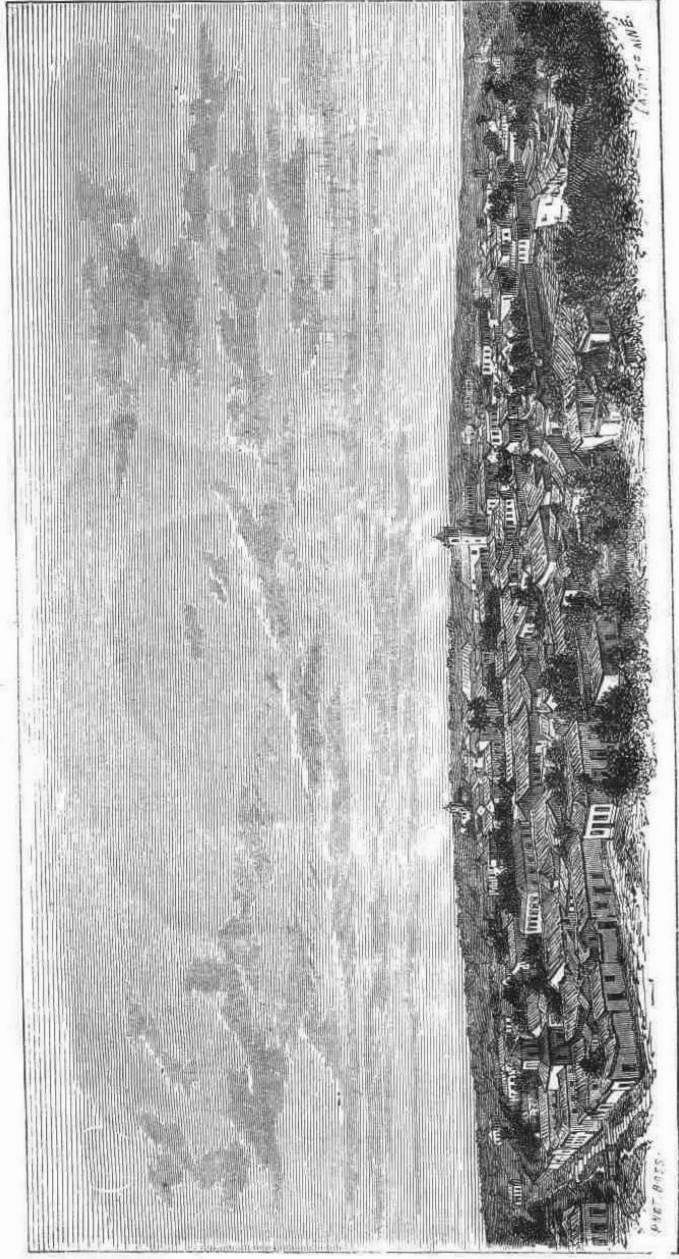
Depois de oito dias de navegação mais amena e pitoresca chegamos a Cuiabá. O vapor fundeia em frente ao arsenal da marinha, e de imediato acorrem a capitania do porto e muitas pessoas da cidade, buscando notícias do Rio de Janeiro. A maior parte delas são empregados, quase todos filhos de outras províncias do império.

O porto de Cuiabá tem um bonito aspecto e uma população de duas mil almas. Sobre a barranca está situado o arsenal da marinha a cargo do Sr. Capitão Antônio Cláudio Soído, oficial da marinha muito inteligente e ativo; e sob suas ordens uma equipe de marinha composta por muitos filhos dessas matas, para quem, algum dia, será uma surpresa o espetáculo do oceano. Há um estaleiro para a reparação dos vapores e atualmente há um em construção; também possui uma fundição para toda espécie de peças requeridas para as máquinas, a qual começa a funcionar com êxito. O prédio que contém estes departamentos é bastante bom, possui todos os elementos de mestrança e a maquinaria a vapor requerida para os trabalhos.

A província possui quatro ou cinco pequenos vapores de guerra, os quais fazem o serviço nos diferentes pontos militares.

A subida do porto faz-se por uma espaçosa e cômoda barranca, toda empedrada.

A cidade de Cuiabá está distante três quartos de léguas do porto, mas vai se ligando a este por uma série de edifícios e estabelecimentos intermediários, sendo de esperar-se que logo não formem mais que um só corpo. Nesse espaço intermédio está situado o arsenal de guerra, edifício grandioso levantado sobre uma lombada. Contém todo o material de mestrança e funciona com inteligência e regularidade. À sua frente, formada por uma espaçosa praça, está-se terminando a construção de uma cadeia, edifício de primeira qualidade no qual não só se encontram os objetos de gosto e da arquitetura, como também as necessidades de comodidade, segurança e higiene. Esta obra faz-se sob a direção de meu amigo, o inteligente Dr. Herculano Carlos Ferreira Pena, primeiro-tenente do corpo de engenheiros, atualmente em comissão ativa em Mato Grosso, e o mesmo



Vista da cidade de Cuiabá

que dirige a construção de um belo edifício sobre o rio Coxipó, destinado à fabricação de pólvora.

Desde a barranca do rio, o terreno vai sempre elevando-se e formando uma série de altos, quebradas e descidas. Sobre este terreno tão acidentado e irregular, está edificada Cuiabá. A Rua Bela, espaçosa e reta, é a que serve de entrada a partir do arsenal de guerra, onde se pode dizer que começa a cidade; é a única que tem estas condições, mas está ainda pouco povoada porque quase todas as casas ocupam muito terreno com suas quintas. A Rua Bela, pela elegância dos edifícios que nela se levantam, por sua extensão e por sua direção, logo será a mais povoada e a mais comercial. As demais ruas da cidade são mais ou menos estreitas, a maior parte extremamente tortuosas e irregulares. Cuiabá é um verdadeiro labirinto e será muito difícil corrigi-lo pela natureza desse terreno montanhoso, razão pela qual é de supor-se que o povoamento se estenda em direção ao rio, o que seria uma sorte para essa importante cidade. As ruas são todas muito bem calçadas, servem-se da pedra de quartzo aurífero e de cristal.

O viajante não pode deixar de surpreender-se agradavelmente ao achar na latitude 15° 37' Sul e longitude 58° 23' Oeste, no próprio coração da América meridional, uma cidade de doze a quinze mil habitantes; cidade que, se não é absolutamente cômoda e carece de muitas das necessidades criadas pela vida moderna; é pitoresca por sua posição elevada e bastante considerável, apesar de sua remota existência.

Os edifícios da cidade, mais ou menos uniformes, não oferecem outras exceções senão aquelas que indiquei entre suas modernas construções, mas que garantem uma progressão favorável em seu visível desenvolvimento. Possui uma igreja paroquial dedicada ao Bom Jesus e três capelas sob a invocação do Bom Despacho, dos Passos e de Nossa Senhora do Rosário. É a sede de um bispado, possui um seminário, uma casa de Misericórdia, um hospital de lázaros, outro militar e alguns outros estabelecimentos pios.

O Palácio, assim chamado, divide-se em dois compartimentos: um para as repartições fiscais e o outro para residência do presidente da província e sua secretaria. Sendo Cuiabá a capital da província de Mato Grosso, está ali concentrada a administração geral. Há também um co-

mando geral de guardas nacionais. Possui, além de outros edifícios de domínio fiscal, um espaçoso quartel com um corpo de artilharia.

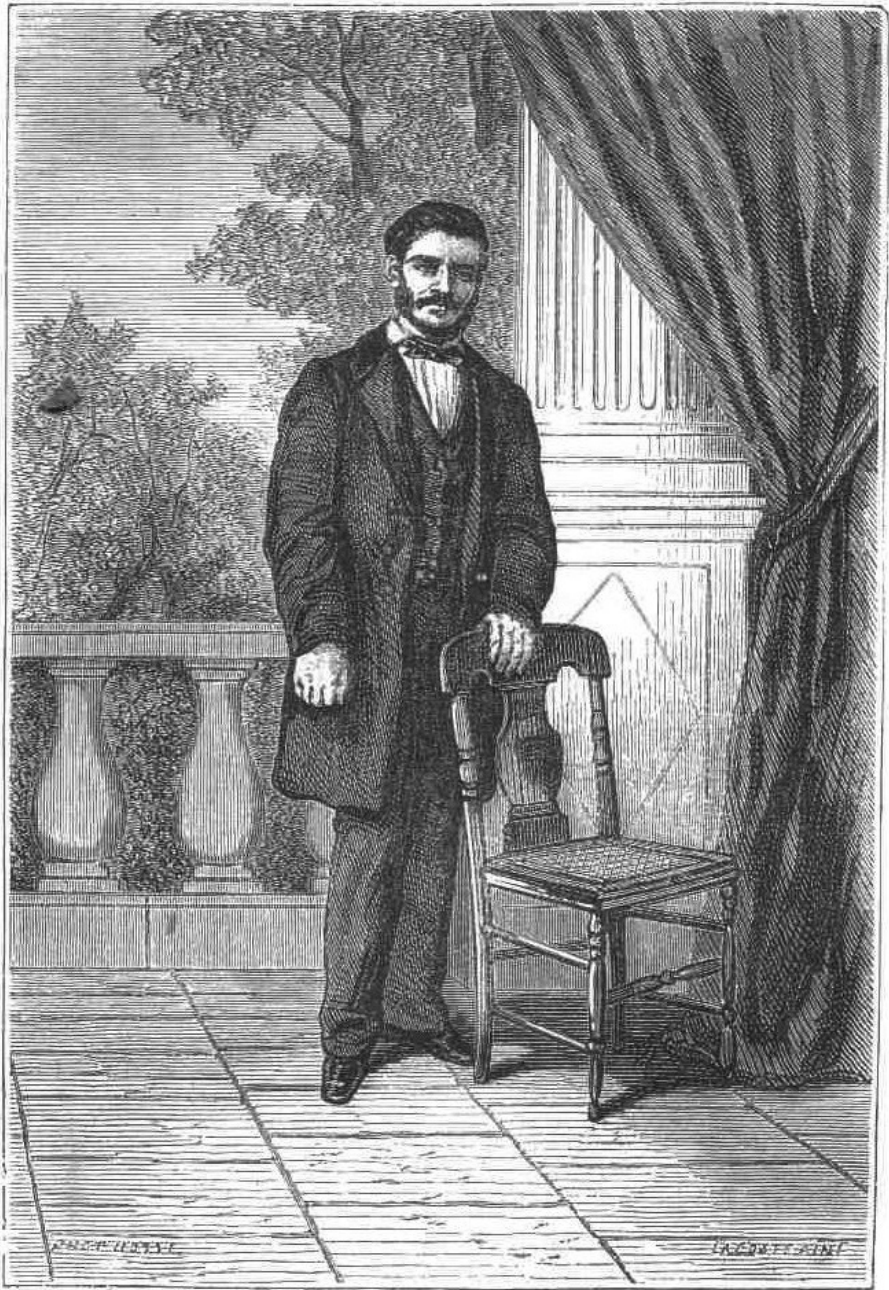
Não há hotéis, mas é verdade que não há viajantes; mas existem duas pequenas tascas onde tão-somente se serve de comer, pela falta de comodidade para hóspedes. Somente os artesãos e estrangeiros acorrem a essas estalagens. Uma delas pertence a um milanês, sapateiro de ofício, excelente pessoa; ajuda-o sua esposa também milanesa, verdadeiro tipo italiano por sua afabilidade e simpáticos dotes. A outra, verdadeiro e detestável bodegão, é de um piemontês chamado Carlos Novelli, que não goza de muito boa reputação na terra, por seu mau caráter e péssimas condições, é menos freqüentado. Para hospedar-se o viajante necessita levar recomendações para os particulares; mas o movimento que paulatinamente se inicia para esse lugar, já inspirou a alguém a necessidade de preparar uma cômoda pousada.

A irregularidade que se nota na construção da cidade de Cuiabá está revelando as circunstâncias de sua origem, como todo país que a deve à legítima cobiça dos exploradores da mineração. Cada qual faz um rancho onde lhe convém, onde está seu trabalho; consulta sua conveniência quando muito, sem cuidar do porvir, sem preocupar-se com o futuro destino das gerações que hão de sucedê-los nessa fonte sedutora de suas riquezas. Os vazios vão sendo preenchidos sem delineamento e sem regra e, insensivelmente, levanta-se um labirinto sem propósito e sem condição de estabilidade. Assim se formou Cuiabá.

Havendo os vicentinos dominado as tribos guanhaná e carijó, começaram suas excursões ao outro lado do rio Paraná em busca de outras tribos. Aleixo Garcia foi o primeiro que com numerosa escolta de índios subjugados, cruzou o Paraguai e penetrou até a proximidade dos Andes em meados do século XVI; e foi também o primeiro que descobriu a parte meridional desta província.

Várias outras expedições se realizaram em busca de índios, mas não se teve notícias certas delas senão a partir de 1718, quando Antônio Campos, paulista, subiu pelo rio Cuiabá procurando a tribo coxipó que habitava uma aldeia onde se encontra hoje a capela de São Gonçalo.

No ano seguinte chegou Pascoal Moreira Cabral e penetrou até o lugar chamado *Forquilha*. Observou que alguns índios possuíam pepitas



de ouro. Pesquisou o terreno e, com efeito, manifestou-se a existência do rico mineral, o que o decidiu a voltar à aldeia que Campos havia visitado para prover-se de alimentos. Nesse ponto acertaram seus meios de trabalho e o empreenderam ali mesmo com êxito. Pouco tempo depois chegou outra companhia que veio aumentar a nova povoação; e em virtude de encontrar-se já reunido um bom número, determinaram nomear um chefe e foi eleito Pascoal Moreira Cabral, sob a condição de que a nomeação fosse sancionada pela capitania geral de São Paulo.

À notícia de tal descobrimento, muitas foram as caravanas que saíram de São Paulo, mas a maior parte delas pereceu no caminho. No mesmo ano o povoado mudou-se para uma paragem chamada *Forquilha*.

No ano seguinte, um indivíduo de nome Miguel Sutil, que cultivava um terreno sobre a margem esquerda do Cuiabá, mandou dois índios de seu serviço em busca de mel nas matas vizinhas. Quando regressaram, na mesma noite, entregaram ao seu senhor cento e tantas oitavas de ouro em pepitas, contando-lhe o pouco trabalho com que o haviam achado num sítio onde abundava o precioso metal. Sutil não foi insensível a esta advertência da fortuna; abandonou a enxada, tomou o bastão e dirigiu-se com seus guias ao lugar prometido, convidando a seguir suas pegadas aventurosas um seu companheiro chamado João Francisco, que levava a alcunha de *Barbudo*. Logo chegaram ao lugar designado pelos áureos mensageiros, e este é o lugar onde hoje se encontra edificada a cidade de Cuiabá; o ponto onde os índios descobriram o ouro é onde se encontra edificada a capela de Nossa Senhora do Rosário que já mencionamos. À notícia de novos descobrimentos, não tardou que a população de Forquilha se mudar para os novos lugares e foi ali se agrupando em desordem, preocupada e estimulada tão-somente por sua avidez. Todas as notícias que recopilei estão conformes este relato, e consta da tradição; esses exploradores que careciam das ferramentas e talvez dos conhecimentos necessários para praticar trabalhos profundos nas entranhas da terra, chegaram a recolher em sua superfície quatrocentas arrobas de ouro em um mês.

O testemunho desses esforços despojados de arte se revelam ainda sobre o próprio terreno para os que os observam com os antecedentes dessa remota época. Nota-se que as camadas superiores de terra nas vizinhanças da cidade foram removidas, detendo-se o trabalho ante a presença

da pedra viva. O tempo e as chuvas não puderam arrastar essa onda de terra já endurecida, e é o que se vê aqui e ali, como testemunho da passagem do homem e dos esforços da cobiça.

Assim, sobre ouro, se levantaram os primeiros alicerces de Cuiabá. Oxalá que a prosperidade os ampliem em proveito de gerações que têm direito de esperar os benefícios das idades modernas.

Minha primeira diligência ao chegar a Cuiabá foi entregar algumas cartas de recomendação com que me favoreceram em Montevideú meus amigos o Sr. Rocha Faria e o Sr. Francisco Luís da Costa Guimarães, gerente do Banco Mauá. A diligência era premente, não havendo hotéis e nenhuma espécie de albergues públicos.

Entre minhas cartas tinha uma com que me honrou o Sr. Bitancourt, dirigida ao Sr. Joaquim Alves Ferreira Sobrinho.

Muito tive de felicitar-me por esta relação porque fora as gentilezas com que me favoreceu, tive ocasião de fazer amizade com um jovem cheio de virtudes tão relevantes, que o fazem objeto de amor e gratidão daquela terra. O Sr. Alves pôs à minha disposição uma cômoda e elegante habitação que possui na Rua Bela. Filho de Cuiabá e de uma respeitável família, recebeu sua educação no Rio de Janeiro. Possui conhecimentos bastante adiantados de medicina e exerce essa profissão gratuitamente. Quase toda a população solicita seus cuidados com preferência aos de muitos médicos e não há notícia de que tenha recebido remuneração. Tem uma botica própria, a única que existe, e uma grande parte das remessas de medicamentos que com muito custo recebe, destina-a aos pobres. Este cavalheiro é um verdadeiro filantropo; está onde há males que remediar ou consolos a oferecer; e sua recompensa são as bênçãos que com tanta justiça lhe prodigalizam.

Tão vantajosamente alojado, pude já ocupar-me em adquirir os dados que desejava acerca do lugar, e preparar-me para iniciar minha exploração no interior, assim como tomar vistas fotográficas da cidade e os retratos de algumas pessoas notáveis.

Para obter notícias, fiz-me apresentar a um intitulado Dr. N. N. que me foi indicado como muito suficiente por haver estado à frente da diretoria de uma companhia de mineração. Na minha primeira entrevista fiquei bastante descontente; observei que seus modos e linguagem não correspondiam a seu título; tratou-me com muita frieza; temeu se-

guramente estar tratando com um caloteiro, mas, quando soube que eu tinha os meios suficientes para dar uma volta ao mundo e se informou dos desígnios de minha viagem, então mudou sua estratégia, procurou-me com afã incessante, me prodigou amizades, e pôs em jogo sua afabilidade insinuante para acorrentar minha vontade. Logrou, por fim, inspirar-me confiança e deu-me as informações que possuía. Quando lhe comuniquei o meu projeto de inetrnar-me, empenhou-se com tenacidade em associar-se pessoalmente ao meu empreendimento; e ficou convencido que se conseguisse reunir número suficiente de pessoas para empreender a expedição, a sociedade ficava desde logo formada.

Minha condescendência me foi muito prejudicial e logo obtive a prova.

Fiz circular entre a população minha intenção de fazer a descoberta dos Martírios¹. Esse lugar é uma espécie de sítio encantado que desperta as mais risonhas promessas e onde ninguém penetrou. Um certo Bartolomeu Bueno o descobriu em princípios do século passado, mas todas as expedições organizadas para sua exploração fracassaram sempre por diversas causas.

Muitos estrangeiros apressaram-se a dar-me seus nomes, resolvidos a fazer essa peregrinação, mas quando se compenetraram de que o tal Dr. (que goza de péssima reputação no lugar, segundo soube depois) fazia parte da expedição, muitos deles desistiram. Este acidente me fez perder tempo e me ocasionou prejuízos. No entanto não desanimei e me dirigi ao Exmo.sr. Presidente da província, solicitando que se dignasse a me auxiliar com alguns soldados, e que dispusesse que me fossem vendidos dos arsenais algumas ferramentas indispensáveis, alguma pólvora e chumbo.

Obtive tudo e, mais que tudo, a amizade desse digno magistrado, tão preciosa para mim quanto é respeitada por todos os que o conhe-

1 Tive em meu poder todos os documentos existentes em Cuiabá a respeito dos Martírios; eles são divergentes quanto à posição em que dizem encontrar-se, e isto não é de estranhar, porque todos os expedicionários daquela época não eram homens capazes de determinar um rumo; mas, todos são conformes em assegurar a existência de riquezas fabulosas. A principal dificuldade é que os ferozes tapanhunas ocupam esse território. Mas eu me propus ir ao seu descobrimento considerando suficiente oitenta homens armados e resolutos.

cem. O imperador do Brasil teve a mais sábia inspiração, enviando esse cavalheiro para ocupar a primeira magistratura da importante província de Mato Grosso, que tanto necessita de uma inteligência elevada, de patriotismo a toda a prova para desenvolver essa parte tão formosa do império. O Sr. Herculano Ferreira Pena, atual presidente, possui esses dotes privilegiados em alto grau; e o exercício de sua autoridade, sua particular influência, sua erudição, todos esses recursos ele consagra, sem cessar, ao bem-estar, ao adiantamento e à verdadeira prosperidade do povo que governa. Põe todos os meios para dar a conhecer essa apartada região, estimula o ingresso das indústrias possíveis, inclina-se pela atração de braços e de colônias, protege o trabalho; em uma palavra, está consagrado ao bem de seu país.

Uma pessoa tão interessante merece que lhe consagremos aqui alguns traços de sua vida pública, tão gloriosa e útil. O Sr. Ferreira Pena começou sua carreira pública como secretário do Governo da província de Minas, de onde é filho. Em 1833 e 36 foi eleito deputado à Assembléia Geral Legislativa pela mesma província, onde foi sempre reeleito até o ano de 1853, em que foi eleito senador pela província de Amazonas; duas vezes foi também eleito deputado pela província do Pará e Maranhão. Presidiu as províncias do Espírito Santo, Pará, Pernambuco, Maranhão, Bahia, Minas (duas vezes) e atualmente está à frente da de Mato Grosso.

Foi membro do tribunal do Tesouro, diretor-geral das receitas públicas e também inspetor da caixa de amortização da dívida pública. É grande dignitário da Ordem da Rosa, fidalgo cavaleiro da casa Imperial, e senador do Império.

Esta série de honrosos cargos lhe certifica o lustre de seu talento e patriotismo. De minha parte me apraz tributar-lhe uma homenagem de gratidão e de respeito, pela proteção que concedeu à minha aventureira empresa, dirigida a um fim útil e pela amizade com que me favoreceu.

Durante minha estada em Cuiabá tive oportunidade de conhecer pessoalmente a amabilidade característica dos habitantes, e tratar com pessoas de mui alta distinção e de mui notáveis dotes que não deixarei sem uma menção especial.

Tive a honra de conhecer e apreciar as virtudes e as luzes do ilustríssimo bispo da diocese, homem de uma instrução profunda e de idéias muito



O chefe-de-esquadra Don Augusto Levergé

avançadas e liberais, sumamente protetor e amigo dos estrangeiros. O sr. bispo é um modelo de piedade, um tipo do verdadeiro sacerdote do cristianismo.

O Sr. Lousada é também um dos filhos de Cuiabá que honra seu país por seu caráter e por seu saber. Este cavalheiro é o secretário do presidente da Província; e não é menos recomendável o Dr. Jesuíno de Sousa Martins – que desempenha as funções de Chefe de Polícia.

O Sr. João Batista de Oliveira, também natural de Cuiabá, goza das honras de brigadeiro e é coronel e comandante-geral das guardas nacionais da Província e tem a seu cargo a direção e a autoridade sobre os índios. É um homem sumamente popular no país e o apreço público é muito merecido pelo seu porte cavalheiresco, reto e amável.

Porém um dos homens que por sua ciência e pelos serviços que prestou faz-se verdadeiramente notável, é o Sr. Augusto Levergé, francês de nacionalidade, chefe-de-esquadra, hoje reformado, possuidor de diversas distinções honoríficas, e que desempenhou por duas vezes a presidência da província com reconhecimento e aplauso público. Este cavalheiro realizou trabalhos hidrográficos e geográficos da maior importância e que honraram seu nome no mundo das ciências. Vários de seus trabalhos são já conhecidos com mérito, principalmente suas detalhadas explorações no rio Paraguai e seus afluentes. Atualmente, ocupa-se do delineamento de um mapa que compreende a navegação desde Corumbá a Cuiabá e da formação de um plano geográfico de toda a Província.

O Sr. Levergé possui conhecimentos profundos em ciências exatas, e os tem muito valiosos acerca do país em que reside. Vive retirado com sua esposa, uma senhora respeitável do país, e habita uma quinta nas margens do rio Coxipó a uma légua da capital, amparando-se nesse aprazível silêncio para dar remate aos grandes trabalhos que o preocupam, e que serão um presente muito valioso para as ciências humanas e um bonito serviço para sua pátria adotiva.

.....

Capítulo IV

Preparativos e marcha. – A primeira jornada. – Considerações. – Chegada à Guia. – Alto. – Observação e estudo do trânsito. – Continuação da viagem até a passagem do Cuiabá. – Passagem do rio. – Panorama da mata. – Estudo sobre as manifestações mineralógicas e as riquezas ostensivas nestes ramos. – Continuação até Diamantino. – Detalhes sobre este povoado. – Causa de minha demora ali. – Ingresso na associação. – Partida. – O rio Diamantino, sua nascente e seu curso. – Chegada a Vitoriana, último povoado. – Seus moradores. – Lendas tradicionais. – Indícios auríferos. – Lúgubre cena. – Partida para o Arinos. – Necessidade de uma estrada. – Sua construção através da selva. – Trânsito por ela. – Chegada ao Arinos. – Acampamento em sua margem. – Construção da grande canoa *Vitório Emanuel*. – Batismo do porto Esperança. – Enfermidade da estação. – A corrusão ou máculo. Seu modo de curá-lo. – Estudo da mata. – Explorações interiores. – A quina e a goma elástica em abundância. – Outros produtos naturais. – Descrição do Arinos. – Suas nascentes próximas às do Paraguai. – Seu curso em direção a Amazonas, sua confluência com outros rios. – Notícias sobre sua navegabilidade. – Investigação em todos os ramos. – Novo acampamento. – Continuação das explorações. – A presença do ouro e dos diamantes. – Preparativos de uma expedição ao rio dos Patos e seu fracasso. – Estudos sobre as matas. – As feras e animais que predominam. – Descrição sobre a caça da anta. – Explicações sobre este animal. – A sucuri ou grande serpente. – Ataque a ela – O que conseguimos. – A tribo dos apiacás, sua excelente índole, seu auxílio aos viajantes. – A tribo feroz dos tapanhuna – Os morcegos. – Seus ataques noturnos. – Seu modo de viver. – Reparecimento das enfermidades. – Morte de um prático e de três voluntários. – Seu enterro. – Avanço da estação. – Tentativas de motim. – Medidas para precavê-lo. – Necessidade de uma retirada, subida do Arinos.

A DESISTÊNCIA de alguns dos inscritos para a expedição não me desalentou e continuei os preparativos de marcha que estiveram prontos a 5 de junho. Nesse mesmo dia, às duas da tarde, a expedição composta de

quarenta voluntários de diferentes nacionalidades e dezesseis indivíduos da tropa de linha sob o comando do tenente Sabino, pôs-se em marcha. Tomamos a direção da praça e fizemos alto em frente ao palácio, onde fui despedir-me do Sr. Presidente. Depois deste ato de cortesia muito devido ao Sr. Pena, continuamos a marcha e fizemos alto às 5 da tarde a uma légua da cidade, em um lugar chamado a Capela, sobre a margem esquerda do rio Cuiabá, onde chegou quase ao mesmo tempo a tropa de mulas que conduzia os víveres e as ferramentas; alguns utensílios ficaram, por falta de muares.

Na primeira parada ocupei-me em organizar a ordem das marchas e do serviço. Considerava esta espécie de organização indispensável para manter o moral desta expedição e a mútua segurança, já que íamos entrar em um país deserto, montanhoso e percorrê-lo sob um clima adverso.

Tive que felicitar-me por haver tomado certas precauções, porque logo percebi que a tropa de linha que me acompanhava carecia dos princípios de subordinação requerida, e que tomando por primeiro pretexto a qualidade do alimento que lhe era distribuído, começava a mostrar



sintomas de insurreição, quando na realidade a causa de sua resistência se achava na sua má vontade de fazer a viagem.

Distribuí os voluntários em pelotões para fazer o serviço por quartos, tanto para a guarda da noite quanto para fazer a provisão de lenha e água. Dispus as jornadas de maneira que a expedição se libertasse dos rigores do sol, acampando sempre entre as dez da manhã e as duas da tarde, precaução indispensável em uma temperatura tão alta. Fiz minha segunda jornada até o lugar chamado Guia, um pequeno povoadozinho a seis léguas de Cuiabá e situado sobre a margem do rio *Coxipó Mirim*. Ali nos alcançou a tropa de mulas que se havia demorado para tomar mais carga; e às 12 da noite, apareceu o médico que havia se perdido nas matas do caminho e onde o encontrou um guia que coincidiu passar por essas imediações.

A pequena distância percorrida é despovoada como quase toda a região. Os habitantes se estabelecem essencialmente sobre as margens dos rios principais porque os pequenos arroios da campina secam freqüentemente.

O terreno continua formando sempre constantes ondulações e pequenos cerrinhos. É montanhoso, ainda que as árvores não sejam robustas, e quase todas da família das adstringentes; sua casca é própria para curtimento; a pouca fecundidade dessa terra dá às folhas um aspecto inerte, uma condição muito sólida e áspera. Certa espécie dessas árvores produz um pinhão que contém partes venenosas e medicinais. Beneficiado, pode substituir plenamente o óleo-de-rícino; tem propriedades laxantes. Quatro de meus homens tiveram a imprudência de comer essa fruta, e experimentaram fortes dores de barriga e vômitos alarmantes, porém deu-se-lhes um pouco de caldo, que acalmou o efeito.

O presidente da Província, assim como meu amigo, o Sr. Levergé, pediram-me encarecidamente que determinasse as latitudes dos lugares que ia percorrer. Com o maior prazer aceitei esta missão, que me proporcionava a ocasião de prestar este serviço à nação brasileira e à ciência em geral; meu amigo, o Sr. Levergé, para este fim proporcionou-me um sextante e um horizonte artificial; fiz minha primeira observação e verifiquei que Guia encontrava-se na latitude 15° 23' Sul.

Continuamos a marcha para o norte, sem cuidar-nos de seguir paralelamente o rio Cuiabá que dá milhares de voltas e buscando a passagem deste rio a uma distância de 22 léguas, onde há uma chata. No dia 9 às 5 da tarde chegamos a este ponto. O terreno intermédio oferece uma série de arroios que o cruzam de trecho em trecho, e em cujas margens o aspecto de sua vegetação e das pequenas matas é mais verde e risonho. Estes arroios só têm água no verão. As chuvas só caem em Mato Grosso de outubro a abril; no inverno não chove nunca.

Até aqui a terra tem todos os indícios dos terrenos minerais, e especialmente auríferos. Veios de quartzo aurífero, de ferro e canga cruzam freqüentemente de leste a oeste, e os terrenos são geralmente de superfície arenosa.

Começamos a fazer a passagem do rio, servindo-nos de uma chata que há neste trecho para trasladar os poucos produtos e os habitantes da Vila do Rosário, pequeno povoado de cerca de mil almas que existe a uma légua do rio, e cuja atividade essencial é a agricultura.

O rio Cuiabá, nesta parte, é profundo e largo; há água bastante para uma fragata, porém mais abaixo existem alguns saltos que impedem a navegação para barcos. As margens são sempre montuosas e a perspectiva muito bela.

Fizemos nosso acampamento sobre a margem direita entre uma formosa mata de árvores corpulentas; durante as primeiras horas da noite fiz passar com dobradas despesas as mulas de transporte.

Antes de amanhecer, o piquete de linha havia marchado, a caravana a pé e as bagagens estavam em marcha; eu me demorei esperando encontrarem duas mulas que haviam se perdido durante a noite, coisa que sucedia quase todos os dias; esta demora proporcionou-me uma curiosa surpresa. Passeava pela mata com minha carabina, procurando alguma ave em particular; dirigi-me ao ponto onde a tropa havia acampado durante a noite. Uma legião de outra espécie havia sucedido nesse campo a que o abandonara, distribuindo-se em ruidoso saque aos restos de alimento. Era um grupo de aproximadamente vinte macacos ocupados em buscar entre os seixos e as cinzas algum manjar com que regalar-se e variar os produtos da mata. Fiz fogo; um deles caiu mortalmente ferido e dando guinchos atroadores, todos os companheiros os respondiam, produzindo-se um concerto infernal.

Ao aproximar-me, todos se lançaram às árvores sem abandonar o local da catástrofe, fazendo mil contorções, mostrando-me seus dentes brancos com ar ameaçador, dando saltos de um lado a outro com essa agilidade singular que os distingue. Disparei o segundo tiro; ao ruído acorreram alguns expedicionários, mas repentinamente essa massa viva, como uma nuvem negra se afastou rapidamente, correndo sem vacilar entre os galhos das árvores e fazendo-nos sentir por muito tempo seu lamento endemoninhado.

Era necessário utilizar o fruto da caça e habituar-se às necessidades do deserto. Decidi fazer meu teste com os macacos, e essa noite, provei a carne dos que havia matado. É excelente, macia e saborosa como a de um frango.

Desde a passagem do Cuiabá inclinamos o rumo um pouco para leste e fizemos uma marcha até o rio Nóbrega, distante 5 léguas. No trânsito passamos por um pequeno cemitério formado pelos poucos moradores próximos e surpreendemos duas enormes onças que parece que esperavam alguma caça, mas fugiram à nossa aproximação.

Acampamos à margem do Nóbrega. Que espetáculo tão belo! Necessito deter-me um momento; e se minhas propensões tivessem essa



faculdade descritiva com que os poetas idealizam os encantos da natureza selvagem, os leitores desta viagem achariam numa página de Ariosto ou de Tasso, uma assimilação das florestas encantadas onde seres fantásticos e semideusas fabulosas tecem suas intrigas e desencadeiam suas paixões.

A água do Nóbrega é clara como o cristal mais puro; e corre sobre um leito de pedras siliciosas de mil cores que se vêem através do líquido transparente. Uma mata imensa levanta-se à sua margem. A vegetação ali é gigantesca. As árvores elevam-se a uma altura prodigiosa e misturam-se com as elevadíssimas taquaras as verdes palmeiras, que se entremesclam com um capricho verdadeiramente artístico sobre um solo límpido e descoberto, formando às vezes um arremedo dos portais das cidades bíblicas, entradas suntuosas ao estilo dos pórticos destruídos dos templos góticos; arcos-de-triunfo como os que comemoram as glórias épicas, imensos túneis onde só se escuta a passagem dos ventos ou catacumbas subterrâneas de alguma abadia da Idade Média.

Mas tudo isto em proporções incomensuráveis; modelos misteriosos de uma arquitetura brotada da terra e polida pela intempérie; jardins de inverno que a arte européia parece copiar aqui, onde os traçou a mão sublime da Providência.

À noite o espetáculo era ainda mais belo. A lua estava em seu esplendor; e sua luz suave penetrava, desenhando no solo limpo os mil caprichos do fantástico teto; o rio parecia uma corrente de prata que escapasse das entranhas dessa terra dourada. A expedição prazerosa de alojar-se nesse lugar primoroso, distribuía-se em pelotões, fazendo suas fogueiras de distância em distância e armando suas redes com certa ordem e regularidade. Esse quadro animado pelas fogueiras; esse monte de homens asilados à beira dos rios desconhecidos, e perturbando com seus festivos ecos o eterno silêncio das matas, merecia ser surpreendido por um pincel inspirado, merecia ser cantado nessas melancólicas baladas que os bardos lunáticos da Escócia recolhem, de quando em quando, sobre seus lagos azuis.

A recordação dessa cena magnífica devia gravar-se em minha mente com um signo do céu, como estava impresso nas emoções de minha alma.

Todos dormíamos. Era meia-noite quando a sentinela veio acordar-me, anunciando-me que a lua escurecia. Levantei-me no ato e, com

efeito, notei que nesse momento produzia-se um eclipse, que foi total às 2 e $\frac{3}{4}$, lamentando de minha parte não ter dados e os instrumentos necessários para determinar a longitude.

A marcha continuou no mesmo rumo com algum desvio ao norte, buscando o morro do Tombador, onde chegamos em duas jornadas. Em meio a uma série de serrotes baixos que começam a formar a fisionomia do país, se levanta o Tombador a uma elevação de dois mil pés, sobressaindo-se por conseguinte nessa cadeia de serras.

Quem já visitou as montanhas escarpadas e pitorescas montanhas da Suíça, ou as montanhas da América do Norte, que fazem célebres suas cascatas, pode fazer uma idéia do Tombador. Subimos a ele por uma ladeira estreita em forma de caracol, bastante incômoda e perigosa; e dentre as sinuosidades dessa serra e pela parte mais escarpada do Tombador, precipita-se uma grandiosa cascata de mais de cem pés de altura, rolando de fonte em fonte, de penhasco em penhasco, até formar um rio que corre algumas léguas e cai no Cuiabá.

A cadeia de serras onde se encontra o Tombador é cortada de quando em quando, apresentando à vista alguns espaços planos e tornando de novo o terreno a eriçar-se e a elevar-se sucessivamente, entra-se em outras serras onde se destaca o Cerro Colorado, mais alto ainda do que o Tombador. Do pico desse morro divisam-se as montanhas, vales e rios a uma distância de 30 léguas à volta.

Mais adiante desta serra, os arroios e rios já não desaguam no Cuiabá; suas águas são recolhidas pelo rio Paraguai, que vem inclinando-se buscar suas nascentes nesta direção.

Pouco mais adiante e a uma distância de cerca de duas léguas, encontramos com o rio Amolar, que corre de nascente ao poente, que é formado de cinco lagoas que existem numa serra dos Bacairis, distante 15 léguas ao N. NE. as quais se comunicam subterraneamente. Esta é a verdadeira nascente do Paraguai, como demonstrarei mais adiante, retificando as notícias equivocadas dos geógrafos a respeito daquele rio, cuja origem dizem ser as sete lagoas que existem no morro desse mesmo nome e que dista três léguas a oeste da passagem do Amolar.

Atravessamo-lo sobre uma velha ponte toscamente trabalhada e que ainda presta algum serviço, apesar de haver sido construída em épocas

em que a exploração de minas de diamantes e de ouro fez afluir algumas empresas ao lugar chamado Diamantino, onde vamos entrar.

Depois de atravessar os rios Colorado e Buriti, entramos na aldeia de Diamantino, com mil almas mais ou menos de população, e a última que se encontra. Está situada nas imediações do rio de seu mesmo nome, tributário do Paraguai em sua nascente e colocada entre dois morros. O rio Diamantino forma-se em uma serra três léguas ao N. NO. Outro arroio que chamam de Ouro por causa das muitas riquezas desse metal que produziu e que se forma em um cerro chamado Carambambi, a uma légua destes lugares ao norte, corre também na mesma direção e vem desaguar no Diamantino, depois de atravessar a aldeia e antes que esse rio se precipite no Paraguai.

A vila do Diamantino na latitude de 14° 26' Sul, long. 58° 25' O. quase convertida em ruínas, gozou de celebridade; e pode dizer-se que em outro tempo foi um poço de riquezas que foram extraídas. Os diamantes e o ouro abundaram ali de um modo prodigioso. Hoje está reduzida a um povoado muito insignificante. À medida que os diamantes diminuíram, as pessoas se retiraram, como sucede com todo povo essencialmente



minerador. Em geral a cor dos moradores é escura e a fortuna não foi muito pródiga com o belo sexo. Esse território nada produz, com exceção da laranja e da banana, que abundam. Todo seu comércio está reduzido a seu consumo. Os objetos com que satisfazem suas necessidades são-lhes levados da costa do rio Paraguai abaixo, ou de algum povoado vizinho. Os habitantes são quase todos mineiros, que com um tosco e imperfeito labor recolhem pouco metal. A autoridade está representada por um delegado, um subdelegado e um juiz de paz. A capela é dotada de um cura pároco, chamado Padre Pinto; excelente pessoa; tem também um quartel regular, mas não há tropa.

A povoação nos acolheu com mostras de grande alegria, fazendo votos pelo êxito de nossas explorações que necessariamente haviam de refluir, em parte, em proveito dela: quatro habitantes associaram-se à expedição.

Meu companheiro me havia assegurado que neste ponto estariam prontos mineiros e canoas que deveriam encontrar-se à nossa espera no rio Preto, tributário do Arinos. Não foi assim: tivemos que perder tempo, que era precioso pelo favorável da estação. Durante nossa permanência, a tropa cometeu algumas desordens, e até entre os voluntários manifestou-se desmoralização. Vi-me obrigado a dar um primeiro exemplo de energia, e a expulsar de nossa expedição um indivíduo francês que já se tornava intolerável por seus excessos e sua embriaguez. Fez-se necessário que o Sr. Francisco Paez, fazendeiro que vive à margem do rio Águas Frias, distante duas léguas, e a três léguas do rio Preto, nos proporcionasse canoas e víveres. Determinei que os soldados fossem embarcar no rio Preto, conduzindo os víveres, e nós marchamos diretamente ao Arinos no dia 20 às 2 da tarde.

O terreno percorrido desde a passagem do Cuiabá até o Diamantino, com pouca diferença apresenta o mesmo espetáculo, mas já começa a oferecer todos os indícios dos terrenos diamantíferos, na formação dos terrenos mineralógicos e na natureza do cascalho. A quina se encontra em abundância nas matas, e desde o Amolar começa a manifestar-se a borracha, o *caoutchouc* do Brasil.

Nossa primeira jornada desde Diamantino foi curta, detivemo-nos sobre o cerro Carambambi ao pé de uma vertente que corre para o Paraguai. Neste ponto matamos uma enorme cascavel. Continuamos; e após

pouca marcha encontramos outra vertente cujas águas correm já buscando o Arinos, tributário do Amazonas e que chamam Buriti.

Estamos sobre a superfície mais alta da América meridional central. Se fosse possível dilatar a vista humana sobre os espaços infinitos, daqui veríamos a agitação e o movimento de um mundo, daqui a fervorosa agitação das lutas políticas sustentadas entre serras e vales, o movimento generoso de nações jovens que acometem com fé a obra fecunda do progresso social. Veríamos as cadeias de montes caprichosos e majestosos, veríamos as milhares de artérias precipitar-se buscando seus estuários, e as hordas nômades pousando à sombra dos bosques e nas margens dos rios.

Estou nestas solidões libando, como em um régio banquete, a água dos dois grandes rios. Alternativamente e à vontade, posso escolher entre as que nascem e se despenham no grande Amazonas, ou as que se precipitam no Paraguai para derramar-se no Paraná e no Prata.

Andamos um pouco e chegamos a Vitoriana. São umas pobres habitações onde se escuta a última voz cristã. Pertencem a uma senhora anciã. Um quadro bem triste apresentou-se-me neste lugar. A pobre velha, auxiliada por uma jovem, cavava uma sepultura para um menino. Era mais um mau agouro para os que entravam nas regiões das feras e dos bárbaros. Apoderei-me da obra funerária, já que os caprichos do destino punham em meu caminho a tumba de um anjo, e ordenei aos meus homens que aprofundassem e cobrissem esse inocente sepulcro.

A senhora prestou-nos inesquecíveis atenções, e ainda nos deu um jovem filho seu para que nos servisse de guia até o Arinos.

Na Vitoriana ocupei-me em determinar a latitude; resultou achar-se 14° 15' S e longitude 58° 18' O. Do Diamantino em diante a geografia está completamente às escuras desses dados e de muitos outros. Esta habitação encontra-se às margens de um arroio que nasce a cem passos e vai desembocar no rio Preto. Os ranchos foram construídos sobre uma meseta formada de pedras roladas. Pelo aspecto geral e pelos indícios, estou quase certo que empreendendo-se trabalhos profundos e inteligentes, deve-se encontrar aqui ouro e diamantes.

Procurei colher alguns antecedentes daquela anciã, pouco capaz de nos dar. Disse-me que quando seu defunto esposo resolveu habitar esse deserto, foi por causa de haver encontrado nele um indivíduo que extraía

muito ouro, *mas que depois o ouro se havia retirado, como eles mesmos haviam presenciado*. Pedindo-lhe mais explicações sobre esta fábula, filha da superstição e da ignorância, disse-me: *que nas noites escuras haviam visto levantar-se da terra ao pé do arroio uma chama viva que corria em direção ao Oeste, e que seguindo esse rumo, havia de encontrar-se o metal*. São as mesmas superstições de que padecem os povos primitivos, ou os que vivem envolvidos em ingênuas preocupações, que vêem um milagre nas incandescências da eletricidade ou nesses fogos-fátuos que luzem em certos territórios. Os correntinos crêem ver nas exalações um sinal de triunfo ou a adversidade de suas armas. Isto é remoto; também as massas dos exércitos romanos preocupavam-se com estes fenômenos da natureza.

Continuamos a marcha, mas já nos encontramos sem trilha para seguir; foi necessário abrir um caminho desmatando a floresta. Pus na dianteira oito homens com machados para abrir uma picada que desse passagem a uma mula carregada e eu me ocupei de dirigir os cortes.

Nestes lugares a caça escasseia, especialmente a de aves, embora se costume divisar uma ou outra perdiz. Nossos cães cansam-se de correr na mata, mas nada levantam; e para não perder o tempo, brigam entre si.

Vai aumentando notavelmente a borracha, ou a árvore da goma elástica, a canela e a copaíba, assim como uma infinidade de árvores que dão diferentes resinas. As abelhas abundam sobremaneira e, como atormentadores da paciência, os mosquitos.

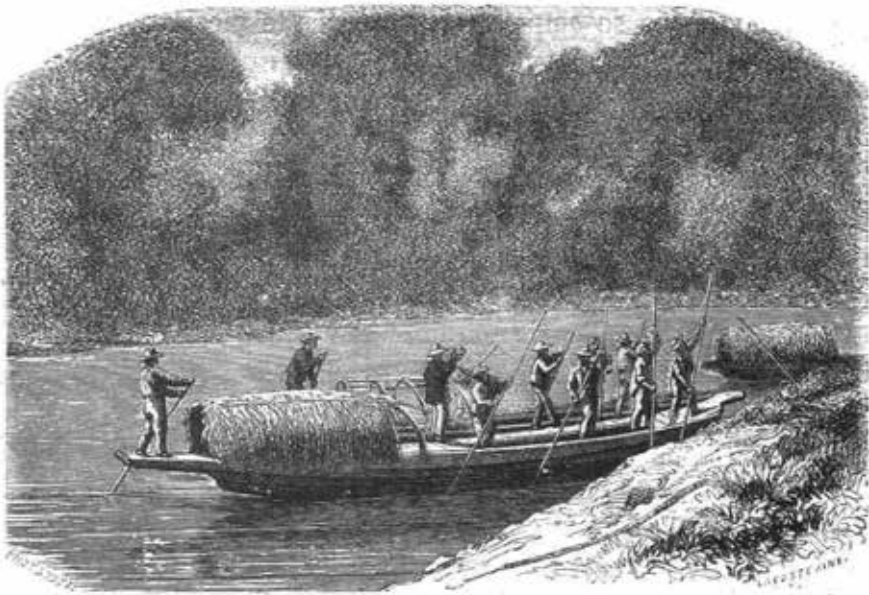
Gastamos dois dias em abrir passo através dessas matas emaranhadas, e depois desse trabalho ímprobo encontramos-nos por fim à margem do Arinos, na latitude 14° Sul, longitude 58° 8' Oeste.

Decidi formar um acampamento sobre este rio, tendo às nossas costas uma grande lagoa que nos foi funesta para a saúde.

Dia 29 chegaram os soldados trazendo-nos as canoas, mas em vez de quatro, nos trouxeram tão-somente duas, o que nos ocasionou um grande atraso e foi em parte a causa pela qual a expedição se malograsse em seus fins. Não me desalentei por isso; decidi deitar abaixo uma árvore que deu-me uma canoa de 40 pés de comprimento, dois de largura e um e três quartos de altura, a qual foi construída em seis dias, sem ferramentas adequadas.

Com grande aplauso de todos, tive a inspiração de dar a esta embarcação o nome de *Vitório Emanuel*. Era um tributo distante à lembrança da pátria; era uma homenagem do coração consagrado entre as florestas silenciosas do Novo Mundo à obra de redenção e à unidade da Itália. Convertia a obra de nossos esforços em um símbolo; e a punha com meu pensamento sob o amparo da idéia mais grandiosa do século.

As pessoas, entretanto, começavam a sentir os penosos efeitos da viagem. Alguns se encontravam sobremaneira fatigados, outros sofriam dos pés; e sobretudo declarou-se uma enfermidade que os nativos chamam de *corrusão* e que na costa da África se conhece com o nome de *máculo*. Esta enfermidade é fatal se não é tratada imediatamente, mas a cura, ainda que mortificante, é rápida e segura. Manifesta-se por uma incoercível sonolência e peso na nuca. Recorre-se de imediato ao auxílio de umas pílulas originais improvisadas com materiais singulares. Faz-se uma bolinha de algodão que se embebe em aguardente misturada com sal, pimenta e pólvora fina. Destas pílulas se introduzem por conduto reservado até quatro; o efeito é infalível ainda que cruel; na sua falta pode-se utilizar as pílulas de banha de leitão molhadas também em aguardente.



Eu aconselharia as abluções frias internas e externas para evitar o mal. Poderia garantir o efeito.

A expedição necessitava um breve descanso, a marcha havia sido rude e constante; cada homem teria que levar consigo suas armas, sua rede e seus víveres; e era preciso atender à convalescença dos poucos enfermos.

Instalei-me, pois, à margem do Arinos, e batizei esse conveniente lugar com o nome de Porto da Esperança, e assim o assinaliei no mapa que levantei. À margem desse rio as árvores são colossais e a mata muito densa. Há diferentes aves; mas era impossível alcançá-las com nossas escopetas, tal é a altura em que se colocam. Para conseguir alguma caça e poder matar algumas *araras*, papagaios e jacus, fizeram uma espécie de escada no tronco de uma árvore que media 12 pés de diâmetro e à qual acorria uma infinidade de aves. A árvore da goma elástica nestas matas abunda extraordinariamente.

O território percorrido desde o Diamantino até duas léguas mais ao norte de Vitoriana revela todos os indícios de uma grande riqueza mineral. Se esses terrenos desconhecidos experimentassem uma prospecção séria e inteligente, é quase certo que se fariam preciosas descobertas.

À distância de sete léguas da Vitoriana para o oeste, encontra-se uma maloca de índios *cabixis*, inofensivos por sua pouca coragem e por seu reduzido número.

O rio Arinos toma seu nome de uma tribo já extinta e tem suas nascentes quase no mesmo lugar onde se formam o Paraguai e o Cuiabá. Haverá uma distância intermédia de duas léguas entre as cabeceiras deste último e o Arinos; assim é que um mesmo campo pode ser regado com as águas de ambos. A diferença está no curso. O Paraguai e o Cuiabá correm ao sul para desaguar no Prata; o Arinos corre para o norte, junta-se depois ao Tapajós e cai no Amazonas, recebendo em seu curso uma porção de tributários por ambas margens, o rio Preto que é o primeiro de consideração que lhe entra, o qual se forma nas mesmas serras que o Paraguai pelo lado do norte; o rio dos Patos, não menos considerável que o Preto, que se lhe une pela margem direita, o Pari e o dos Peixes, o São Manuel e, pela esquerda, o Sumidor, além de outra série de arroios e pequenos rios que continuam enriquecendo o Arinos por ambas margens.

Pelas águas deste rio, os nativos fazem uma viagem a cada ano ao Pará em busca de *guaraná*², de que fazem tanto uso na província de Mato Grosso. Descem em canoa e gastam 25 ou 30 dias até Santarém; de regresso gastam quatro meses mais ou menos. A navegação é penosa e difícil porque se encontram umas quinze cachoeiras ou saltos e, entre eles, o que se conhece com o nome de Augusto, que tem 50 pés de altura. Uma tribo feroz que se chama tapanhuna domina o deserto desde o rio dos Patos até



2 *Guaraná* é uma pasta de diversos frutos das matas que fazem os índios do Amazonas, e que tem grande consumo entre as populações brasileiras. Serve-se como a chufa ou limonada. É considerado um refrigerante eficaz e se lhe atribuem propriedades saltares.

as imediações do salto Augusto, e esses índios atacam as canoas com frequência. Há também outra tribo na margem direita do Arinos que se chama dos morcegos por fazerem seus ataques à noite. Estes índios são albinos e, por conseguinte, vêem muito pouco à luz do dia; são muito ferozes e vivem na mais densa escuridão das matas.

Outra tribo muito diferente em suas propensões e em seu caráter habita sobre a margem esquerda do rio e frente às guaridas dos cruéis tapanhunas. Esta tribo chama-se apiacás. Estes índios, ainda que não estejam submetidos ao Governo Imperial, vivem em aldeias desde sua origem, e exercitam certa regularidade em sua vida pacífica e laboriosa. Até alguns anos atrás, seus instrumentos de trabalho eram de pedra; agora usam-nos preferencialmente de ferro. São os inimigos naturais dos tapanhunas e morcegos; e prestam grandes serviços aos navegantes que costumam transitar, ajudando a transportar as canoas no salto Augusto e em outros.

Creio que o governo deveria aproveitar para o bem do país a boa índole e excelente disposição dessa tribo, tanto pela aversão que revela contra seus ferozes vizinhos, quanto porque pode servir de base a uma colonização dos aborígenes, infiltrando-lhes as vantagens da vida civilizada e criando um certo elemento de segurança e custódia nessas solitárias e distantes regiões.

Desde o porto da Esperança, no Arinos, deviam começar nossos padecimentos: A enfermidade continuava atacando os expedicionários; e os soldados de linha deram ali o último exemplo de insubordinação, jogando fora na minha presença a comida que lhes fora distribuída. Este sinal manifesto de sua resistência a entrar mais para o interior dos desertos punha-me na alternativa de usar com eles de medidas extremas que talvez provocassem um conflito ou devolvê-los decididamente a Cuiabá. Optei por esta última e determinei sua partida.

Entrementes carregamos nossas canoas para descer o Arinos, mas não tendo suficiente espaço nelas, resolvemos deixar alguns objetos no porto Esperança ao cuidado de alguns homens que também ficavam encarregados da assistência de quatro enfermos impossibilitados de andar. Eu tive de esperar que meu companheiro, que passa por ser médico, e que como tal vinha na expedição, permanecesse nesse ponto para cumprir sua missão de humanidade; mas os impulsos sórdidos da cobiça foram mais

fortes nele do que as sugestões da consciência, os mandados de seu dever e minhas calorosas instâncias. Impelido pela avidez, abandonou aqueles infelizes ao amparo da Providência.

Embarcamos levando conosco cinco mineiros recrutados no Diamantino, únicos dos nativos que nos acompanharam; ninguém mais, com exceção dos remadores, quis fazer parte da expedição, por temor dos índios. Levamos dois práticos, que no país chamam pilotos; um deles, João Pinto, sujeito de idade madura, é muito experiente no Arinos e bastante inteligente em mineração. Tínhamos doze remadores a que dão o nome de camaradas.

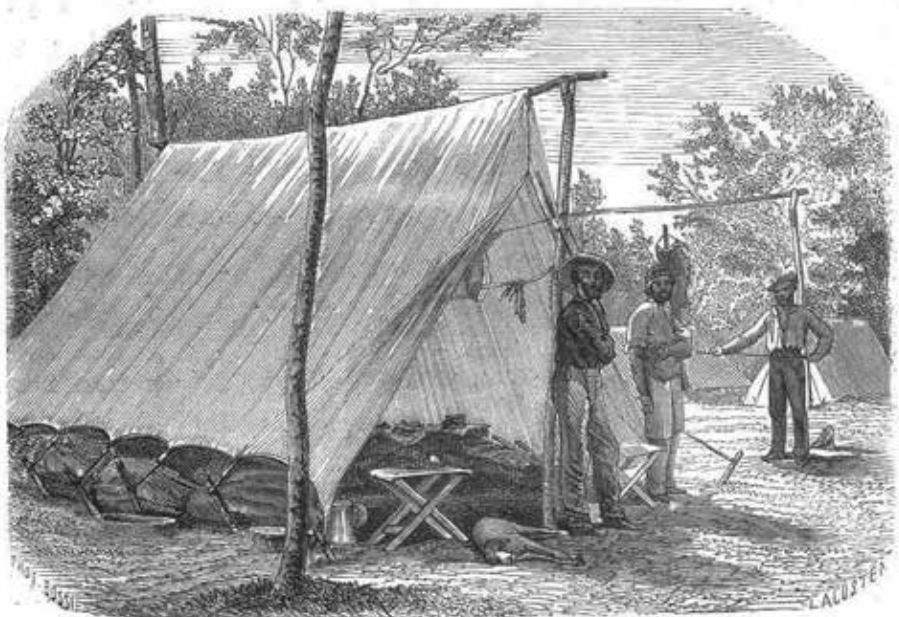
Nossa jornada no Arinos durou todo o dia. Entrada a noite, saltamos sobre a margem direita. Já se faziam necessárias maiores precauções; as sentinelas faziam seu turno com mais vigilância e com suas armas carregadas; acendiam-se fogueiras para afugentar as serpentes e cobras; e os cães se encarregavam do demais. A vegetação nestas costas é exuberante, as árvores gigantescas e a mata muito emaranhada.

Continuamos a navegação no dia seguinte, descendo sempre para o norte, e detendo-nos por breves momentos sobre uma barranca para examinar o cascalho que se apresentava à vista. Um grupo de homens foi encarregado de reconhecer o terreno dentro da mata e, como não encontraram nada de notável, continuamos nossa viagem até parar na Cachoeira de Pau que apresenta alguns indícios auríferos, enquanto eu me internava por um pequeno rio que desemboca sobre a mesma margem, com o objetivo de explorá-lo até onde ele permitisse entrada à canoa *Vitório Emanuel*. Infelizmente foi impossível realizar a pesquisa por água e resolvi então praticá-la por terra. Acompanhado dos meus queridos napolitanos, cujo chefe chamava-se Nicolas Ferraioli, homem forte, dócil e leal, nos internamos no bosque, abrindo uma trilha para chegar ao arroio, com cujas nascentes não pudemos dar, e sem achar nenhum objeto que nos obrigasse a nos determos. A anta, o veado e as onças abundam nas margens deste arroio, como nos advertem suas múltiplas pegadas. Regressamos; a exploração dos companheiros nas barrancas do Arinos não lhes tinha dado resultado satisfatório; resolvemos continuar e embarcamos.

A corrente do rio é de duas ou três milhas; por conseguinte, a canoa faz 6 a 7 por hora. Nos lugares baixos a correnteza é dupla ou tri-

pla; em um salto que passamos com uma velocidade assombrosa, calculei uma força de oito milhas pelo menos. Descíamos alternadamente à terra para explorar os lugares que apresentavam indícios minerais nas costas e em todos os arroios que encontramos em nossa marcha; o ouro sempre se manifestava, mas em pequenas porções.

Durante a marcha do dia seguinte apresentou-se-nos uma enorme sucuri, grande serpente que vive nas margens dos rios e das lagoas; fizemo-lhe uma descarga a 10 passos, a qual foi completamente inútil; a fera empreendeu muito lentamente sua entrada no rio e submergiu em suas águas. Pouco mais abaixo encontramos outra maior ainda, que parecia dormir. Atracamos em terra; saltaram três camaradas, enquanto que desde a canoa se fazia uma descarga de quatro tiros. O animal, sem dar mostra de preocupação, arrastou-se lentamente e introduziu a cabeça em um buraco da barranca que lhe dava passagem e começou a deslizar para cair no rio; mas nem bem havia metido a cabeça na terra, dois camaradas agarraram-se ao rabo para deter o monstro, que os arrastava, enquanto outro indivíduo procurava cortá-lo pela metade do corpo, com os golpes de seu facão, que não conseguia penetrar a escama. Deram-lhe outra arma mais bem tempe-



rada, e este ousado cirurgião das feras logrou desta vez dividi-la pela terça ou quarta parte do corpo. A parte superior continuou arrastando-se e se jogou n'água.

Era uma luta curiosa de ver: esses três homens animosos e fortes eram impotentes pigmeus que pretendiam em vão deter um monstro de 35 a 40 palmos de comprimento e cujo diâmetro teria a grossura de um homem de medianas proporções. Os vencedores trouxeram-me seu troféu; fiz tirar o couro desse resto do monstro fugidio, e media três palmos de largura. Para os camaradas, foi um dia de banquete, é um rico manjar para eles, e o preferem a todos os demais da mata.

Depois de vários dias de viagem infrutífera, descendo sempre e explorando as costas e o interior das matas sem encontrar objetos com que estimular o ânimo da expedição, detivemo-nos ao pé de uma alta barranca.

Examinamos o cascalho que se apresentava nesta barranca e se manifestaram o ouro e o diamante.

Determinei ficar neste ponto, não tão-somente para os objetivos da exploração, senão para dar descanso aos exploradores, atender alguns enfermos, e mandar buscar os que havia deixado no porto de Esperança. Determinei a latitude, que resultou 13° 20' Sul e a longitude 58° 12' Oeste.

Comecei, pois, a armar um acampamento que ficou pronto em dois dias. Praticamos um desmatamento considerável, formando um quadrado de 50 varas cada lado e construiu-se um rancho para os víveres.

Enquanto ocupava-me disto, despachei uma canoa em busca dos enfermos do porto Esperança, com os quais me preocupava sem cessar, mas, com grande pesar, a vi regressar poucas horas depois trazendo o práctico moribundo. O médico encarregou-se dele, garantindo-me sua cura, mas não pôde resistir ao mal e poucas horas depois pereceu; a canoa continuou a cumprir sua missão.

Enterramos com pesar e recolhimento este companheiro de fadigas e de azares para o qual abrimos uma tumba nos desertos; tumba ignorada onde se sepultavam talvez generosos planos e esperanças venturosas. Esta cena produziu um grande efeito no ânimo dos companheiros; e foi muito profunda no moral dos doentes. O pânico se declarou quando, cinco dias depois, perdemos um segundo companheiro, o velho Delpesce, francês, excelente homem cuja morte tivemos todos que lamentar, pela

moralidade de sua conduta, por sua energia nas marchas e no trabalho, e pela lealdade de seus atos. Jamais tive que dirigir-lhe uma reprovação, jamais mereceu uma censura.

Os enfermos continuaram a aumentar: a chegada da canoa do porto Esperanza elevou a cifra; vieram em tão mau estado que um deles morreu poucas horas depois de chegar. Crescia em conseqüência o terror, que chegou a apoderar-se até dos mais decididos. Até quatro de nossos companheiros foram sepultados sobre aquela funesta barranca, onde fiz colocar quatro cruzes para assinalar suas tumbas.

Enquanto os espíritos se preocupavam com essas lúgubres cenas, eu não podia desviar-me dos objetivos da expedição e, sem desalentar-me, empreenderam-se contínuas explorações no interior, onde não encontramos senão onças e macacos que nos proporcionavam opípara refeição com que alternar com a farinha e o feijão. A carne desses animais faz o papel das galinhas no deserto e, daí em diante, buscamos-las com empenho. Tive ocasião de comer a carne de diversos animais silvestres, desde onça até a iguana, sem haver experimentado a menor alteração em minha saúde e sem achá-la repugnante. Não pude jamais decidir-me a comer da sucuri (a grande serpente) nem a do jacaré (caimão); é muito branca e suave e os nativos têm pela primeira grande preferência.

Enquanto transcorriam nossas explorações, praticava-se ao mesmo tempo alguns trabalhos pouco distantes do acampamento sobre o Arinos e outro pequeno rio. O primeiro trabalho deu-nos alguns diamantes; o segundo, um pouco menos.

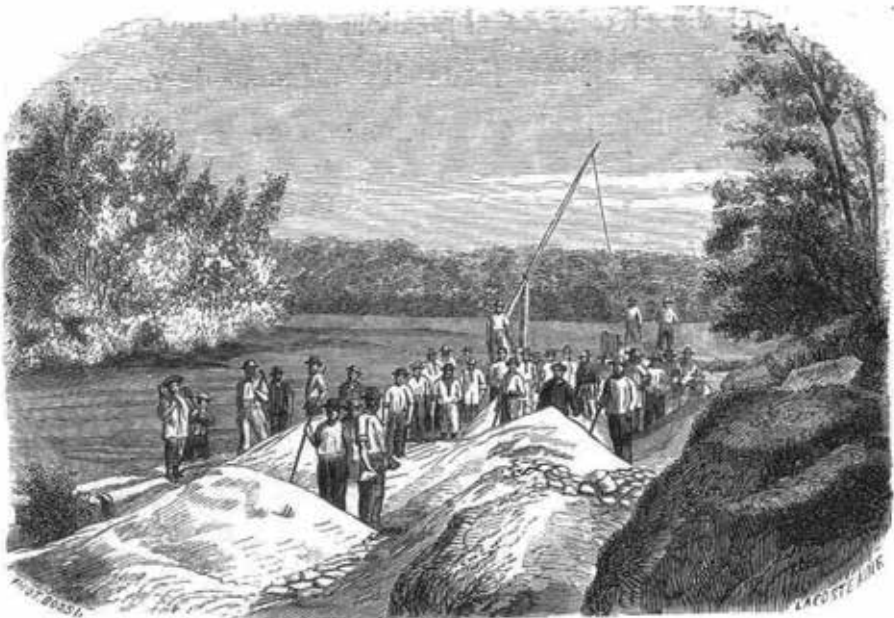
Preparei uma expedição ao rio dos Patos e, quando chegou o momento de partir, meu companheiro insistiu em ir, apesar de minha resistência e do empenho dos enfermos. Quis evitar um escândalo e cedi. Partiu com 20 homens levando víveres para vinte dias e ficando eu no acampamento; mas com grande surpresa vi-o voltar depois de quatro dias e só mais tarde pude entender as causas de seu pronto regresso. O medo da enfermidade o dominava e havia tomado sua decisão.

Sem averiguar o estado dos trabalhos que eu praticava, manifestou-me a necessidade de retirar-nos com a certeza de que nem o Arinos nem o dos Patos continham riquezas e que não era possível seguir mais adiante. Vendo-se repellido, recorreu a outro meio: fez-me a confidência de

que entre os expedicionários existia um motim próximo a estourar. Minha segunda recusa o desconcertou e então declarou-me que se retirava. Partiu, com efeito, no dia seguinte, acompanhado pelo cozinheiro que havia expulsado dias antes pessoa inquieta e de más inclinações, e depois soube que o meu próprio sócio era o instigador da desordem e da insurreição, oferecendo aos expedicionários grandes riquezas no Diamantino, para atraí-los e ao mesmo tempo pintando-lhes os efeitos funestos deste clima mortal.

Fiquei, pois, só na direção deste empreendimento, confiado na proteção da Providência e na ajuda de meus fiéis napolitanos. Felizmente, cessavam as enfermidades, mas com vários convalescentes que não podia abandonar, era-me impossível internar-me mais ainda, quando certamente iria encontrar-me com a tribo dos tapanhunas. Decidi permanecer no ponto em que estava, continuando minhas explorações sobre ambas as costas.

A pérfida propaganda do meu sócio havia deixado seu germe entre os expedicionários e, vendo-me só, alguns deles continuaram pregando a idéia de retirada e procurando até amedrontar-me, crendo sem dúvida que eu era homem de ceder a seus néscios planos e bastante fraco para submeter-me. Um dos voluntários informou-me da natureza do motim;



contava com meus fiéis napolitanos, com Agustin Luchi, italiano, homem de alguma instrução, com o leal Felis Masotti, e por último com mais da metade das pessoas.

Longe de tolerar os instigadores, fui a eles com severidade inquebrantável e em poucos dias eram as mais suaves e humildes criaturas. Durante a noite, minha sentinela era um cão fiel, que foi meu companheiro inseparável desde Cuiabá. Não deixava aproximar-se de minha tenda nem uma mosca sem dar seu grunhido de alarme ou um ameaçador latido.

Pude estabelecer o moral completamente. Os rebeldes, desanimados pelo temor de que os abandonasse no deserto, estavam submissos; mas, na realidade, minha expedição havia malogrado por várias causas: em primeiro lugar, pela demora que experimentamos no Diamantino e no porto da Esperança; em segundo lugar, a retirada da tropa; e, por último, pela proximidade da estação das chuvas, que já estava em cima. Este era um perigo real e iminente; se essa estação nos pegasse no deserto e em terras baixas, poucos de nós talvez nos tivéssemos salvo. Nesta situação, regressou a canoa que conduziu meu sócio; não trazia víveres; era uma advertência que vinha sinalizar-me outra necessidade mais; reconheci minha posição, não quis provocar novos conflitos e preparei retirada.

Suspendi, pois, os trabalhos no ponto em que se continuava a tirar alguns diamantes e no qual, não duvido que a exploração destas pedras preciosas dê resultados muito fantásticos, uma vez que se empreendam trabalhos sérios e competentes numa estação favorável.

O clima é muito adverso na estação em que visitei esta parte deserta do país; e sobretudo experimenta-se tal transição que é difícil resistir sem pagar um tributo de saúde. Durante o dia, o calor é abrasador; mas, depois da meia-noite o frio é glacial. Até as oito da manhã, quando o sol esquentava, a inchação se apodera das pessoas. Os expedicionários buscavam a fogueira a partir da meia-noite; este calor artificial é muito nocivo e foi a principal causa das enfermidades que os afligiram. Quanto a mim, nunca gozei de melhor saúde; combatia o frio com o frio, recorrendo aos banhos bem estimulantes dos rios e procurando desenvolver meus membros e provocar a circulação com o rude exercício do machado contra a primeira

árvore corpulenta que tinha mais perto. O sereno era tão forte durante a noite que se lhe sente cair como uma tênue chuva sobre as árvores.

As matas são tão impenetráveis que parece impossível abrir-se caminho nelas. A vinte passos não se pode ver um quadrúpede. As árvores são gigantescas em todas essas costas e, no interior, não são tão corpulentas, mas ainda mais espessas.

A abundância de abelhas é prodigiosa; contei até sete classes e creio que ainda há outras. Em uma mesma árvore encontrei quatro tipos diferentes de mel. Este é riquíssimo e sua cera abundante serve para iluminar regiamente nesses lugares. O mosquito é insuportável e abunda especialmente na época das chuvas; há uma família deles que chamam *borrachudos* que, à semelhança da sanguessuga, extraem o sangue até encher-se e logo depois deixam uma incisão aberta. A formiga é um inseto mais terrível, o número é infinito e suas qualidades e tamanho muito diversificados; a *novato* é pequena e cor de ouro; sua picada faz o efeito de uma queimadura; a *tocanguira*, depois da formiga *tigre*, é a maior. Sua picada é venenosa embora não mortal, mas o membro picado incha e produz dores agudas por muitas horas. Os carrapatos são uma praga que continuamente se acha em todas as partes do corpo.

Habita também, ainda que raramente, uma cigarra que tive ocasião de encontrar e examinar. Este inseto descreve uma curva ao voar de uma árvore à outra e nesse momento é que pode ferir com uma aguda lanceta que tem no meio do ventre. Sua ferida é mortal porque essa arma é dotada de um veneno muito ativo que ainda não foi descoberto como evitar seu efeito. Jamais ataca ninguém intencionalmente.

O monstro mais terrível das matas é a serpente *jararacuçu*, de 8 a 16 palmos de comprimento; sua cor é pardacenta manchada. Este animal não ataca só quando é perseguido; pelo contrário, provoca. Quando vê o homem pára e levanta-se pela parte superior em ar ameaçador; é necessário precaver-se na persuasão que seu dente é mortal se não se recorre de imediato à aplicação de certos remédios experimentados pelos nativos. Coisa rara: há indivíduos nessas regiões para quem as víboras e serpentes são impotentes, e que se dizem curados contra os venenos pelos índios do Pará. A *cascavel* e várias outras classes, como uma grande variedade de cobras, encontram-se muito freqüentemente.

Os animais e feras que abundam são a *anta*, a *onça*, o *veado*, os *porcos-silvestres* de três classes distintas, o *macaco*, a *capivara*, o *tamanduá* ou *urso-formigueiro*, o *tatu* e várias outras espécies. A maneira de caçar a anta é muito curiosa. Têm a tendência de ocorrer altas horas da noite aos terrenos salitrosos para lambê-los; e este alimento também é buscado por outros animais. Os caçadores nativos da anta (tapir) pouco antes de anoitecer procuram subir na árvore mais próxima aos terrenos indicados. Assim esperam a hora do silêncio e da quietude quando chegam a misturar-se a anta, o veado, os porcos e até a onça. Um dos caçadores acende uma luz que leva para esse efeito, os outros disparam com segurança, e no dia seguinte recolhem sua presa.

Não achei exatas as descrições que li analisando este quadrúpede tão singular. Pude conseguir um vivo e muito jovem que, no meu regresso, conseguiu escapar na altura do forte Coimbra, atirando-se n'água, e vi outros no deserto. A cabeça tem algo do burro, e também as orelhas, embora não tão compridas, são muito semelhantes; o olho e o olhar são do porco. É dotado de uma pequena tromba de quatro polegadas, que estica e recolhe alternadamente e da qual se serve, como o elefante, para colher o que deseja comer; nesta tromba tem as narinas. Seu maior tamanho é o de uma novilha de um ano, mas muito mais corpulento; suas pernas são curtas e grossas e muito semelhantes às do elefante, com a diferença que os pés dianteiros são divididos em quatro unhas e os traseiros em três. Não tem cauda, porque não se pode chamar tal uma espécie de coto grosso de quatro a cinco polegadas de comprimento. Quando é jovem, tem umas raiais de pêlo branco que partem da cabeça, descrevendo umas curvas em forma de melão, mas as perdem depois de um ano de idade e adquirem uma cor totalmente parda. Do centro das orelhas parte uma espécie de crina que se estende até a metade do lombo, e o couro é extremamente grosso, tem uma força prodigiosa e quando investe o faz como cego, derrubando tudo quanto encontra com o poder colossal de sua férrea cabeça. Não mira portanto obstáculos nem precipícios: tudo derruba ou tudo atravessa. Considerando-se o seu volume, pareceria que andasse com lentidão, mas posso confirmar sua rapidez, porque nas imediações do Diamantino não pude alcançá-lo a uma curta distância com um bom cavalo. O contacto da geração é inverso ao dos demais quadrúpedes. Tem as tendências do porco

e busca as paragens úmidas, mas não é anfíbio como muitos afirmam, prefere os lugares sombrios e o seio das matas para dormir. Alimenta-se de ervas e raízes e prefere uma urtiga de folhas grandes e espinhosas. Sua carne é agradável, mas nociva, produz uma erupção repelente no corpo humano quando este sofreu o mal venéreo. As onças, às vezes atacam a anta, que se defende ganhando a espessura da mata e atirando a fera contra as árvores.

A caça da onça é muito curiosa também; os cães fazem nela o papel principal. Rastreiam a fera, obrigam-na a fortificar-se em algum galho das árvores e ali começa seu ataque ininterrupto, com latidos, saltos e ameaças. A onça, sem mover-se da sua posição, defende-se com as patas e nesse momento se lhe pode lancear, pois não se move nem presta atenção a outra coisa. Há três classes, que se dividem em pintada, em preta e em parda.

Das três classes de porcos-silvestres, uma dessas espécies é muito brava; ataca o homem ao sentir-se hostilizado; de modo que, colocando-se sobre uma árvore, é muito fácil aproveitar a tenacidade dessa raça para caçar muitos, depois de haver matado ou ferido algum.

Matamos alguns macacos de várias espécies e muito particularmente um, de que não tinha idéia e de que não encontrei descrito nos relatos de vários naturalistas, nem sequer nas do próprio Buffon, o que me faz crer que ainda não é conhecido. A cara é negra e pelada, o crânio tem muita semelhança com o da espécie humana. E é coberto de uma pele cinza; a mistura de branco e negro produz uma espécie de prateado escuro; e o pêlo é tão comprido e espesso que a cabeça do animal parece sair de outro corpo sobreposto; assemelha-se a um esquimó coberto com suas peles de urso. Tem cerca de dois pés ingleses de altura; caminha como a generalidade dos macacos; seus pés são regulares e seu pêlo muito curto como nas mãos; a cauda é longa e grossa e da mesma cor cinza do total do corpo. Pude agarrar um, apesar de sua raridade, que conservo dissecado. Parece ser da família dos *Pithecia Hirsuta*.

No Arinos abunda o peixe durante as cheias; é delicado como não comi em nenhuma outra parte. Encontra-se também uma enguia elétrica e outro peixe com a mesma propriedade, cuja influência experimentei um dia ao banhar-me.

Em toda a costa do rio abundam as aves: o *guacamayo* ou *arara*, os *papagaios* de diversos tamanhos e espécies, o *jacu* e o *mutum*; a *pom-*

ba-torcaz de bonitas cores, mas difícil de matar pelas altitudes que busca. Os *pássaros mosca* encontram-se com generalidade e de mui caprichosas e variadas cores; mas sobretudo chamou-me a atenção uma *andorinha* verde que vive nessas regiões. Os *marrecos* são totalmente negros e, em certa época do ano, quando mudam a plumagem, ficam inutilizados para voar, então são apanhados com muita facilidade. Há também um *falcão* branco e outro jaspeado, de grande tamanho, que possui uma garra formidável.

A família das *borboletas* é tão numerosa e variada que se perderia o tempo em discriminá-las. A multiplicidade das cores mais belas e caprichosas as esmalta. Ao meio-dia povoam o espaço e os bancos de areia nas margens dos rios; à noite apresentam-se outras maiores, mas as que aparecem de madrugada e que não saem das matas são de enorme tamanho e muito bonitas.

As plantas parasitas são inumeráveis e todas produzem flores cada qual mais bela. Não há árvore que não dê vida a essa espécie de sanguessuga vegetal que se alimenta da seiva alheia. Nas margens do Arinos a salsaparrilha é abundante e na margem esquerda do rio dos Patos, os ervais são consideráveis.

Em várias escavações que fizemos até a profundidade de 30 palmos, encontrei carvão vegetal bem conservado. Não me é possível calcular a época de sua formação, mas ao que parece é antediluviano.

Nas várias incursões feitas em ambas as margens do Arinos notamos a existência do ouro em qualquer cascalho, e às vezes os diamantes; mas, como disse, os trabalhos de exploração requerem vagar, oportunidade da estação e propriedade de meios. Há milhares de léguas sem explorar, que são o domínio das feras; e não me cabe dúvida, pelo que pude julgar, que neste país existem riquezas mui superiores às que fizeram tão célebres a Califórnia.

Até este ponto pude observar e determinar as latitudes já citadas; mais ao norte a latitude é estimada, tendo chegado até 12° 45' Sul. O rio Arinos é uma espécie de caracol e sua largura média é de 50 varas castelhanas, tem muitos bancos de areia que atravessam de uma costa à outra e geralmente, sobre estes bancos, as correntezas são muito rápidas.



O Ilustríssimo Senhor Bispo de Cuiabá

.....

Capítulo V

Regresso ao porto da Esperança. – Continuum as enfermidades. – A tribo dos parecis. – Seu tipo, sua índole, seu modo de caçar e pescar. – A surpresa dos índios ante a máquina fotográfica. – Os sentimentos de pai. – Morte de Bacipalupi. – Regresso ao Diamantino. – Viagem rápida ao Morro das Sete Lagoas. – Descrição do território e cercanias. – Crenças equivocadas sobre as nascentes do Paraguai – A origem do Paraguai é o Amular. – Demonstração. – Confluência deste rio com as vertentes do morro. – Seus tributários. – O Colorado e o Buriti. – Regresso a Cuiabá pela Vila do Rosário. – O povoado. Excelente recepção em Cuiabá. – Meus propósitos. – Necessidade de apoio. – O Barão de Mauá.

ERA NECESSÁRIO regressar de imediato. Em poucos momentos estava disposta a partida, e embarcamos nas duas canoas maiores. Por falta de gente e pelos inconvenientes do transporte tive que abandonar a *Vitório Emanuel* que tantos serviços nos prestou, que havia sido construída com nosso próprio esforço, e que levava um nome tão simpático.

À minha chegada ao porto da Esperança, surpreendeu-me encontrar o cozinheiro da expedição que eu expulsara e que acompanhou meu sócio em sua retirada; não duvidei que algum desígnio pérfido o mantinha ali; e com efeito: depois de poucos dias desapareceram com ele oito indivíduos que ao sentirem-se já próximos a lugares povoados, escutaram a voz de sedição do meu sócio. No deserto não o haviam seguido, pela má reputação que gozava e pela aversão que se angariou com o abandono dos enfermos.

Despachei os camaradas e pedi mulas ao Diamantino para transportar minhas bagagens, as quais tardaram bastante. Neste lugar, voltei a ter alguns enfermos; já não me restou dúvida de que a proximidade da extensa lagoa que tínhamos de um lado fora a causa principal das enfermidades que nos afligiram. Dediquei-me ao cuidado dos enfermos; mas tive o pesar de perder meu bom e leal Bacigalupi, meu serviçal, ou melhor, meu amigo, porque bem podia dar este nome a um companheiro de fadigas que não se desmentiu jamais. Levei este infeliz desde Montevideú; como sua constituição era débil, empenhei-me em deixá-lo em Cuiabá ou até devolvê-lo a Montevideú, mas resistiu de tal maneira que tive que ceder às suas instâncias; desejava melhorar sua fortuna e estava resolvido a provar esta aventura, que lhe saiu tão cara. Enterrei seus restos amigos no porto da Esperança e coloquei sobre sua tumba uma cruz. Bacigalupi havia servido na Itália como sargento furriel no regimento Real Nave. Havia estado na Criméia seguindo o exército italiano com um pequeno negócio. Serviu na esquadra de Buenos Aires como oficial de tropa no ano de 1859 e deu baixa quando cessou a guerra. Como não possuía nenhuma atividade econômica



para viver, colocou-se a meu serviço. A perda deste bom homem, cujos restos ficavam ali abandonados, causou-me uma profunda impressão.

Nestes dias soube que existia muito perto destes lugares uma tribo de índios parecis; e, acompanhado de alguns homens, fui visitá-la. Com efeito, encontramos os índios em pequeno número acampados à margem da lagoa aonde vinham pescar e caçar. O fac-símile desta tribo encontrar-se-á na estampa correspondente.

Entrei em comunicação com eles, mas não me era possível fazer-me compreender; só o chefe falava uma ou outra palavra em português.

A operação da pesca não carece de interesse e me entreteve alguns momentos. Recolhem da mata uma trepadeira que chamam *cipó-bravo*, esmagam-na um pouco e a jogam na água. Sem dúvida esta planta tem a virtude de atrair os peixes, que se reúnem em torno dela, mas o que é indubitável é que os paralisa ou estonteia. Neste estado os colhem com a flecha ou os matam a pauladas.

Os parecis são muito destros no manejo da flecha, e nenhum objeto escapa à sua pontaria se está ao alcance de suas armas. Vi um deles matar em vôo um urubu. Gostam muito das armas de fogo.

No dia seguinte, visitaram-me no meu acampamento. Pedi-lhes a eles que me trouxessem as mulheres; e, com efeito, foram buscá-las, mas só vieram três: a mulher do chefe e duas mocetonas com seus maridos. Dei-lhes muitos presentes; demonstrei-lhes o uso da agulha e o emprego de outros objetos. Achei-os muito dóceis; prestaram-se a tudo com facilidade, mas com espanto. Quando coloquei minha máquina fotográfica para retratá-los, alarmaram-se, e tal foi sua preocupação que quiseram fugir, mas tranqüilizei-os mostrando-lhes os retratos de outros índios e fazendo-lhes compreender que ia tirar os seus. Já seguros de que aquele não era um instrumento de extermínio, e de que meu ânimo não era hostil para com eles, mudou seu semblante; começaram a prestar atenção nos retratos dos demais índios e a rir-se estrepitosamente, em especial quando entre eles reconheceram um.

A falta da câmara escura dificultou-me um pouco a revelação, mas sucessivamente fui fotografando estes tipos das tribos brasileiras.

Ao chefe da tribo pedi um filho em troca de minha escopeta (que levava horas observando), pólvora, munição, machados, facas e vá-



rios outros objetos que estimam muito. Percebia-se a vacilação do índio, a influência poderosa daquela sedução, porque dividia seus ávidos olhares entre as prendas oferecidas e a prenda de seu coração. Venceu por fim a natureza; e aquele pai selvagem, mas que era pai, respondeu-me: *Não! grande capitão... Se meu filho se vai, ele chora, eu choro... meu filho morre, eu morro!* Tudo estava dito. Estes monossílabos eram todo um poema de virtude e amor. Exemplo magnífico que podia levar-se ao seio mesmo da civilização, onde às vezes a ternura paterna se pospõe-se à influência da cobiça e onde o esquecimento da natureza ou o silêncio da consciência lança nos braços da perdição a inocência.

Aquele pobre índio, aquele pai amoroso, despertou meus sentimentos e meu respeito, e quis demonstrá-lo com alguns presentes que muito lhe agradaram.

Denominação, na língua pareci, de várias partes do corpo:

Nusubiri	cabeça	Nucano	braço
Nusué	pêlo	Nututani	peito
Nutinié	orelha	Nucaen	mãos
Nuduro	olho	Naisci	ventre
Nuquti	nariz	Nujuso	perna
Naiculiú	boca	Nucuisci	pé
Naiculi	dentes	Nuinivi	costas
Nusisú	língua	Cuno	a parte da mulher

Finalmente chegaram as mulas que esperava; e pusemo-nos em marcha. Os poucos enfermos, já convalescentes, fiz partir antes, bem entendido; havia ficado somente com oito homens, os indispensáveis para a guarda da noite. Encaminhei-me para Vitoriana, onde descansamos um dia a instâncias da anciã antes lembrada e, em seguida, cheguei ao Diamantino.

Experimentei um grande desgosto nesta última jornada. Uma das mulas que carregava minha melhor coleção de objetos de história natural e a máquina fotográfica, disparou e ganhou a espessura da mata, onde tudo se fez em pedaços, conseguindo eu recolher apenas certas curiosidades e a máquina que danificou-se um pouco. Havia conseguido juntar quinhentas e tantas peças bastante interessantes, entre elas a famosa cigarra (a que me referi antes) cujo ventre é armado com a pua mortal. Senti muito esta perda e especialmente algumas vistas de lugares e vários tipos de índios. Não pude consolar-me facilmente por essa catástrofe porque como tal considero um acidente que me privava da maior parte do fruto desta penosa viagem.

Na minha chegada ao Diamantino, ratifiquei com testemunhos respeitáveis o juízo que já havia formado das péssimas condições de meu sócio; e o abandonei naquele ponto.

Encontrando-me próximo ao morro das sete lagoas a que atribuem ser a nascente do Paraguai, decidi visitá-lo. Despachei meus bons companheiros para Cuiabá, acompanhando minhas bagagens.

Um senhor Pereira Guimarães, a quem devi cortesias, proporcionou-me cavalos e parti acompanhado de Agustin Luchi, meu fiel ami-

go e companheiro, de um tal Paolo Fiandesio, que havia substituído meu servente, e de um excelente jovem do Diamantino que me servia de guia. Parti às 2 da manhã, aproveitando a formosa claridade da lua; e às seis encontrava-me ao pé do morro, atravessando um terreno sumamente escabroso e transitando por sendas marcadas pelos caçadores e os animais.

O trajeto é pitoresco: a vegetação é poderosa na proximidade dos arroios e a quina é abundante nestas matas. A formação do terreno e a presença quase superficial do cascalho me fazem crer que contém riquezas minerais muito consideráveis e que seria bem sucedida a exploração do diamante. Ainda com escassez de água, os trabalhos podiam realizar-se na época das chuvas.

Cruzamos uma mata de poucas quadras de largura; aturdiu-me o ruído causado por uma infinidade de bugios ou macacos que a povoam e que são de dois a três pés de altura. Esse guincho especial o produzem em suas cenas de carinho. Esses ecos de galanteria macaca se prolongam a grande distância. Quase a uma légua ouvíamos ainda esse grito penetrante e desagradável. Matei neste caminho algumas perdizes grandes, da cor da torcaz, que chamam no lugar *jabó*; e outras menores muito semelhantes à codorniz da Europa.

A ascensão do morro foi penosíssima. Cruzei três vezes a cordilheira dos Andes e jamais experimentei dificuldades e perigos semelhantes. A subida é quase perpendicular, às vezes; o terreno muito pedregoso e cheio de despenhadeiros. Tínhamos que puxar os cavalos pelo cabresto para ajudá-los; e estes animais acostumados aos terrenos ásperos, agarravam-se aos cerros como gatos. Chegaram ao cume fatigados e suando como se tivessem saído de um rio.

O espetáculo que se nos apresentou à vista era magnífico. Uma extensa superfície, plana e verde como um prado artificial, domina uma grande distância de leste a oeste, que é como corre esta serra. No centro desse plano que parece feito em cima da montanha, e com alguma inclinação ao centro, estão as sete lagoas, quase todas redondas, e a uma distância de $\frac{1}{4}$ a 1 milha entre uma e outra em direção de oeste a leste: sua largura ou diâmetro varia; a menor tem mais ou menos 15 varas; as outras passam de 60. A vegetação aumenta em suas margens, se bem que as árvores que as rodeiam não sejam corpulentas. A palmeira, verde e viçosa, rodeia

preferentemente as lagoas. E parece, por sua espontânea ordenação, que a mão do homem as tivesse plantado e a arte as cultivasse. Cresce nessas águas uma erva especial que não encontrei em todo o território visitado. Essas lagoas se comunicam subterraneamente porque o terreno de sua costa é movediço e úmido, espécie de pântano onde é arriscado submergir-se e perder-se. Estas lagoas não parecem ter fundo porque, nos lugares até onde pude chegar com precaução e introduzir uma longa vara, não pude encontrá-lo.

Da última destas lagoas vai-se formando um regato que vai engrossando e descrevendo uma curva de leste a oeste pela parte do norte, formando abaixo na planície, e à distância de duas léguas, maior largura. Uma légua mais adiante se lhe incorpora o Amolar, rio que já descrevi e que tem suas nascentes ao N. NE., e à distância de 15 léguas. Não me cabe a menor dúvida de que o Amolar é a verdadeira origem do Paraguai, sobre o que se fez uma confusão muito explicável, já que o dito rio se forma também de lagoas idênticas na serra de sua origem. Fundamento-me em várias razões para sustentar este juízo. Em primeiro lugar, pela maior distância a que corre o Amolar e, segundo, por ser muito mais caudaloso na junção. Pode-se dizer com propriedade que o Amolar recebe o fruto das sete lagoas que estou visitando, a uma distância de três léguas ao NE destas, como recebe mais abaixo a confluência do Colorado, do Buriti e, por último, do Diamantino, com a união do qual o Paraguai toma curso na direção oeste. Qualquer destes tributários podia com mais razão que as sete lagoas obter o direito de primazia quanto à origem e nascente do Paraguai; deste ponto a vila do Diamantino demora ao norte 5° Leste, distância de 4 a 5 léguas.

Tampouco me cabe dúvida que estas sete lagoas que vou descrevendo são outras tantas crateras de antigos vulcões extintos. Assim me fazem entender todos os acidentes que noto; e que são outros indícios de que tiveram lugar nesta serra grandes comoções e profundos abalos. Os penhascos fragmentados e a posição de desmoronamento em que estão, a natureza e aspecto da pedra, a fisionomia geral dessas encostas pelas quais transitei, apresentam-me essa consideração; e depois, essas bocas que despejam um caudal de água tão considerável, postas assim a pequenas distâncias sobre terrenos sem fundo e concentradas sobre um declive da

planície, que forma esse grande morro, estão atestando, pode-se dizer, as considerações que me fazem opinar assim.

Nesta altura abunda grande quantidade de veados brancos, e havendo conseguido caçar um, resolvi almoçá-lo à margem da primeira lagoa, que era a menor, com o objetivo de provar e beber a primeira água, que achei excelente.

Terminado meu almoço e minha visita, assegurada minha pesquisa acerca das verdadeiras nascentes do Paraguai, pus-me em marcha com ânimo de chegar antes da noite à Vila do Rosário, onde me propunha ir. A descida do morro foi mais dificultosa e perigosa ainda que a subida. Temíamos a cada instante despencar-nos; e além desta constante ameaça, tínhamos que cuidar para que nossos cavalos, que vínhamos puxando pela brida, não viessem sobre nós. O meu girou um momento, rompendo o freio e arrojando a sela; felizmente, pude evitar seu ímpeto e o pobre animal se salvou detendo-se contra umas grandes rochas. Mas ficou muito machucado.

Para chegar ao Rosário tivemos que transitar por várias serras escarpadas, onde as cavalgadas sofriam muito. Às 6 da tarde entramos na vila e fui hospedar-me na casa de um Sr. Rondon, pessoa de alguma fortuna e de um caráter afável, a quem devi uma hospitalidade muito cordial. Recebi ali a visita das pessoas mais notáveis da vizinhança, que me deram mostras de simpatia, felicitando-me candidamente por meu feliz regresso.

Devolvi meu cavalo ao Diamantino por encontrar-se em mau estado, arranjaram-se outro e, no dia seguinte, continuei minha viagem por um caminho que cruza o Cuiabá por um grande banco. Apesar da minha resistência, um Sr. Barros, pessoa muito afável, quis acompanhar-me por uma légua. Às 10 atravessamos o Cuiabá por um banco de pedras soltas que não tinha mais que dois palmos de água. Infelizmente, no lado oposto, perdemo-nos na mata e só ao anoitecer encontramos o caminho, detendo-nos para dormir à margem de um arroio. Necessitávamos repouso; o sol era abrasador; o campo estava seco e queimado por toda parte; o clima, e sobretudo a seca, no mês de agosto, tornam muito penosa uma viagem nessa região.

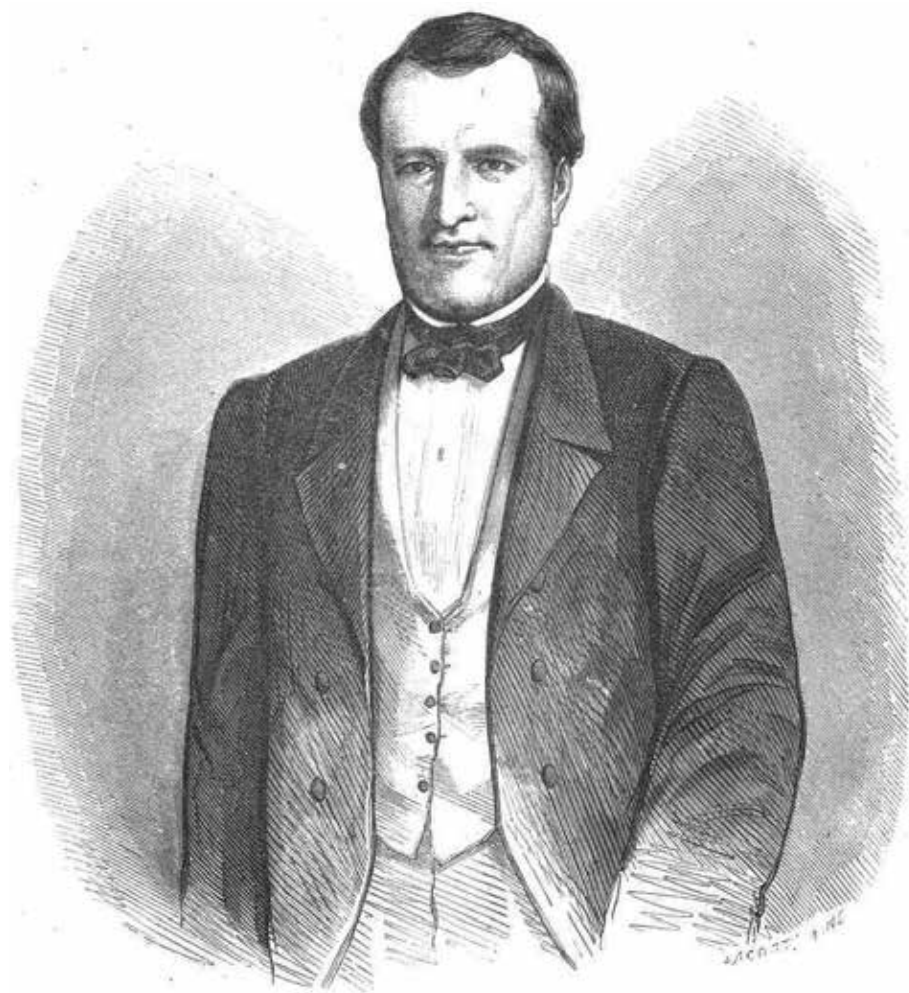
Às 6 da manhã pusemos-nos em marcha e chegamos à Guia à uma da tarde, demorando-nos ali até as três para almoçar e descansar do

forte sol que recebemos no caminho; banhei-me no Coxipó Mirim, nessa água cristalina e fresca que a gente não se cansa de beber. Às 8 da noite entramos por fim na cidade de Cuiabá, por cujo amparo ansiávamos depois de tão rude e fatigante expedição. Meu amigo Alves Ferreira recebeu-me com o afeto de um irmão, felicitando-se com sincera alegria de que seus lúgubres augúrios para dissuadir-me da minha audaz empresa se houvessem frustrado, e recompensando-me com sua franca hospitalidade dos azares e penúrias que acabava de suportar.

Como é bom voltar ao ponto de partida depois de um combate com a intempérie. Encontrar de novo leais amigos que nos seguiram com o pensamento; achar um albergue calmo, uma curiosidade anelante e inteligente, costumes cultos, notícias do mundo e de sua família. Ser acolhido com afeto, com empenho; renovar as esperanças de futuros planos, iniciá-los, desenvolvê-los, não já sobre idéias vagas e misteriosas, senão sobre a realidade demonstrada e sentida. Que doce é sentir o eco humano harmonizado pela civilização, quando ainda retumba e se perde nas cidades o eco da natureza selvagem, o zumbido dos insetos, o bramido noturno das feras na mata. Sobretudo, que alentador é poder dizer aos que esperam, eis-me aqui depois de haver satisfeito uma custosa curiosidade, depois de haver penetrado um mistério; depois de haver evocado para mim e para os demais a silenciosa e obscura existência dos desertos.

O feliz resultado de minha viagem foi motivo de satisfação para meus amigos de Cuiabá. Muitas pessoas de prestígio assim o certificaram, e o Presidente Pena teve a bondade de obsequiar-me com um almoço para o qual convidou alguns funcionários da província. Nesse almoço fizeram-se os votos mais sinceros para que a exploração que acabava de ter lugar se traduzisse em resultados práticos e benéficos para essa parte importante do Brasil.

Eu não hesitaria em esperar assim, quando pude compenetrar-me de que a província de Cuiabá tendo à sua frente magistrados tão fervorosos pelo progresso de seu país como o Sr. Pena, mas a árdua empresa de desenvolver a riqueza desse país com o contingente de braços e a introdução de indústrias são a mola de outras especialidades, nascidas para realizar e complementar as mais grandiosas idéias, não só por seu engenho, mas também pelo giro que deram às suas combinações e pelo lugar que con-



O Senhor Barão de Mauá

quistaram no mundo. Um Barão de Mauá é o que faz falta a Mato Grosso; um homem tão fecundo em seus cálculos, tão certo em sua visão, tão vasto em suas empresas; um homem de cálculo frio e coração patriota, que sabe combinar o benefício de suas operações com o proveito real de sua pátria. Um Barão de Mauá, a quem o Império do Brasil deve uma grande parte das empresas de futuro, e das instituições econômicas mais úteis e evidentes. E cito o Sr. Barão de Mauá, porque, em vista de seus feitos, está colocado entre essas notabilidades cujo nome está ligado à prosperidade das nações pelo vínculo nobre do bem e do progresso.

Mato Grosso necessita povoamento, necessita empresas de colonização em grande escala para que suas colossais riquezas, inertes e esquecidas, se evoquem à superfície das sociedades ávidas pelo ouro, de movimento comercial e de indústrias. Colonização estrangeira; e eis aí o elemento que essas vastas regiões reclamam; e eis aí o presente mais fecundo que o Governo Brasileiro poderia fazer a esta remota região do Império.

.....

Capítulo VI

O objetivo que tive em vista ao publicar estes apontamentos. – O melhor dos meios para obter resultados favoráveis nas empresas é apresentar as coisas como elas são verdadeiramente e sem buscar ficções enganadoras.

COMO meu ânimo ao ordenar estes apontamentos de viagem é despertar a atenção das empresas de colonização para um país virgem e rico, e tender ao maior bem dos interesses do homem como um dever mútuo que a humanidade se deve entre si, procuro guardar a circunspeção devida no relato do que vi e observei, fugindo do exagero que costuma muitas vezes ser um vício dos viajantes que só querem produzir efeito, sem cuidar-se do mal que inferem sem perceber.

Fui, pois, muito parco no relato e nas apreciações que deixo feitas; e segurei o mesmo desígnio nas considerações gerais que vou continuando.

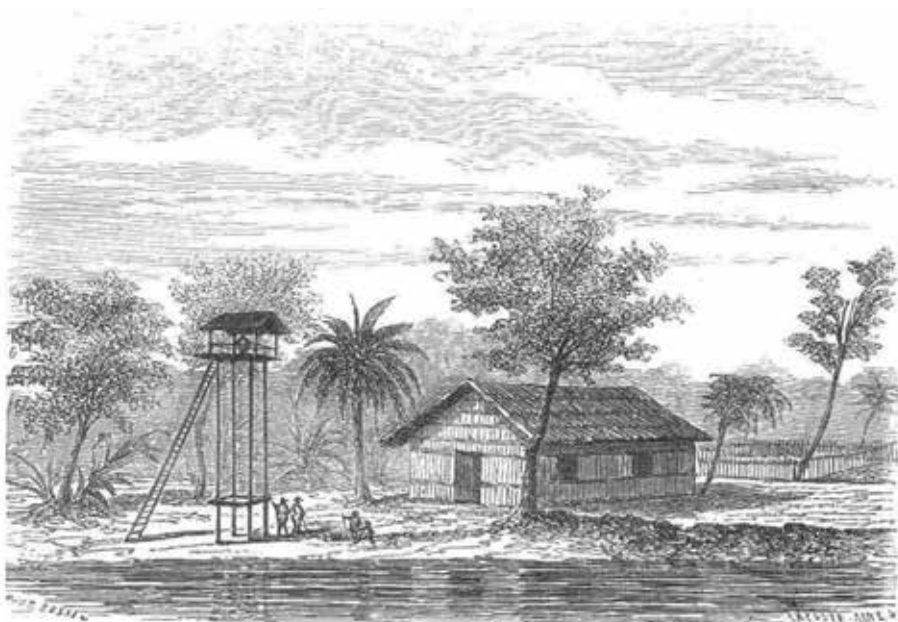
Eu pressinto os destinos dessa região meridional, onde naturalmente há de encaminhar-se a ação do progresso, que é o grande motor de nosso século. Meu pensamento é contribuir para que seja menos paulatina a marcha dessas épocas vindouras; é contribuir para que se acelere a realização de um destino infalível, cuidando-me bem de ensaiar os meios vedados da alucinação, sem o violento recurso das idealizações fantásticas ou calculadas.

Essa tática, ainda que inocente às vezes, deve ser condenada; por minha parte a condeno. É uma forma menos ostensiva do egoísmo e nada mais; mas, afinal, é o egoísmo explorando a ingenuidade, a avidez ou a confiança.

É preciso que as coisas venham naturalmente, demonstrando, convencendo com a própria verdade. Que melhor agente do que a verdade? Ela abre de par em par as portas do bem; ela evita ao mesmo tempo os abismos do mal. Então a manifestação ingênua da realidade, sem coloridos posições, sem pretensões sistemáticas, sem ambages, é o melhor presente que se pode dar a seus semelhantes, porque se lhes dá uma base para seu cálculo, para sua vontade ou seu capricho.

Vi levantar-se como por encanto populações florescentes em ambos hemisférios do Novo Mundo, sem mais do que a revelação de suas vantagens naturais. Soçobrar com grave dano as improvisações forçadas; subsistir as que têm em si o germe robusto de uma existência perdurável e de um progresso ascendente. Não está neste último caso a parte do Brasil que descrevo? Certamente; e por isso indico os vazios, e por isso demonstro os meios de uma legítima e venturosa exploração.

Posto outra vez na cidade de Cuiabá, compilo pois meus dados e observações gerais sobre a região.



Guardia sobre la costa de la Republica del Paraguay (pagina 20)

.....

Capítulo VII

Extensão do território de Mat Grosso. – Sua população. – Seu clima. – A fisionomia do país. – Seus rios – Suas matas. – Estudo sobre a península banhada pelos rios Paraguai e Cuiabá. – Vila Maria. – Riqueza dessa região privilegiada. – Detidas observações sobre os diversos ramos da riqueza natural da província de Mato Grosso. – Sua mineração. – Ouro, diamantes, cobre e ferro. – Suas madeiras. – Suas resinas. – Seus produtos medicinais. – A quina, a ipecacuanha, a borracha, a cera, o mel, a baunilha, a copaíba e a canela. – A árvore da seda. – A agricultura. – A cana-de-açúcar. – O café. – A mandioca. – O trigo. – O milho. – O anil e o arroz espontâneos. – O algodão. – O porvir imenso deste ramo de exploração. – Exposição e demonstração das indústrias mais lucrativas. – O estado da pecuária. – Escassez de cavalos e mulas. – A razão. – Notícias sobre o estado comercial da província. – Sua renda. – Necessidade reclamada pelo progresso dessa província. – Consumo e produções. – Estudos e observações sobre os pontos mais adequados para a colonização.

A PROVÍNCIA de Mato Grosso tem uma extensão de mais de 200 léguas de norte a sul; e outras tantas de leste a oeste. Sua população civilizada é de 50.000 almas mais ou menos, distribuída em sua capital, Cuiabá, que tem quinze mil almas; em Vila Maria, Poconé, Corumbá, Albuquerque, Miranda, Vila Bela de Mato Grosso, a Chapada, o Rosário, a Guia, o Diamantino, Santo Antônio e vários lugarejos mais, de pouca importância.

Dizem que seu clima é doentio; não há exatidão nessa idéia assim lançada. É geralmente sadio; somente nas épocas de chuvas se expe-

rimentam febres nos lugares alagadiços e baixos, como o rio Santana, as Arenas, o Preto, o Arinos em suas costas e Vila Bela de Mato Grosso. Nos povoados e nas terras altas há constante salubridade. Em Cuiabá não há mosquitos e não existem pulgas.

A fisionomia do país é variada. Planícies espaçosas e verdes que se vão sucessivamente elevando para o interior do país, até apresentar cadeias de serras mais ou menos altas, entrecortadas por vales, e que de novo se elevam com as formas mais acidentadas e caprichosas.

Rios consideráveis em certas épocas e uma infinidade de arroios cruzam todo o território. Esses rios que nascem nas entranhas elevadas dessas serras americanas seguem em dois rumos diversos para confundir-se enfim com o oceano, fornecendo as águas dos dois grandes estuários do continente; e em algum desses dias que estão predestinados entre os mistérios do porvir, as gerações que hão de povoar essas regiões abrirão numa rota angular entre o Amazonas e o Prata.

Suas matas, nas costas dos rios, são gigantescas e impenetráveis, abundando as madeiras mais sólidas e apreciadas para construção. O terreno dessas costas é de uma fertilidade incrível, e muito apropriado para a agricultura na generalidade do território.

Entre o rio Paraguai e Cuiabá forma-se uma espécie de península a que antes me referi, e que estes formosos rios banham por ambas as costas, além de outra infinidade de afluentes menores que banham seu seio. Nesta península, e sobre a costa oriental do rio Paraguai, está situada Vila Maria, último povoado brasileiro nessa altura da parte oeste. Vila Maria é o povoado mais importante depois de Cuiabá; tem de três a quatro mil habitantes, e podem chegar até ali embarcações a vela e a vapor; ainda no presente faz-se essa navegação em grandes canoas.

Esta península é a mais apropriada para a colonização, à parte muitos outros pontos importantes e ricos da província de Mato Grosso; mas a proximidade dos rios por onde exportar o valioso fruto do trabalho com grande facilidade, faz-me assinalá-la com preferência pelas grandes riquezas que encerra, e Vila Maria como a posição mais vantajosa.

A riqueza deste ponto, como em toda a província, consiste em seus produtos naturais, que estão em suas matas e em suas minas. A agricultura está no limbo de sua vida; a indústria está por nascer, o trabalho não é a propensão de seus habitantes.

Assim pois, consagrar-me-ei primeiramente aos produtos naturais, começando por suas matas. Aí está sua principal riqueza. Abunda extraordinariamente a árvore da goma elástica em toda a província de Mato Grosso ao norte, que faz a principal riqueza do comércio da província do Pará, assim como na proximidade do Diamantino esta matéria é inesgotável.

A baunilha é encontrada em grandes quantidades em quase toda a península desde o Diamantino até Vila Bela e Vila Maria; colhi amostras que foram apreciadas e que se recomendam por seu excelente aroma. A vagem é maior do que a que vi exportar do México e do Peru.

A canela, a árvore da copaíba, a do maná, encontram-se a cada passo; abunda sobremaneira a quina, que forma o ramo essencial do comércio da Bolívia com a Europa; a ipecacuanha, cuja valiosa importância no comércio de produtos medicinais não necessito encarecer. A cera abunda com profusão; o delicioso mel de diversas classes das quais são infinitas as variedades e a abundância das abelhas. Abunda a salsaparrilha, o sangue-de-dragão, a espigélia, a erva-de-cobra, planta medicinal à qual se atribuem muitas virtudes, e o anil em todos os terrenos úmidos é espontâneo.

Notam-se imensos ervais nessas matas e esse ramo de tanto consumo na República Argentina, na Banda Oriental e no Chile, pode fazer uma vantajosa concorrência com o Paraguai, onde a produção vai diminuindo muito. Acha-se também com rara prodigalidade a árvore de seda, que produz uns grandes glóbulos onde está encerrada uma classe de seda vegetal finíssima e que, por seu comprimento, presta-se à tecelagem. Com muita generalidade encontra-se a opúncia, que alimenta a cochinilha; e a jalapa que tanto se consome na farmácia.

Cada um destes ramos de comércio se constitui por si só uma riqueza.

Eles se oferecem e estão como que provocando a cobiça humana, mas a ausência de braços, a indolência também, deixam-nas perdidas e abandonadas. Eis aí a missão dos homens empreendedores, dos espíritos especulativos, aproveitá-las.

Antes de ocupar-me das assombrosas promessas da exploração agrícola para o consumo do país e para o exterior, vou dar uma olhada preferente à riqueza mineral.

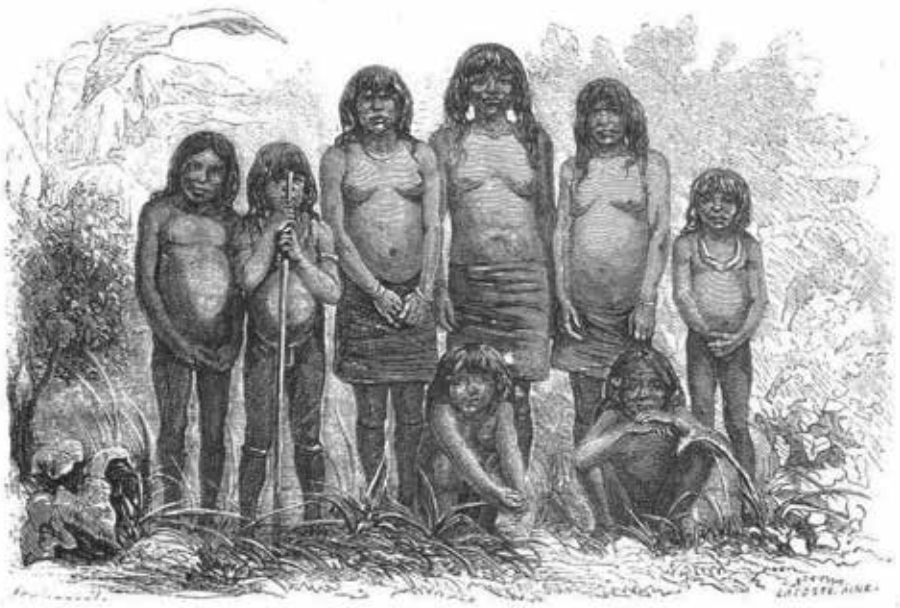
Todo o território está cruzado por veios de quartzo aurífero; as lavadeiras de cascalho abundam e quase se pode afirmar que as riquezas extraídas não são senão uma parte mínima das que existem. Além dos antecedentes que fazem célebre a província de Mato Grosso sob este ponto de vista, pelo que pude julgar na conformação dos terrenos e pela presença de todos os indícios que delatam a existência do ouro e dos diamantes; quase não examinei cascalho sem encontrar partículas de ouro. Não duvido um momento que uma prospecção mais detida e a aplicação de meios mais eficazes que os que empreguei darão preciosos frutos. Os inconvenientes de uma primeira prospecção em uma região tão primitiva e tão vasta, a inoportunidade da extração e a carência de certos recursos, necessitariam ser supridos por trabalhos e pesquisas mais detidas e mais sérias. Consta-me que existem riquíssimas minas de cobre e de ferro, que não foram exploradas e estes metais encontram-se nas cercanias de Vila Maria e sobre as costas do Paraguai, aonde se obtém a dupla vantagem de que podem chegar vapores.

As produções agrícolas são suscetíveis de uma reprodução e de um fruto prodigioso. Todos os sinais e as provas da fertilidade do solo são assombrosos, mas as poucas colheitas que se colhem são calculadas apenas para as poucas necessidades pessoais.

O café em constante atividade se produz sobre a serra como em nenhuma outra parte; as árvores são muito crescidas e rende cada uma dez a doze libras. A cana-de-açúcar se produz extraordinariamente nas costas dos rios, e é tal sua frondosidade que todos os anos é preciso desbastar e derrubar uma parte do plantio para combater sua monstruosa reprodução. Não é necessário plantar a cana senão uma vez; dura quarenta ou cinqüenta anos. Visitei um plantio que tem quarenta e dois anos e está robusto e frondoso. O algodão tem ali seu lugar favorito; a planta é de um tamanho comparativamente gigantesco, produz uma média de oito a dez libras, e sua qualidade é insuperável. Só este ramo podia dar brilhantes resultados a qualquer empresa de colonização, e assegurar o porvir da província de Mato Grosso; os custos e o transporte até Montevideu ou Buenos Aires são fáceis e convenientes, porque geralmente os barcos que sobem carregados de mercadorias voltam em lastro. O arroz cresce por si na mesma prodigiosa abundância, que basta aproximar a canoa aos terrenos adequados para colhê-lo, sem haver tido o trabalho de semeá-lo. O tabaco, que em

abundância se colhe, é de excelente qualidade, e semelhante ao havano, as sementeiras são feitas nas margens dos rios aproveitando os pedaços de terreno que as enchentes deixam limpos. A mandioca se produz infinitamente e deita raízes de dois a três palmos. O milho rende quinhentos por um; e consta-me que o trigo dá-se na serra.

A exploração do trigo é um ramo precioso na província de Mato Grosso e brinda mui sedutoras promessas aos que empreendam essa indústria agrícola, em um país onde se paga de 20 a 40 patações ou pesos fortes por barrica de farinha que se importa.



Grupo de índias parisis

A laranja, que é abundante, apresenta um fenômeno explicado pela fertilidade do solo. Vi árvores que ao mesmo tempo se apresentam cobertas com a flor, com o fruto maduro e com a laranja ainda verde. Três gerações apinhadas que se precipitavam disputando entre si o calor do sol; e quase toda a vegetação nessa região apresenta esse fenômeno singular, ela segue seu curso sem interrupção ou descanso.

A população carece totalmente dos frutos da hortaliça, por falta de braços, e é este outro ramo produtivo de trabalho que se oferece com lucro certo. Os filhos do país não trabalham, e contentam-se com a carne e o peixe. Este abunda tanto nas águas do Cuiabá, que basta deter-se alguns minutos em sua costa para garantir uma boa presa, e é seu principal alimento. Muitos naturais conformam-se em arrebatam diariamente às águas um belo *pacu* para seu almoço e outro que lhe proporcione alguns cobres para beber. Estão contentes de haver trabalhado e estão satisfeitas suas necessidades.

Também a elaboração da manteiga e do queijo é desconhecida, e é um ramo de exploração muito lisonjeiro, em um país onde abunda muito o gado vacum, e as vacas custam de oito a dez pesos fortes. É verdade que a apatia chega ao ponto de que se careça de leite nos povoados.

Eu disse que o gado vacum abunda; o lanar, ao contrário, não existe. Os cavalos são muito escassos, em consequência de uma enfermidade que nestes últimos anos acabou com eles. Hoje, levam-nos da província de Goiás, e as mulas da república da Bolívia. Os cavalos custam de cem a duzentos pesos fortes e as mulas não baixam de cento e cinquenta; estas são destinadas ao transporte, mas por causa de seu alto valor e sua escassez, são substituídas pelos bois, que só custam quinze pesos fortes. Estes pesadíssimos condutores, espécie de antípodas palpitantes da locomoção moderna, são ensinados a carregar sobre o lombo e fazem seu trajeto com uma lentidão e uma parcimônia opressoras.

A navegação a vapor começa a suprir em parte as dificuldades do transporte e a minorar o preço das mulas.

Não aconselharia a certos artesãos que se deslocassem à província de Mato Grosso com o deliberado fim de exercer ali suas respectivas profissões. Os arsenais do governo fornecem operários mais do que sufi-

cientes para o serviço do Estado e do público, nos ramos da carpintaria e ferraria; as demais profissões acharão um bom lucro.

Tampouco aconselharia, por ora, nenhuma espécie de operação comercial que se baseie na importação de manufaturas estrangeiras. O comércio está em sua aurora e não apresenta nenhum sinal de vitalidade e movimento. Está limitado ao mesquinho consumo das localidades, que já têm suas vias estabelecidas de um modo exuberante. Cuiabá, por exemplo, tem cento e onze lojas, sem incluir as bodegas; e seus estoques vegetam por longos períodos. A esperança dos mercadores se baseia mais diretamente sobre um milhão de pesos anuais que o Governo Geral envia para os gastos de administração, para o sustento dos arsenais e das obras públicas e para o pagamento da força militar.

Pode-se avaliar a importância comercial de Mato Grosso pela renda que produz a importação, que ascende a 40.000 pesos por ano. Os direitos provinciais produzem uma soma aproximada; os direitos de exportação podem importar, compreendido o gado, 50.000 pesos.

Se o Governo Imperial destinasse um milhão expressamente à transferência de colônias, seu dispendioso gasto anual ficaria em pouco tempo eliminado do orçamento, e, ao contrário, o aumento de consumo e produção, aumentando consideravelmente a receita, satisfaria os gastos locais.

Há, entre outros, um ramo de indústria muito favorável, que brinda indubitáveis conveniências e que não posso entender como não foi ainda explorado. Este ramo é a curtição dos couros. Ramo que pode exportar como no Paraguai e com maior vantagem que de Tucumán, que paga caro o transporte. Um couro custa um peso em Cuiabá; as matérias necessárias estão à mão e não têm custo. Todas as matas estão cheias da casca adstringente que se emprega no beneficiamento da curtição.

A província do Mato Grosso, rica e fértil, está virgem. Tudo se oferece ali, tudo convida o estrangeiro ao trabalho, tudo desperta sua legítima cobiça e tudo lhe sorri como uma verde esperança.



O coronel João Batista de Oliveira

.....

Capítulo VIII

Necessidade de uma exploração científica. – A colonização. – Meio e raças. – O melhor sistema. – A colonização espontânea e a colonização transportada que é a que convém para Mato Grosso. – Generosidade prática e ilustrada do Governo do Brasil. – Sua iniciativa é uma esperança. – O porvir de Mato Grosso. – Meus votos por ele. – Observações determinadas geograficamente. – A latitude e longitude dos pontos visitados de cujos dados se carecia. – Meu regresso a Montevidéu. – Carta do rio Arinos marcando o caminho percorrido pela expedição.

O

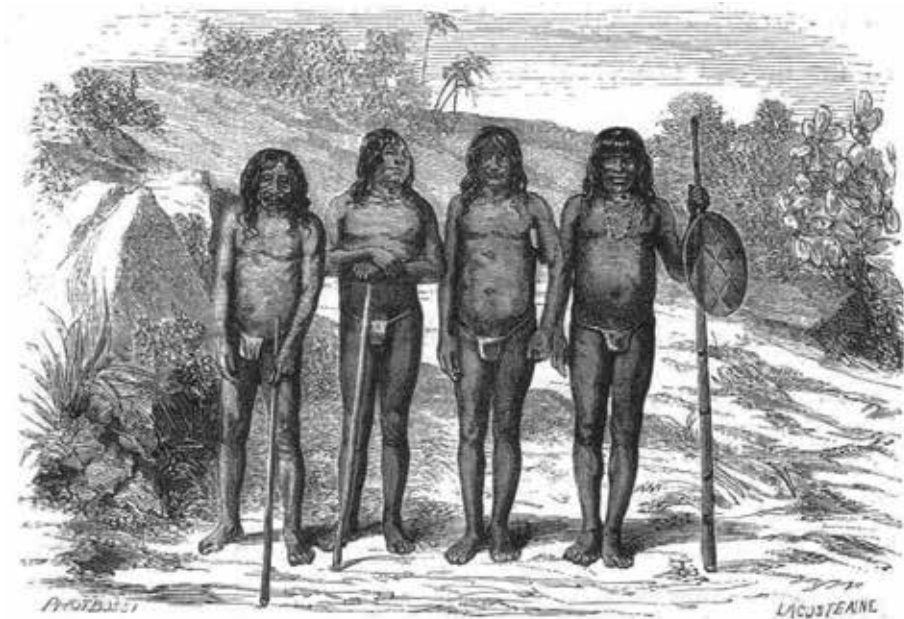
S PONTOS mais indicados para a colonização são, no meu entender, em primeiro lugar, a península aonde está situada Vila Maria, onde a presença da produção há de abrir uma comunicação mais ativa com a Bolívia, cujas primeiras povoações não devem distar, e pela facilidade da extração de produtos ao exterior. Poconé, na mesma península; lugar precioso para a exploração dos plantios. A Chapada, situada sobre a serra onde os produtos agrícolas são deslumbrantes, e que não dista mais que sete léguas de Cuiabá. Corumbá e Albuquerque, os primeiros portos brasileiros subindo o rio Paraguai, considero-os muito propícios; e, por último, as imediações da capital sobre ambas as margens do Cuiabá e do Coxipó.

Creio que julgo com acerto indicando precisamente as duas grandes necessidades práticas que é necessário preencher para desenvolver os grandes elementos de riqueza que encerra a província de Mato Grosso.

A primeira é que o Governo Imperial determinasse a exploração do país, confiando essa nobre tarefa a uma comissão científica que abranja todos os aspectos de semelhante plano. – O estudo competente da região

sob todas suas faces dará maior confiança aos cálculos e empreendimentos que se baseiam sobre essa parte desconhecida do Brasil; e os imperfeitos ou obscuros relatos que se tenham serão ampliados e ratificados pela demonstração oficial, pode-se dizer; pelo testemunho da ciência, da filosofia e dos números. Semelhante empreendimento é muito fácil e não seria tampouco muito custosa: bastaria uma escolta de cem homens de uma boa tropa, bem subordinada e com moral, para percorrer confiadamente todos os extremos da região. O transporte dos utensílios e dos alimentos poderia fazer-se com bois, que são baratos e que é o meio usual na região; além do que, esses animais seriam também um recurso para alimentação quando escasseassem os cereais.

Este primeiro passo, muito acertado a meu ver, é a melhor garantia para impulsionar a imigração estrangeira, que seria em definitivo o motor desses primeiros trabalhos. Este ponto da questão é o mais grave, porque é o mais transcendente e, pode-se dizer, o capital e único, na resolução de um grande problema social e econômico que a América ainda não pode assegurar.



Grupo de índios parecis

Há dois sistemas que trazer perante a consideração dos homens de Estado, das inteligências profundas que o Brasil encerra, a saber: se deve-se preferir o paulatino ingresso da colonização espontânea ou se é conveniente para a província do Mato Grosso promover a internação das colônias organizadas em grande escala e promovidas nas fontes exuberantes de população européia.

Se se tratasse de uma região menos distante e já mais conhecida, permitir-me-ia indicar o primeiro desses sistemas. O Brasil, em seus povoados costeiros, tem suficientes elementos de atração para preocupar-se com o aumento de populações que crescem e têm que crescer consideravelmente, por sua posição geográfica, por sua riqueza, por seu contato freqüente com o estrangeiro. A emigração espontânea é um fato que passa como coisa julgada. Mas a colonização espontânea favorecida para o interior mais remoto do Império não dá, não pode dar, os resultados desejáveis.

O ilustre Governo Imperial é sobremaneira generoso, e até prodigo, em favor da colonização parcial. Os colonos que se apresentam em Montevideú ao Sr. Ministro do Império e solicitam ser transportados a Cuiabá, obtêm passagem grátis; e ali recebem terras férteis, ferramentas, utensílios, víveres para um ano; isto é, constitui-os proprietários e os põe no caminho ascendente da prosperidade. No entanto, não é o bastante; não é eficaz esse recurso porque, mais abaixo dessa região que necessita apoio, está manifesto o antagonismo de comarcas mais próximas, que também necessitam de braços e onde a vida é fácil e o trabalho abunda.

Assim, pois, os poucos emigrantes que se decidem, de quando em quando, a internar-se até Cuiabá, por exemplo, formarão nada mais que um punhado mínimo e insignificante para uma população coletícia, sem vínculos, sem interesses deliberados entre si, sem concentração, sem força para produzir nem para adquirir. Átomos que se perderão entre populações inertes, onde o contágio da molície se agarrará a eles até confundirlos. Átomos que vão guiados por uma vaga idéia de adquirir fabulosas fortunas em um dia, mas que não estão alentados pela idéia inveterada do trabalho, dos hábitos laboriosos e das condições de permanência. Estes ensaios darão resultado contraproducente; porque o estrangeiro que isoladamente vai tentar fortuna, sem levar nenhum contingente industrial, logo se convence de sua impotência e, necessariamente, transmite externamente

seu desencanto com coloridos ainda mais desanimadores, guardando-se bem de exhibir as causas verdadeiras e explicáveis de seu fracasso, que não serão outras que o isolamento de suas forças e de seu propósito. Que faria um homem, que fariam dez, transportados a terras longínquas onde é necessário introduzir o espírito empreendedor que não existe? Não possuem capitais esses exploradores da sorte; são de diferentes nacionalidades, com hábitos, propensões e caracteres diversos, com diferente língua, sem coesão entre si, sem essa aliança dos costumes e das tendências. Que poderiam fazer? Acometer vastas empresas de agricultura? Seria necessário que concordassem entre si para alcançar seus fins, que a equidade, que o interesse comum prevalecessem em todos os espíritos, e isto parece impossível. Dedicar-se-ão à exploração das riquezas naturais das matas? Essa empresa reclama iguais condições; do contrário, o fruto individual será raquítico. Dedicar-se-ão à mineração? Isso exige capitais, multidão de braços e inteligência e conhecimentos especiais.

Estas observações, que me parecem muito naturais e lógicas, referem-se ao imigrante espontâneo. Agora perguntar-me-ei ao mesmo tempo. Qual seria a vantagem que por sua parte alcançaria o país? Nenhuma. A vantagem que uma nação ou um Estado qualquer deve esperar da colonização é, por assim dizer, uma permuta de conveniências. Introduzem-se levas de habitantes estranhos, com grande custo e com grandes promessas, não com o gosto filantrópico de melhorar sua sorte e de enriquecê-las. São trazidos para afastar os desertos, para explorar em comum a riqueza natural, para formar povoados, para dar valor à propriedade, para aumentar o consumo e a produção, para fixar uma base para os futuros ingressos de outra população espontânea que virá, para tornar indispensável e permanente o comércio com seu cortejo de indústrias, de capitais, de civilização; e com os profusos acessórios morais do gosto e a recreação da arte que fazem os encantos da vida.

Se não é este o fim direto da colonização para Mato Grosso, essa magnífica província permanecerá com suas riquezas desconhecidas, com sua terra virgem, com seus produtos assombrosos, com sua plácida e grata sonolência, porque a emigração isolada e espontânea não é bastante para despertá-la, não é bastante para criar os estímulos e as necessidades, nem a preparar, pela acumulação material de braços, o porvir dessas comarcas.

Populações que trabalhem, que produzam e consumam, isso é o que requer Mato Grosso, para forjar a fecunda cadeia do comércio com os demais povos do mundo, para sair à superfície das sociedades contemporâneas, com seu rosto juvenil e seus brilhantes e dourados atavios.

No meu modo de ver, isso se conseguiria facilmente aceitando um meio conducente e elaborando um vasto plano de imigração que abranja os dois sistemas; isto é, deixando em pé as práticas atuais do governo imperial, concedendo passagem aos colonos espontâneos, e promovendo, negociando e estimulando o traslado de milhares de famílias européias sob condições que não possam ser menos que generosas, que construirão seu bem-estar e sua fortuna, e que farão prosperar o país de sua residência e a propriedade de seus filhos.

Este plano de colonização pode ser realizado, ou pelo próprio governo, fazendo servir a diplomacia para esse fim; ou por meio de empresas que ofereçam as garantias adequadas. Estas empresas vacilariam, talvez, pela dificuldade e custos do transporte pelos rios, mas estou persuadido de que o governo imperial não hesitaria em prestar por certo tempo o auxílio gratuito de um par de vapores que essencialmente se consagrassem a esse tráfico desde Montevidéu a Cuiabá ou aos pontos designados à colonização.

Um tráfico semelhante, regularizado, regulamentado, constante, daria em pouco tempo os resultados desejáveis, e o governo recolheria daí em diante e muito multiplicado o valor dos desembolsos que adiantasse. Iniciada assim a corrente de imigração em grande escala, ela ficará perduravelmente estabelecida e mantida por sua virtude espontânea e lógica.

Uma das investigações prévias que deveria surgir, é a natureza da imigração que convenha fomentar. Toda população é boa em países que necessitam da acumulação de trabalho material antes de tudo, que possui em si mesmo instituições que não hão de mudar e que têm concluída e aprofundada sua organização.

Quase todos os ensaios que o Brasil tentou nesta matéria parecem ter-lhe sugerido a preferência pela raça saxônica. Os Estados Unidos absorveram altas cifras de população alemã como a preferente; e parece, com efeito, que essa raça se houvesse ligado como uma encarnação nos cálculos modernos sobre imigração européia. Eu não diria outro tanto

quando se trata do interior do Brasil, na parte que visitei. A dureza da língua, a inflexibilidade dos costumes e a natureza do homem, parece que distanciam a assimilação às condições próprias no país aonde vai fixar-se e viver.

Se os portugueses tivessem uma população exuberante para espalhar em outros países, creio que seria excelente e a mais indicada, porque as suas propensões laboriosas unem a analogia de línguas e talvez de costumes.

Porém, para onde deveria dirigir-se o cálculo do Governo Imperial com maior afinco é à França e à Espanha. A população das províncias Vascongadas, por sua moralidade, por seu vigor, por sua experiência nos trabalhos ásperos e viris, é a mais adequada para a exploração das riquezas de Mato Grosso. Há outras províncias agrícolas da França que deram ao exterior mostras muito recomendáveis e muito aptas para assegurar-se uma existência feliz e até invejável fora de sua pátria.

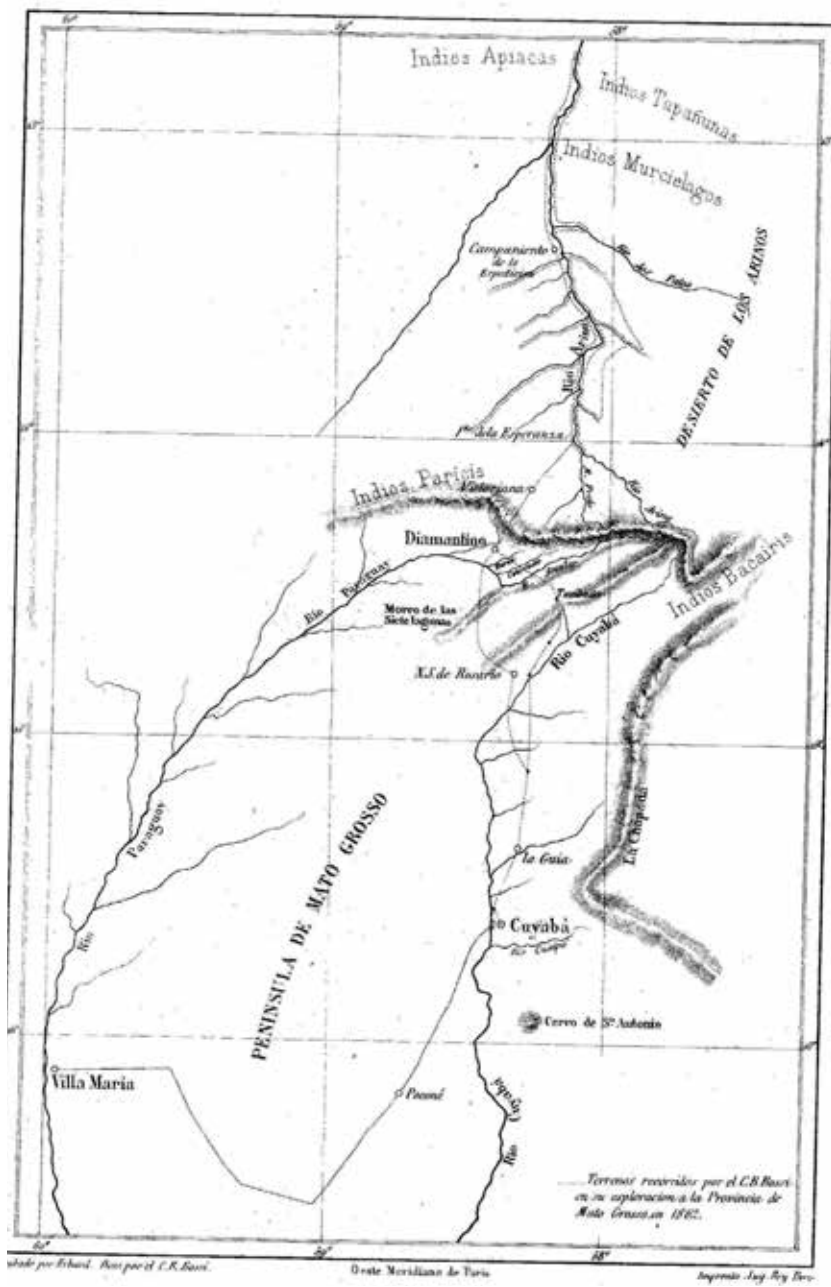
Também a província da Galiza, pelo especial caráter de seus filhos, por sua moralidade proverbial, por sua assiduidade nos trabalhos rigorosos, creio muito adequada e muito na primeira linha para uma empresa de colonização na região de que me ocupo.

Os governos europeus, já precavidos contra certos desenganos que são obra de especuladores sórdidos e incompetentes, tornaram-se escrupulosos e cautelosos acerca dessas empresas que, mais de uma vez, comprometeram a sorte de seus súditos, mas, desde que se interpusesse como uma solene garantia à respeitabilidade do Governo brasileiro, e ficasse demonstrada uma conveniência futura para milhares de famílias condenadas a uma penosa condição no Velho Mundo, até poderia obter-se o concurso mesmo desses governos na realização de um plano tão fecundo, tão grandioso e tão humanitário.

Não trato de estudar aqui nem os meios nem os sistemas mais eficazes de realizar a colonização européia; trato só de apontar essa necessidade iminente. O Governo brasileiro é bastante ilustrado e profundo, é bastante zeloso dos interesses de seu país, para que se lhe dispute a competência, em uma matéria que lhe diz respeito, e que faço votos para que realize em prol dos interesses de uma das províncias mais ricas de seu império. Como me sentiria feliz se o rápido esboço que tracei de minha viagem por

Mato Grosso e as considerações que ela me sugeriu contribuíssem em algo para acelerar um dia os prósperos destinos dessa região!

No dia 2 de outubro despedi-me de meus bons amigos de Cuiabá com a promessa de voltar logo a visitá-los. Necessitava trasladar-me com rapidez a Montevideú a fim de desmentir com minha presença falsos e exagerados rumores que circularam a respeito do resultado funesto da minha expedição e ainda da minha morte, e que podiam chegar até minha família. Desci de novo por esses rios magníficos, líquidos condutores da civilização e do progresso; estendendo a vista por essas campinas verdes e brilhantes como uma esmeralda perdida entre as rochas; divisando como uma silhueta, na distância, as serras da Bolívia no horizonte, desde onde um dia outros povos e outros homens nos estenderam a mão; contemplando extasiado essa majestade sublime que sob mil formas, apresenta-se aos olhos do homem civilizado que busca em vão esse ruído atroador da indústria e do trabalho, que virá talvez logo perturbar estas solidões eternas...



Mapa da região percorrida
por C. Bartolomé Bossi

.....
Índice onomástico

A

ALVES – 63
ARIOSTO – 74

B

BACIGALUPI – 96
BARBUDO – Ver JOÃO FRANCISCO
BARROS – 102
BITANCOURT – 63

C

CABRAL, Pascoal Moreira – 60, 62
CAMPOS, Antônio – 60
COE – 29
CORIOLANO – 29

D

D'ALMEIDA, Ricardo Franco – 48

F

FERRAIOLI, Nicolas – 84
FIANDESIO, Paolo – 100

G

GARAY, Juan da – 28
GARCIA, Aleixo – 60
GUIMARÃES, Francisco Luís da Costa
– 63

J

JOÃO FRANCISCO – 62

L

LAVALLE (general) – 28
LAVARELLO (capitão) – 35, 36
LEVERGÉ, Augusto – 66, 67, 71
LOUSADA – 67
LUCHI, Agustín – 89, 99

M

MARTINS, Jesuíno de Sousa – 67
MASOTTI, Felis – 89
MAUÁ (barão de) – 104, 105

N

N.N. [?] – 63
NOVELLI, Carlos – 60

O

OLIVEIRA, João Batista de – 67, 116

P

PAEZ, Francisco – 77
PENA, Herculano Ferreira (governador
da província de Mato Grosso) – 27,
65, 70, 103
PEREIRA GUIMARÃES – 99
PINTO (padre) – 77

R

RIVERA, Lázaro de – 47
ROCHA FARIA – 63
RONDON – 102
ROSAS (general) – 28

S

SABINO (tenente) – 70
SAN MARTÍN (general) – 27
SOÍDO, Antônio Cláudio (capitão) – 57
SUTIL, Miguel – 62

T

TASSO – 74

U

URQUIZA (general) – 29

W

WASHINGTON, [George] – 28

Viagem Pitoresca pelos rios Paraná, Paraguai, São Lourenço, Cuiabá e o Arinos, tributário do grande Amazonas, de C. Bartolomé Bossi, foi composto em Garamond, corpo12, e impresso em papel vergê areia 85 g/m², nas oficinas da SEEP (Secretaria Especial de Editoração e Publicações), do Senado Federal, em Brasília. Acabou-se de imprimir em abril de 2008, de acordo com o programa editorial e projeto gráfico do Conselho Editorial do Senado Federal.

O genovês Bartolomé Bossi nasceu por volta de 1819.

Livro raro, originalmente publicado em língua espanhola, em 1863, por Dupray de la Mahérie, em Paris, com 153 páginas, ilustrado com um mapa do itinerário da viagem desenhado pelo autor e gravado por Erhard, além de 34 gravuras de Lacoste (Pai & filhos), a partir de fotografias tiradas pelo próprio Bossi. O exemplar que serviu de base para esta edição, foi gentilmente cedido pelo pesquisador Luis Lisanti.

A viagem que ele relata neste livro começou em Montevidéo em 1862, passando por Buenos Aires e outras cidades, comandando uma pequena expedição ao interior de Mato Grosso, percorrendo o Alto Paraguai, os sertões das serras dos Parecis, descendo o Arinos. Estudou as regiões visitadas do ponto de vista geográfico e das produções naturais. A intenção era, também, fazer um levantamento para a elaboração do primeiro mapa da região, em grande parte inexplorada.

A viagem não foi nada tranqüila. O alugueis e os alimentos eram caros. Bossi enfrentou índios, animais e descontentamentos dos próprios integrantes da expedição. Teve de enterrar companheiros na floresta, vitimados por doenças.

O relato de Bossi, é sem dúvida um relevante documento histórico, etnográfico e geográfico, uma excelente contribuição à bibliografia relativa aos viajantes estrangeiros no Brasil.

Além de viajante, Bossi dedicou-se ao jornalismo, foi escritor, armador, comerciante, marinheiro, fotógrafo, e tinha ainda aptidão para a pintura.

Foi cônsul da república do Uruguai na cidade de Valparaíso, de onde escrevia crônicas sobre temas diversos para o jornal *El Siglo*, de Montevidéo. Intitulava-se ex-coronel da Confederação Argentina. Publicou no jornal *El Deber*, de Valparaíso, um interessante relato sobre sua visita à ilha de Robinson Crusóé (Juan Fernández).

Bossi morreu em Niza, Itália, em 1890.